

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

FERNANDO BERTANI GOMES

“CENAS EMBAÇADAS”: A RELAÇÃO ENTRE AS ESPACIALIDADES
VIVENCIADAS POR JOVENS DO SEXO MASCULINO E A MORTE POR
HOMICÍDIO NA CIDADE DE PONTA GROSSA – PR

PONTA GROSSA
2013

FERNANDO BERTANI GOMES

“CENAS EMBAÇADAS”: A RELAÇÃO ENTRE AS ESPACIALIDADES
VIVENCIADAS POR JOVENS DO SEXO MASCULINO E A MORTE POR
HOMICÍDIO NA CIDADE DE PONTA GROSSA – PR

Dissertação de Mestrado apresentada
para obtenção do título de Mestre, no
Programa de Pós-Graduação em
Geografia, Mestrado em Gestão do
Território, Setor de Ciências Exatas e
Naturais da Universidade Estadual de
Ponta Grossa.

Orientadora: Prof.^a. Dr^a Joseli Maria
Silva

PONTA GROSSA
2013

Catálogo na Fonte
Elaborada pelo Setor Tratamento da Informação Bicen/UEPG

G633 Gomes, Fernando Bertani
 “Cenas embaçadas”: a relação entre as espacialidades vivenciadas por
 jovens do sexo masculino e a morte por homicídio na cidade de Ponta Grossa -
 PR / Fernando Bertani Gomes. Ponta Grossa, 2013.
 173f.

 Dissertação (Mestrado em Geografia - Gestão do Território).
 Universidade Estadual de Ponta Grossa.
 Orientador: Profa. Dra. Joseli Maria Silva.

 1. Espaço. 2. Masculinidade. 3. Morte. 4. Jovem. 5. Homicídio. I. Silva,
 Joseli Maria. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em
 Geografia. III. T.

CDD:364.152

FERNANDO BERTANI GOMES

“CENAS EMBAÇADAS”: A RELAÇÃO ENTRE AS ESPACIALIDADES
VIVENCIADAS POR JOVENS DO SEXO MASCULINO E A MORTE POR
HOMICÍDIO NA CIDADE DE PONTA GROSSA – PR

Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa, 10 de abril de 2013

Dra. Joseli Maria Silva
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Dr. Benhur Pinós da Costa
Universidade Federal de Santa Maria

Dr. Marcio Jose Ornat
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Dedico aos meus ritornelos de
alegria: Aline, Mariana e meus
pais, Sueli e Ednilson.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha orientadora, professora Joseli Maria Silva, quem subverteu os limites possíveis do olhar da Geografia brasileira e mesmo que lá nos lados de cima seja mal-dita, aqui embaixo no chão de todos, pessoas de coragem como ela, são sempre bem-quistas.

Agradeço aos meus companheiros do GETE com quem alarguei minhas fronteiras do pensamento, especialmente ao Heder Leandro Rocha pela amizade sincera e pela companhia bem presente nessa trajetória investigativa e imaginária. Também ao professor Marcio Jose Ornat, pela progressiva aproximação e participação nessa pesquisa, com diálogos teóricos e conversas sobre um mundo mais justo. E Alides Baptista Chimin Junior e Rodrigo Rossi pela constante contribuição teórica e conceitual.

Ao meu amor Aline Ansbach Garabeli, que para além do apoio sentimental e espiritual, também está presente de maneira direta nessa dissertação, ousar dizer, que sem ela essa pesquisa não teria se concretizado, pelos inúmeros dias de ajuda no campo exploratório e na sistematização dos dados. Sem falar das partilhas de lágrimas de indignação e dos sorrisos de esperança.

A Rubia Nara Diniz Ribeiro, escritã da 13ª Sub Divisão da Polícia Civil de Ponta Grossa não só por ter disponibilizado os dados, mas pela atenção e interesse na pesquisa.

Aos meninos da Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro, não só aos entrevistados, mas a todos com quem partilhei dias e aprendi que a vida é uma constante prática de governo de si, uns são profundamente governado pelos outros, outros governam a si autonomamente e outros governam sua sobrevivência diante das “cenas embaçadas”.

A minha família pelo apoio e motivação, sem os sulcos talhados à ferro as águas não teriam caminho certo para correr, da mesma forma meu pai, mãe e irmã são responsáveis pela base dessa trajetória.

Agora é o espaço em vez do tempo
que esconde as consequências de nós

John Berger

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo compreender a relação entre as espacialidades vivenciadas por jovens do sexo masculino e a morte por homicídio na cidade de Ponta Grossa, Paraná. As mortes violentas no país têm se concentrado na faixa jovem do sexo masculino, frente a isso, foram analisados 79 inquéritos policiais de homicídios ocorridos entre 2010 e 2011 através da 13ª SubDivisão Policial de Ponta Grossa e das Varas Criminais da mesma cidade. O perfil mais vitimado encontrado na análise documental foi de pessoas do sexo masculino com idade entre 15 e 25 anos, moradores de áreas periféricas pobres da cidade, com baixa escolaridade e envolvidos com drogas. Dessa forma, a pesquisa realiza um deslocamento metodológico dos corpos mortos para formas de vidas vulneráveis a morrer vítima de homicídio, tomando como referencial empírico os jovens em tratamento das drogas na Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro, na qual foram realizadas 6 entrevistas semi-estruturadas, através das quais foi possível categorizar as espacialidades vivenciadas pelos jovens do sexo masculino em que a violência e a morte estão presentes como um elemento inter-relacional. As espacialidades como a rua, a vila e o tráfico foram analisadas através dos agenciamentos concretos frisando as relações que dão continuidade às performances de masculinidade violenta e a morte, em suas múltiplas faces cotidianas. As práticas espaciais dos jovens do sexo masculino estão tramadas por elementos que os posicionam como vulneráveis a morrerem assassinados, como as performances de masculinidade locais interseccionada à territorialidade do tráfico de drogas.

Palavras-chave: Espaço, masculinidade, morte, jovem, homicídio.

ABSTRACT

This work aims to understand the relation between spatialities lived by masculine youths and death by homicide in the city of Ponta Grossa, Paraná. The violent deaths in the country have been concentrated in the age group of masculine youths. Considering this, were analyzed 79 police inquiries of homicides occurred between 2010 and 2011 of 13^o Police Subdivision of Ponta Grossa and the Criminal Jurisdictions from the same city. The most victimized profile found in the documental analysis were of masculine people aged between 15 and 25 years, resident of poor peripheral areas of the city, with low schooling and involved with drugs. Thus, the research makes a methodological displacement of the dead bodies to forms of life vulnerable to die victim of homicide, taking as empiric referential youths in treatment of drugs in Therapeutic Community Marcos Fernandes Pinheiro, where were made 6 semi-structured interviews, by which was possible categorized the lived spatialities by masculine youths in which the violence and death are present as an inter-relational element. The spatialities as the street, village and traffic were analyzed through the solid agencements emphasizing the relations that give continuity to performances of violent masculinity and death, in its daily multiple faces. The spatial practices of masculine youths are plotted by elements that position them as vulnerable to die murdered, like performances of local masculinities intersecting to the territoriality of traffic of drugs.

Keywords: Space, masculinity, death, youth, homicide.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	–	Áreas do conhecimento científico e a pesquisa sobre 'Morte'	20
Gráfico 2	–	Os sujeitos nas pesquisas científicas sobre a Morte	22
Gráfico 3	–	Pesquisas científicas sobre a morte entre 1987 e 2010	23
Gráfico 4	–	Idade das vítimas de homicídio entre os anos de 2010-2011, na cidade de Ponta Grossa – Paraná	46
Gráfico 5	–	Estado Civil das vítimas de homicídio do sexo masculino entre os anos de 2010-2011, na cidade de Ponta Grossa – Paraná	47
Gráfico 6	–	Raça/cor das vítimas de homicídio entre os anos de 2010-2011, na cidade de Ponta Grossa – Paraná	48
Gráfico 7	–	Período do dia dos crimes de homicídio entre os anos de 2010-2011 em Ponta Grossa – Paraná	52
Gráfico 8	–	Espacialidades Vivenciadas pelos Adolescentes Entrevistados da Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro	79

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	Cartograma do Local de moradia das Vítimas de homicídio do sexo masculino entre os anos de 2010-2011, na cidade de Ponta Grossa – Paraná	49
Figura 2	–	Cartograma dos locais dos crimes de homicídio entre os anos de 2010-2011 na cidade de Ponta Grossa – Paraná	54
Figura 3	–	Mapa de sentido das Percepções dos depoentes sobre a vítima de homicídio	56
Figura 4	–	Área de moradia dos adolescentes usuários de crack atendidos pela Comunidade Terapêutica	64
Figura 5	–	Componentes presentes nas Evocações	74
Figura 6	–	Diagrama das espacialidades centrais	81
Figura 7	–	Diagrama da Rua	83
Figura 8	–	Diagrama da Vila	93
Figura 9	–	Diagrama da Casa	98
Figura 10	–	Diagrama do Mocó	102
Figura 11	–	Diagrama do ‘Tráfico’	108
Figura 12	–	Diagrama Inter-espacialidades	126
Figura 13	–	Diagrama sobre Morte	128
Figura 14	–	Diagrama de relações inter-espaciais e a morte	151

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	–	Crescimento % Anual do Núcleo de Homicídio por Área Geográfica no Brasil, 1980-2008 conforme Ministério da Saúde	42
Tabela 2	–	Entrevistas Realizadas	68

LISTA DE SIGLAS

AIESP	–	Áreas Integradas de Segurança Pública
BD	–	Banco de Dados
BDTD	–	Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	–	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CENSE	–	Centro de Socioeducação
ECA	–	Estatuto da Criança e do Adolescente
GETE	–	Grupo de Estudos Territoriais
GUPE	–	Grupo Universitário de Pesquisas Espeleológicas
IBGE	–	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IML	–	Instituto Médico Legal
NEV	–	Núcleo de Estudos da Violência
PCC	–	Primeiro Comando da Capital
SDP	–	Subdivisão Policial

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
CAPÍTULO I – VIDAS DESPERDIÇADAS: JOVENS DO SEXO MASCULINO, ESPAÇO E A MORTE POR HOMICÍDIO EM PONTA GROSSA – PR	19
1.1- CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS, ESPAÇO E MORTE	19
1.1.1- A produção do conhecimento científico a respeito da morte e a Geografia	19
1.1.2- Proposições iniciais sobre sujeito e espaço	26
1.2- GÊNERO, MASCULINIDADE, ESPAÇO E MORTE	30
1.2.1- Os jovens do sexo masculino, espaço e vulnerabilidade à morte por homicídio	30
1.2.2- Juventude e sexo masculino como vítimas de morte na sociedade brasileira	40
1.3- OS JOVENS HOMENS, VÍTIMAS DE HOMICÍDIO EM PONTA GROSSA – PR	43
1.3.1- O perfil socioeconômico das vítimas de homicídio	43
1.3.2- As características e os motivos da morte por homicídio nos inquéritos policiais em Ponta Grossa	51
CAPÍTULO II- ESPACIALIDADES E VIVÊNCIA COTIDIANA DE JOVENS DO SEXO MASCULINO VULNERÁVEIS AO HOMICÍDIO	61
2.1- JOVENS DO SEXO MASCULINO EM TRATAMENTO DO CRACK E SUA RELAÇÃO COM A MORTE POR HOMICÍDIO	61
2.1.1- O perfil dos jovens entrevistados	61
2.1.2- O processo de aproximação à Comunidade Terapêutica	67
2.2- OS ‘CORRES’: TRAJETÓRIAS ESPACIAIS DE JOVENS DO SEXO MASCULINO VULNERÁVEIS AO HOMICÍDIO	75
2.2.1- Sobre <i>assemblage</i> e platôs: as espacialidades vivenciadas pelos jovens do sexo masculino	75
2.2.2- A Rua e as cenas loucas	81
2.2.3- A Vila e os parceiros	91
2.2.4- A Casa e a família	97
2.2.5- O Mocó e os camaradas	101
2.2.6- O Tráfico e o futuro	106

CAPÍTULO III – VIDAS SEVERINAS: A MORTE COMO ELEMENTO DAS PRÁTICAS ESPACIAIS DOS JOVENS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE AO HOMICÍDIO	114
3.1- AS MÚLTIPLAS TRAJETÓRIAS ESPACIAIS DE JOVENS DO SEXO MASCULINO E OS AGENCIAMENTOS DA MORTE	114
3.1.1- A morte criando vida numa trajetória científica	114
3.1.2- Diagramas: jovens do sexo masculino e as múltiplas trajetórias espaciais	121
3.2- DE ‘CENAS LOUCAS’ A ‘EMBAÇADAS’: AS PRÁTICAS ESPACIAIS DE JOVENS DO SEXO MASCULINO E OS ENUNCIADOS DA MORTE	127
3.2.1- Espacialidades vivenciadas pelos jovens do sexo masculino e as faces da morte	127
3.2.2- Vidas nuas: corpos delinquentes e os espaços da possibilidade	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
REFERÊNCIAS	159
ANEXO 1 Roteiro de Entrevista – Fernando Bertani Gomes	166
ANEXO 2 Roteiro de Entrevista – Heder Leandro Rocha	168
ANEXO 3 Banco de Dados para sistematização dos inquéritos policiais da 13 ^o SubDivisão de Polícia Civil de Ponta Grossa e Varas Estaduais Criminais de Ponta Grossa.....	171
ANEXO 4 Banco de Dados para sistematização das entrevistas realizadas com os jovens em tratamento das drogas na Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro	172
ANEXO 5 Autorização para realização das entrevistas	173

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esse trabalho tem como objetivo central compreender a relação entre as espacialidades vivenciadas por jovens do sexo masculino e a morte por homicídio na cidade de Ponta Grossa – PR. Para atender a questão central, foram organizadas três sub-questões. A primeira busca compreender quem são os jovens vítimas de homicídio em Ponta Grossa – PR; a segunda questão está situada em apreender as espacialidades vivenciadas por esse perfil de subjetividade e como compõem sua vulnerabilidade à morte violenta; e por fim compreender como a morte se constitui como um elemento cotidiano desses jovens.

A investigação posiciona a morte violenta como um componente vivo nas múltiplas espacialidades vivenciadas por jovens do sexo masculino, moradores de vilas periféricas pobres e com envolvimento com as drogas.

A pesquisa tem como ambiente o Grupo de Estudos Territoriais (GETE), que dentre seus campos de investigação elaborou pesquisas referentes a masculinidades marginalizadas e atos infracionais de adolescentes. Além de conceber o espaço como um componente de vulnerabilidade a práticas infracionais e essas serem articuladas entre diferentes territórios urbanos, percebeu-se que esses sujeitos compunham espacialidades de riscos de vida.

As mortes violentas no país têm se concentrado na faixa jovem do sexo masculino, mas nem por isso pode-se afirmar que ser homem jovem é a única condição para ser morto vítima de homicídio. A vivência humana comporta múltiplas expressões de sujeitos, da mesma maneira em que não há somente uma única forma essencial de ser ‘homem’. Gênero deve ser tomado como uma representação que ganha ‘corpo’ e ‘substância’ a partir de constantes normas regulatórias. Contudo esse processo é responsável somente pela ‘invenção’ de gêneros ideais e não tem o domínio de impedir que sejam criadas novas formas de subjetividade, ou melhor, outras múltiplas expressões de masculinidades. Os corpos vivos se expressam como uma constante espacialização, o que quer dizer que os sujeitos ganham forma sempre inter-relacionados às relações de força que os cercam. Nesse sentido, analisar as vítimas de homicídio é ater-se às práticas espaciais e as formas de subjetividade que permeiam esse delito.

A morte pode ser tomada não só como um fato a ser quantificado, mas

também em elementos cotidianos na vida de sujeitos vulneráveis a morte por homicídio. Nesse sentido, a pesquisa está organizada em “cartografar” os planos e linhas que compõem esse tipo de crime e elaborar um perfil para então analisar as práticas espaciais e vivas desses sujeitos vitimizados. A pesquisa elabora uma análise das vítimas e as características dos homicídios ocorridos entre 2010 e 2011 em Ponta Grossa – PR, sendo que o levantamento se deu por meio da 13ª SubDivisão Policial de Ponta Grossa e pelas Varas Criminais Estaduais de Ponta Grossa, onde foram analisados 79 inquéritos policiais.

Uma vez detectado o perfil usual das vítimas de homicídio na cidade de Ponta Grossa, pode-se comprovar que o perfil é o mesmo já encontrado em outras escalas e também em outras cidades. A vítima é, na maioria dos casos analisados, do sexo masculino com idade entre 15 e 25 anos, morador de áreas de baixa renda, baixa escolaridade e com envolvimento com drogas.

Ao invés de construir uma análise documental a respeito dos registros de homicídios, optou-se por realizar um trabalho qualitativo junto a pessoas que possuíam um perfil próximo ao encontrado nos inquéritos analisados, a fim de compreender a dinâmica espacial das pessoas vulneráveis à morte por homicídio ainda em vida. Nesse sentido, foi tomado como referencial empírico, adolescentes do sexo masculino em tratamento das drogas na Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro da mesma cidade. A instituição de tratamento atende pessoas do sexo masculino menores de 18 anos. Dentre o total de meninos que passaram pela casa, 75% tinham entre 15 e 18 anos de idade e todos moradores de vilas periféricas da cidade de Ponta Grossa.

Um importante fato, que se tornou afeto, a ser relatado para corroborar a proposta metodológica é o caso do “Negão”. Durante o processo de aproximação com os jovens em tratamento das drogas, passaram-se alguns meses nos quais foram realizadas algumas atividades e diversas conversas informais pelos corredores na Comunidade. Nos meses de inverno de 2012, Heder Leandro Rocha e eu, realizamos uma saída de campo, para uma caverna da região, com todos que estavam atualmente instalados, considerando que a entrada e saída de jovens atendidos é muito intensa. Durante toda a trajetória da caverna, inúmeros foram os comportamentos diante da escuridão. Enquanto uns reelaboravam seus discursos sobre auto intrepidez, outros a acerbavam. Entre estes, o que chamou maior atenção foi o “Negão”, quem viera conhecer somente na ocasião da saída. Recém-

chegado, elaborava uma *performance* mais agenciada com as ruas do que com a nova espacialidade. Falastrão é bastante curioso, “Negão” dava trabalho para o exercício da disciplina nas práticas de governo de todos. Entretanto, na caverna, antes de ser um “delinquente” era somente um corpo “desajustado” aos domínios da disciplina evocada ora por nós pesquisadores, ora pelos agentes da instituição de tratamento.

O espaço é praticado e interativo, portanto, as práticas de “Negão” tomavam sentido simultaneamente aos exercícios de continuidade da disciplina e controle de todos e cada uma dessas práticas espaciais expressavam-se por meio de uma *performatividade* interativa, ou seja, tomavam sentido em ato. Não havia tempo para compreender os domínios discursivos que aconteciam na caverna, as relações de poder atualizavam constantemente as disposições dos saberes locais. Do mesmo modo, penso que as múltiplas espacialidades vivenciadas por “Negão” estão repletas de *performatividades* como na caverna, só que agenciadas com outros dispositivos de governo.

No dia 02 de agosto de 2012 li uma notícia de um jornal local dizendo que um rapaz de 18 anos, de nome Luiz Felipe Rodrigues dos Santos, tinha sido assassinado no fim da tarde. O rapaz estava em sua residência e foi abordado por seis homens que chegaram atirando. Luiz Felipe entrou em óbito depois de ter sido atingido por um tiro no peito. Instigado com o nome e a idade da vítima, encontrei-o na lista dos atendidos pela Comunidade: era “Negão”, que tinha evadido da instituição de tratamento e se encontrado com outras práticas disciplinares, provavelmente dispositivos alternativos de cobrança das práticas econômicas do tráfico de drogas. Portanto, a trajetória investigativa tornou-se viva na morte, através do deslocamento do perfil das vítimas de homicídios na cidade de Ponta Grossa, encontramos nos jovens em tratamento das drogas um perfil efetivamente vulnerável a morrer assassinado.

Na espacialidade da Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro foram realizadas 6 entrevistas semi-estruturadas com jovens do sexo masculino, com idade entre 15 e 18 anos, por meio da metodologia de evocação, que consiste em categorizar momentos semânticos na fala dos entrevistados juntamente com a categorização da espacialidade correspondente a cada evocação.

Dessa forma foi possível organizar as espacialidades mais frequentes e as evocações presentes que as compõem. Para analisar a vivência espacial dos

sujeitos, foram arranjadas as espacialidades da 'rua', da 'vila', da 'casa', do 'mocó' e do 'tráfico'. Cada uma delas foi analisada tomando seus agenciamentos e as intersecções presentes, por meio das categorias evocativas relacionadas pelos entrevistados. As evocações sobre a morte aparecem de maneira central em todas as espacialidades analisadas, além de práticas de violências, interseccionadas com a espacialidade das drogas e as performances de masculinidade agressivas, tomadas as singularidades de cada dimensão espacial vivenciada pelos entrevistados.

A frequente presença da morte no cotidiano de jovens do sexo masculino, moradores de vilas periféricas pobres e com envolvimento com as drogas, apresentou quatro categorias evocativas, como quatro faces da morte. São elas as experiências da morte do outro; as experiências limite de quase morte; as experiências de autorias de assassinatos e as experiências de morte de si, como risco iminente no cotidiano vivenciado. Essas quatro experiências da morte foram analisadas interseccionadas com as espacialidades mais frequentemente relacionadas à morte – 'rua', 'vila', 'mocó' e 'tráfico'. As inter-relações presentes nessas espacialidades demonstram que práticas de violência e morte estão agenciadas aos dispositivos da territorialidade do tráfico de drogas simultaneamente às *performances* de masculinidade e as redes de amizade.

Objetivando responder a questão central dessa pesquisa, foram organizadas três sub-questões, as quais são responsáveis pela dinâmica estrutural da redação desse trabalho:

- Quem são os jovens, vítimas de homicídios em Ponta Grossa-PR?
- Qual é a espacialidade vivenciada pelos jovens vítimas de homicídio na constituição de sua vulnerabilidade à morte violenta?
- Como a morte se constitui em elemento de vivência cotidiana dos jovens em situação de vulnerabilidade à morte?

O texto está estruturado em três momentos:

O primeiro capítulo corresponde ao posicionamento da pesquisa frente ao tema da morte junto aos seus referenciais teórico-conceituais. Posteriormente, está organizada a análise das mortes por homicídio a nível nacional e regional, até chegar ao perfil das vítimas de homicídio na cidade de Ponta Grossa –PR.

O segundo capítulo trata das espacialidades vivenciadas pelos jovens do sexo masculino, moradores de vilas periféricas e com envolvimento com as drogas, delimitando as práticas espaciais que aproximam essas formas de subjetividade às

práticas violentas e à morte.

O capítulo três preocupa-se em tomar a morte como uma experiência cotidiana, através de diferentes perceptos e afetos que compõem as subjetivações de uma espacialidade violenta. Posteriormente, há uma análise sobre a “vida” de todos, estabelecida pela biopolítica e suas práticas de “fazer viver” e “deixar morrer”, onde corpos são pré-designados em formas inditárias que “merecem” ou não viver.

CAPÍTULO I

VIDAS DESPERDIÇADAS: JOVENS DO SEXO MASCULINO, ESPAÇO E MORTE POR HOMICÍDIO EM PONTA GROSSA – PR

Toda nossa existência aqui, comparada com a eternidade passada que foi antes que nós fôssemos, e com a imortalidade futura que será depois que tivermos ido embora, é pura presença. Viver realmente significa realizar essa presença; um meio entre muitos é não esquecer jamais e não permitir que esta [presença] se anule no passado e no futuro.

Hannah Arendt

Este capítulo tem o objetivo de introduzir a relação entre os conceitos geográficos e o fenômeno que se propõe a compreender. Todo campo científico tem suas regras e, assim, é preciso dialogar com a ordem discursiva, a fim de obter legitimidade no campo de saber geográfico. Esta tarefa, contudo, torna-se árdua, na medida em que encontramos uma ausência do fenômeno em questão “morte por homicídios de jovens do sexo masculino e sua relação com o espaço”. Assim, o capítulo primeiramente contextualiza o tema no campo de produção científica da Geografia e, em segundo lugar, realiza proposições conceituais capaz de construir uma ponte entre os dados evidenciados e a teoria geográfica. Por fim, traz a discussão em torno do grupo social investigado, explorando suas especificidades.

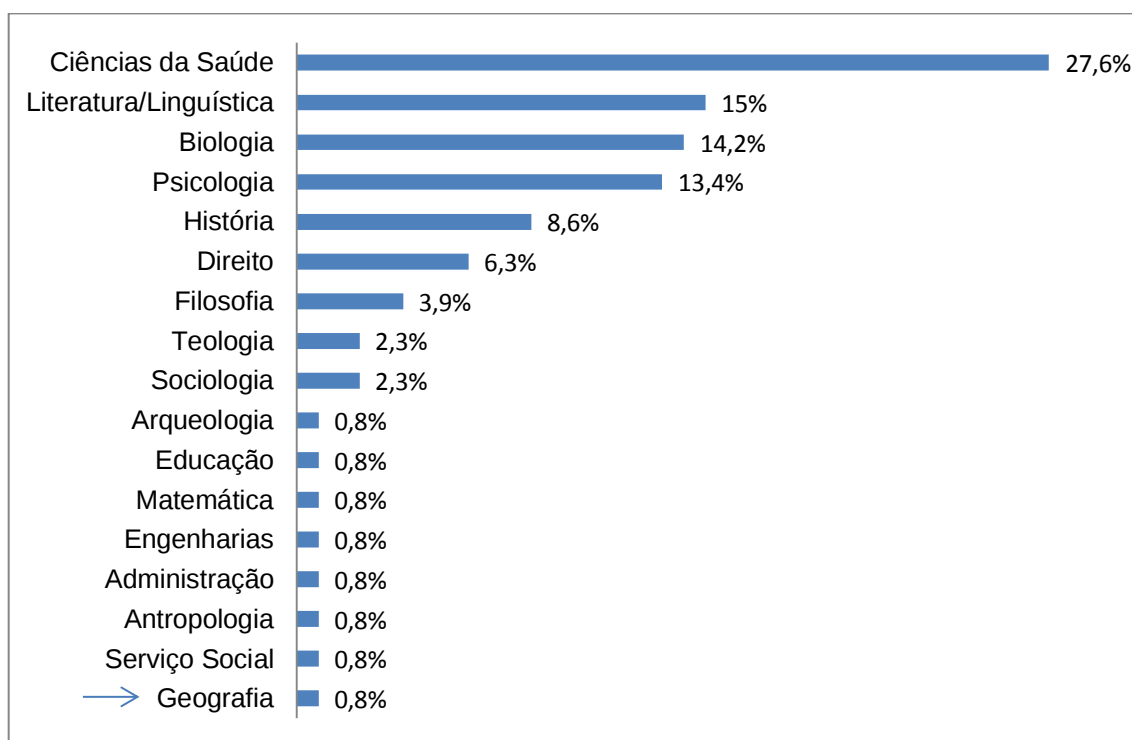
1.1- CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS, ESPAÇO E MORTE

1.1.1- A produção do conhecimento científico a respeito da morte e a Geografia

Durante a fase exploratória dessa pesquisa, foram elaborados alguns levantamentos sobre a produção acadêmica da ciência geográfica brasileira a respeito da morte, o que fez surgir informações interessantes a esse respeito. Primeiramente, estão presentes análises sobre quais áreas do conhecimento científico tem pesquisado a morte e, posteriormente, qual tem sido a presença da Geografia nesse tema.

Como primeira questão: ‘quem pesquisa a morte?’ se buscou analisar quais têm sido os segmentos acadêmicos no âmbito brasileiro que tem se preocupado a lançar seus olhares teóricos ao tema da morte. Utilizando-se do Banco de Teses e dissertações da BDTD¹, para um resultado representativo, foi adotado como recorte temático somente o termo ‘Morte’². O recorte temporal foi de 1987-2010, abrangendo trabalhos de dissertações e teses, e obteve-se um total de 123 trabalhos³ elencados pelo buscador do BDTD. Os percentuais das áreas que trabalham com o tema ‘morte’ podem ser vistos no gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Áreas do conhecimento científico e a pesquisa sobre ‘Morte’



Fonte: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD/Ibict.

De maneira díspar e de certa forma esperada, as áreas das Ciências da Saúde aparecem com maior frequência, expressando a aproximação da morte do indivíduo aos cuidados da ciência médica moderna, através dos espaços hospitalares.

¹ Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, coordenada pelo Ibict, conta atualmente segundo o próprio site, com um total 169.123 trabalhos e essa quantia é constantemente alterada. Endereço Eletrônico: <http://bdtd.ibict.br/> acessado em 16 de novembro de 2011.

² Em ‘Busca Avançada’, foi preenchida em ‘Assunto’ a palavra ‘Morte’

³ O total de trabalhos listados pelo buscador foram 123. Porém, como haviam trabalhos marcados com mais de uma Área do Conhecimento, foi contabilizado para a elaboração do Gráfico 1 a quantia de Áreas do Conhecimento evocadas e não o número real de trabalhos, totalizando então 127.

Seguidas estão as ciências ligadas diretamente à linguagem, o que se refere diretamente a polissemia produzida sobre a morte em diferentes sociedades. A Linguística é evocada através de estudos de estruturas linguísticas e obras literárias, obras que diretamente ou indiretamente perpassem a morte.

É importante ressaltar que o segmento 'Biologia' está presente na lista para demonstrar o resultado real, porém pode ser desconsiderada frente à questão dessa pesquisa. Os trabalhos remetidos ao campo da Biologia são referentes a organismos: vegetais, animais e principalmente microbiológicos, fazendo referência à morte como diagnóstico, averiguação ou fechamento científico de elementos externos ou intraorgânicos.

O que realmente traz a questão ao levantamento é a posição da Geografia frente aos outros campos do conhecimento. Comparado a outras áreas, a ciência geográfica tem se preocupado pouco com a morte.

A fim de compreender o olhar geográfico sobre a morte foi levantado no Banco de Teses da Capes⁴, trabalhos relacionados com as palavras: 'geografia' e 'morte', com o recorte temporal de 1987-2010, considerando trabalhos de dissertação e doutorado. E de maneira paralela ao Gráfico 1, poucos trabalhos foram marcados como área do conhecimento em Geografia.

Analisando os resumos listados pelo buscador, do total de 225 trabalhos, 52 foram selecionados por tratarem efetivamente do tema da morte⁵. Nesse levantamento, foi perceptível uma grande presença de trabalhos de outras áreas do conhecimento, do total de 52 trabalhos, apenas 13,5% eram da Geografia⁶.

Apreendendo que havia grande incidência de trabalhos de outras áreas, foi necessário analisar porque tantos trabalhos foram elencados na busca por geografia e morte. Por meio da análise do Título, Resumo, Palavras-chave, Área do Conhecimento, foi possível estabelecer três eixos desse mesmo levantamento: i) quem pesquisa? Referindo-se às áreas do conhecimento que de alguma maneira expressavam categoriais geográficos; ii) o que pesquisa? Estabelecendo os sujeitos pesquisados ou tipos de mortes; iii) contém realmente análise geográfica? Delimitando a forma como a Geografia foi presente na pesquisa.

⁴ <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>, acessado em 16 de novembro de 2011.

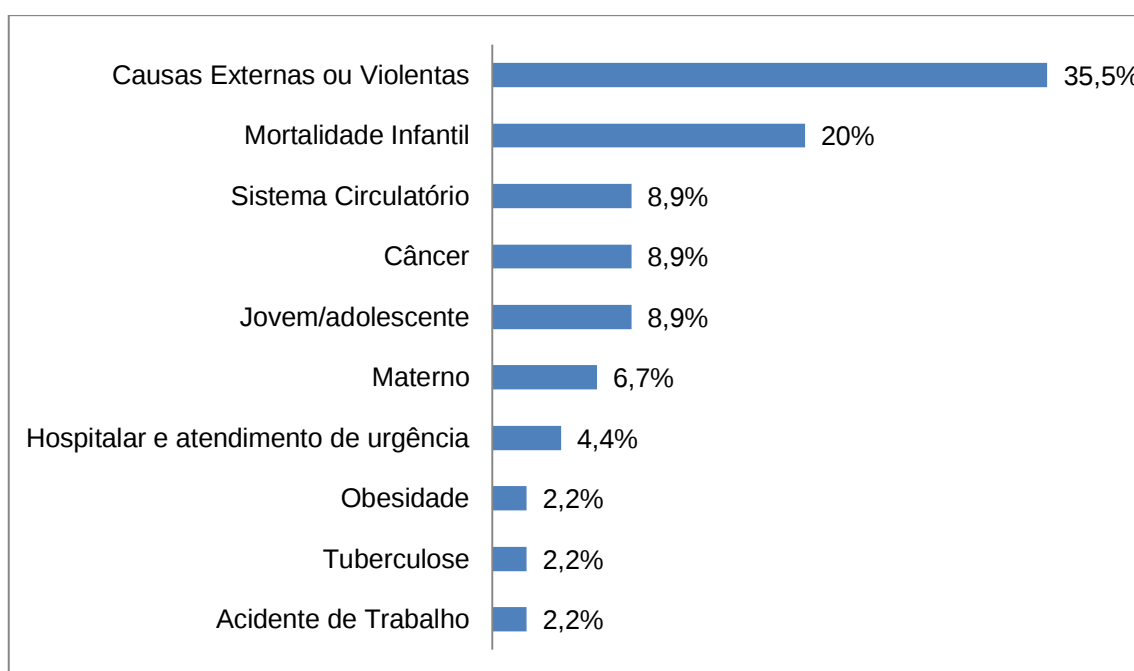
⁵ Foram desconsiderados os trabalhos que não continham uma análise da morte: apenas relacionada por nomes próprios, exemplo: "Ilha da Morte"; relacionados a mortes biológicas, exemplo: de micro-organismos, animais ou vegetais; por conter apenas dados, estatísticas de mortes.

⁶ Fonte: Banco de Teses da Capes. Assunto: Geografia; Morte.

Dentro dessa busca, balizada pelas palavras utilizadas – ‘morte-geografia’, alguns segmentos da ciência ficaram em evidência, como as Ciências da Saúde com 80,8%⁷ que novamente lideram a relação de sua produção científica, chamando a atenção para a grande presença dentro dessa área, o subcampo da Saúde Coletiva ou Pública.

Ainda nesse levantamento podemos compreender quem são os sujeitos que morrem e que tipo de morte tem sido pesquisado.

Gráfico 2 – Os sujeitos nas pesquisas científicas sobre a Morte



Fonte: Banco de Teses da Capes.

Com mais frequências aparecem as Mortes por causas externas e/ou violentas, as quais são relacionadas a homicídio, suicídio e acidente de trânsito. Nesse caso, o acidente de trânsito aparece com maior frequência.

O ranking de sujeitos e temas de morte, demonstrando a preocupação a qual as ciências tem se lançado, pode ser comparado aos índices de mortalidade no Brasil. Dados do Ministério da Saúde⁸, elaborados em 2000, demonstram que as doenças do aparelho circulatório representam a principal causa de morte no Brasil - 27,5%, seguido de neoplasias (câncer) – 12,7% e causas externas – 12,5%. A

⁷ O restante está dividido entre as áreas: Engenharia (6,4%); Ciências Sociais Aplicadas (4,3); Demografia (4,3); Educação (2,1%) e Antropologia (2,1%). Fonte: Banco de Teses da Capes.

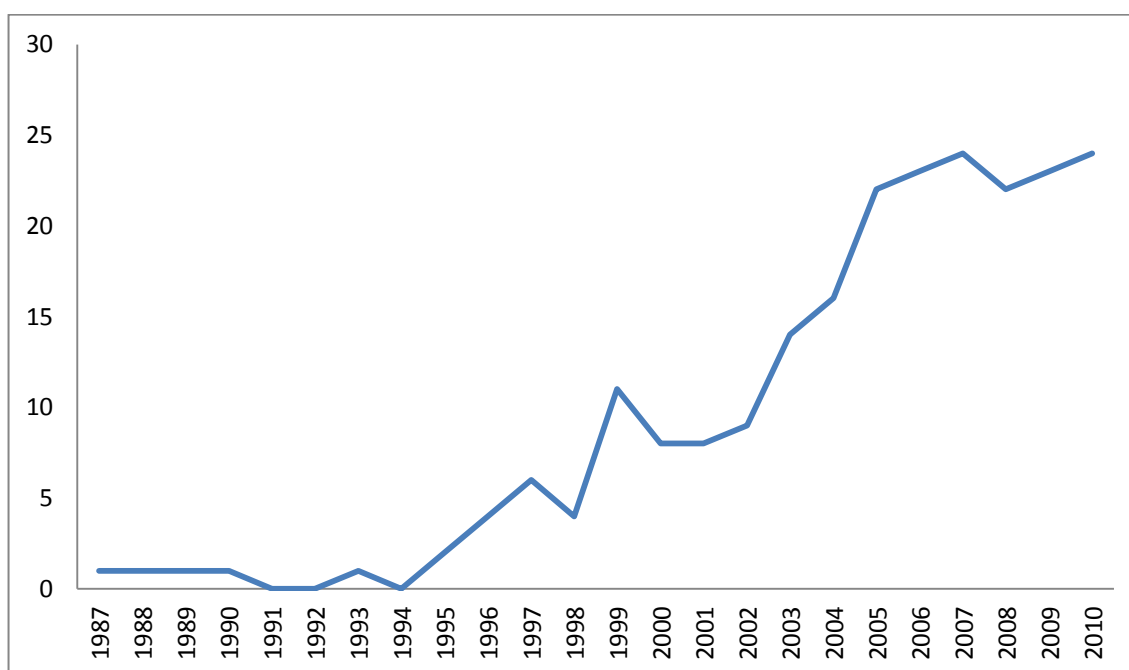
⁸ <http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/> acessado em 15 de novembro de 2011.

principal causa de morte aparece em terceiro lugar no índice dos trabalhos acadêmicos, seguido do câncer. Porém, a alteração maior está na terceira principal causa de morte (causas externas) a qual se apresentou como a principal preocupação das pesquisas acadêmicas.

As mortes por doença, como o caso do sistema circulatório e neoplasias, são em suma conduzidas até a morte no espaço do hospital, enquanto que a morte por causa externa talvez tenha uma maior marca no cotidiano das pessoas. O tipo de morte pode se tornar mais evidente considerando sua espacialidade.

Sobre o Gráfico 3, onde aparecem mortes externas como maior preocupação, é interessante compreender a disposição dos trabalhos produzidos durante mais de duas décadas.

Gráfico 3 – Pesquisas científicas sobre a morte entre 1987 e 2010



Fonte: Banco de Teses da Capes.

A mortalidade geral no Brasil apresentou uma redução de 11,1% entre 1980 e 2001⁹. Inversamente a essa redução, as pesquisas sobre morte aumentaram significativamente a partir de 1999. Portanto, é um tema que vem tomando espaço nas preocupações científicas de diferentes áreas.

Centrado ainda nas outras áreas que não a Geografia, foram analisados os

⁹ Evolução da mortalidade no Brasil - Secretaria de Vigilância em Saúde/MS. <http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/>.

resumos dos trabalhos e evidenciou-se que 85% continha análise geográfica, considerando apenas aqueles que possuíam aportes teóricos e metodológicos da Geografia, presentes ou na operacionalização ou nos resultados. Foram desconsiderados os trabalhos que apresentavam apenas dados ou fontes geográficas.

Os trabalhos das Ciências da Saúde em sua maioria se concentram em análises de distribuição-concentração-padrão espacial/geográfico, no âmbito municipal e estadual, e estabelecem diálogo com os Sistemas de Informação Geográfica (SIG).

O pequeno grupo de trabalhos marcados por Geografia como área do conhecimento¹⁰ é representado por três eixos temáticos: análise de acidentes de trânsito; espacialidade do hospital; e em maior número, trabalhos referentes a geografia do crime¹¹.

Portanto podem ser inferidas duas questões a esse trabalho: i) a Geografia tem se portado bastante ausente nas discussões sobre morte frente às ciências acadêmicas brasileiras; ii) a análise da morte, tão elaborada por outras áreas do conhecimento, tem demandado uma análise geográfica, vide o grande número de trabalhos 'geográficos' de outras áreas sobre morte.

No caminho da compreensão da produção geográfica e a relação com a morte, ela aparece como um tema difícil de ser mapeado. Devido a essas ausências, foi utilizado como estratégia de análise utilizar-se do termo 'cemitério'. Esse significado foi buscado pela constante presença de trabalhos geográficos sobre cemitério, encontrados na fase exploratória dessa pesquisa.

Utilizando-se dos termos 'cemitério' e 'geografia' no Banco de Teses da Capes, a Geografia aparece com 46,1% das áreas do conhecimento que pesquisam cemitérios. Também com os mesmos termos foi utilizado o Scielo¹² no qual a Geografia, com 41,7%, também aparece como principal ciência que estuda os cemitérios¹³. Nas duas fontes utilizadas foi possível observar uma proporcionalidade

¹⁰ 13,5% como mostra a Tabela 1.

¹¹ Como de Bordin (2009), com geografia do crime em Curitiba - PR e Santos (2005), com estudos de homicídios em Uberlândia - MG.

¹² <http://search.scielo.org/index.php>, acessado em 31 de outubro de 2011. Biblioteca Científica Eletrônica em Linha é um modelo para a publicação eletrônica cooperativa de periódicos científicos na Internet. Possui no seu banco de dados: 890 Periódicos; 23.529 Fascículos; 346.766 Artigos.

¹³ Os demais são: História (8,33%); Ecologia (8,33%); Sociologia (8,33%); Ciências da Saúde (8,33%); Antropologia (8,33%); Etnografia (8,33%); Biologia (8,33%). Ao todo foram encontrados 12 trabalhos. Fonte: Scielo - Scientific Electronic Library Online.

entre análises da Geografia humana e Geografia física. O cemitério é alvo de estudos geográficos numa perspectiva cultural, confluindo diferentes significados e práticas espaciais, e outros numa abordagem aplicada atendendo aspectos ambientais, através da geografia física aplicada.

O cemitério como um 'espaço dos mortos', tem sido frequentemente estudado pela ciência geográfica, caracterizando-se num olhar sobre a expressão material da morte.

Uma arqueologia do conhecimento geográfico sobre a morte, é claro, necessitaria de maior labor investigativo, porém, esses elementos elaborados podem ser suficientes para levantar algumas questões. Primeiro, lembrar a matriz teórica a qual a Geografia brasileira foi estabelecida e tem-se permanecido em sua maioria. Trabalhos como de Moraes (1991) que discute a base na escola francesa, baseada no empirismo e Silva (2009b) preocupada em visibilizar as ausências do conhecimento geográfico, ambos, demonstram que na Geografia Brasileira há um apego à forma material do espaço, do qual emana uma pretensa neutralidade.

No caso da morte, a relação tem sido bastante distante se comparada aos outros campos do conhecimento, porém, tem sido presente na análise, por exemplo, em espaços estabelecidos como 'espaço dos mortos', como o cemitério.

Essas questões não afirmam um silêncio diante da morte, afinal têm sido elaborados trabalhos que se relacionam em algum momento com a morte, através de análises da violência urbana e no campo; espacializações de homicídios e acidentes de trânsito; os constantes estudos de taxas de mortalidades necessários ao território nacional organizado e sua política, ou governabilidade. Mas, diante das questões propostas nessa pesquisa, na produção total da Geografia brasileira têm sido poucos os trabalhos direcionados a morte e em relação a outras áreas do conhecimento apresenta-se bastante tímido. De maneira geral, o conhecimento geográfico tem deslocado seu olhar dos espaços de vulnerabilidade da morte ou se suas práticas para os 'espaços dos mortos', se portando aquém de uma discussão política sobre os acontecimentos de morte em nossa sociedade.

Há diferença em analisar espaços de corpos mortos, no qual se levantam questões ambientais, culturais e econômicas, e analisar os espaços dos corpos que morrem. Talvez, como afirma Elias (2001, p. 16), "a morte do outro é uma lembrança de nossa própria morte". Essas palavras podem soar com um tom pessoal, mas não impede que se expresse também no conhecimento científico, concebendo que esse

conhecimento, como ensina Morin (1996), é fruto da intersubjetividade de pesquisadores de determinado campo de investigação.

A Geografia tem trabalhado de maneira geral com perspectivas que tomam a morte como um fenômeno homogêneo que marca a paisagem em termos culturais e ambientais. Além disso, outras áreas de conhecimento tem contemplado o espaço, como é o caso das ciências da saúde. Entretanto, a categoria espacial aparece em uma perspectiva de localização do fenômeno. A Geografia preocupada em compreender os espaços já constituídos da morte, necessita renovar suas perspectivas analíticas buscando compreender a morte em sua face viva diante das práticas espaciais de sujeitos vitimados pelo tipo de morte em que a pesquisa geográfica se inferir.

1.1.2- Proposições iniciais sobre sujeito e espaço

As proposições iniciais aqui tomadas devem ser compreendidas como um anexo e podem ser profundamente importantes e também insignificantes, como uma fala infantil durante um jantar formal. Navegante e sem intenção de representar ou clarear qualquer pano de fundo das construções teóricas dessa pesquisa, devem ser lidas sem obrigatoriedade e até desconsideradas se for o caso de exames e análises das coerências de um objeto de pesquisa. São proposições sem as comedidas disciplinas acadêmicas e talvez possam ser até enquadradas como conflitantes as leis de governo da Academia, se for esse o caso, repito, desconsidere-as.

Com tanta restrição qual seria então o motivo de estarem aqui? Estão aqui como uma posicionalidade investigativa, como “quando uma influência se faz sentir com demasiada força, tentamos abrir uma janela”¹⁴, ou seja, são questões, linhas e pontos que de certa forma estarão presentes de maneira tímida e formal em toda pesquisa. Mas, se assim construídas funcionam como um alongamento, um estiramento dos tendões rígidos do fazer científico. Reconhecendo é claro, que é também necessário usar as forças musculares da formalidade para compor novas possibilidades de exercícios científicos.

As proposições iniciais sobre Sujeito e Espaço são tomadas separadamente, mas compostas de maneira a retornar a co-existência e a interação dessas

¹⁴ FOUCAULT, Michel. Dits et écrits. Paris: Gallimard, 1994. p. 780.

evocações ou até mesmo superar a noção de que sejam duas coisas em si separadas.

*Do sujeito*¹⁵:

Na busca de um aprofundamento teórico para a construção do sujeito masculino vulnerável a morte por homicídio houve encontros produtivos que trouxeram funcionalidade à construção do objeto de pesquisa.

Primeiramente a “filosofia da imanência”¹⁶, que contribui em grande parte para as ciências feministas, especificamente o terceiro momento das discussões de gênero e sexualidade¹⁷ através da ideia de “poder” e dos “processos de subjetivação” formuladas por Michel Foucault.

De maneira geral para pensadores dessa matriz o sujeito deixa de ser um ego transcendental, um eu unitário e substância ontológica. O *cogito* cartesiano dá lugar a uma intersecção de forças, um ente eterno não mais habita e dá vida ao corpo, o corpo é uma confluência de múltiplas forças, uma ‘realidade precária’ (ULPIANO, 1989a), toma forma como uma composição e se há uma essência do corpo é sua potência de gerir acontecimentos, “por isso o corpo consegue efetuar sua vida de uma maneira superior” (ULPIANO, 1989b), superior até aos “dispositivos da sexualidade” (FOUCAULT, 1988), fazendo-se valer de múltiplas possibilidades de prazer, por exemplo.

Foucault (2003), em *A verdade e as Formas Jurídicas*, no intento de esclarecer sua reflexão, evoca a obra de Nietzsche como fundamental e eficaz para dar sentido às suas teorias, no caso, sobre as formas de verdade do “inquérito” e do “exame”. Recorrendo ao seu “perceptivismo”¹⁸, Nietzsche contrapõe a ideia de “origem” e utiliza-se da palavra “invenção” para dar sentido a um conhecimento que não mais descobre origens, mas que é ele sempre uma perspectiva, uma invenção.

O sujeito evocado na ciência e na filosofia não é uma origem, mas uma invenção. Trabalhos como Deleuze e Guattari (1976) demonstram inúmeras teorias

¹⁵ Essa proposição foi inspirada por Foucault (2003) e nas aulas “Acontecimento e campo de poder” (ULPIANO, 1989a) e “Corpo e acontecimento” (ULPIANO, 1989b) são encontradas na forma de aulas transcritas no site <http://claudioulpiano.org.br/>.

¹⁶ De maneira geral, dentre seus representantes estão Heráclito, Spinoza, Friedrich Nietzsche, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Giorgio Agamben e no Brasil tivemos um grande representante Claudio Ulpiano.

¹⁷ Ver SILVA (2009a) e SILVA e ORNAT (2011).

¹⁸ Para aprofundamento (MARTINS, 2009) e (CORAZZA e TADEU, 2003).

e práticas tomadas, tanto na psicanálise como na filosofia ocidental desde Descartes, que postulam o sujeito como fundamento, como núcleo central de todo conhecimento.

Se ao invés de uma adequação entre sujeito do conhecimento e a origem das coisas se tem um corpo composto por diferentes forças, passa-se do ser da essência para um ser precário, no sentido de sempre estar aberto a novos encontros de forças, sempre disposto a infintos agenciamentos que produzem a realidade. Se

só há conhecimento sob a forma de um certo número de atos que são diferentes entre si e múltiplos em sua essência, atos pelos quais o ser humano se apodera violentamente de um certo número de coisas, reage a um certo número de situações, lhes impõe relações de forças [...] relações estratégicas (FOUCAULT, 2003, p.25).

O sujeito é tramado pelas relações de força que não cessam, assim de “sujeito” passamos à “subjetivação” como um processo, como uma individuação de intensidades.

Não temos mais uma realidade – ou espaço, de interação entre essências/identidades passíveis de serem decodificadas pelo olhar do método científico, se há uma essência é da multiplicidade de forças que afetam as formas de subjetividade que, através desses afetos, compõe sua trajetória sempre-por-fazer. Tem-se, então, uma realidade, ou se preferir um espaço da diferença, não das unidades, mas dos encontros e desencontros, sob um devir criativo. O espaço como a potencialidade da diferença (MASSEY, 2008) de corpos em constante composição e experimentação, atualizando a disposição geográfica das coisas, das pessoas e principalmente dos acontecimentos. A realidade toma forma não na materialidade ou em formas-substância, mas pela via do “acontecimento” – potência da diferença (DELEUZE, 2000).

Do espaço:

Na busca de enfrentar os desafios que o próprio campo investigativo construía sobre ‘morte’ me aproximei de muitos teóricos de fora da Ciência Geográfica, depois é claro de ter experimentado uma ausência, ou antes, uma inadequação teórica das produções científicas na Geografia à questão central dessa pesquisa.

No mesmo sentido em que encontrava belos conceitos que davam a possibilidade de enquadrar e simplificar a velocidade e a violência dos acontecimentos, sentia-me distanciado da Geografia e crescia a preocupação com o caráter geográfico da pesquisa. Por costume questionava-me: onde estarão os conceitos fundantes da Ciência Geográfica nessa pesquisa? Esse *flâneur* para fora das fronteiras formais da Geografia contribui para o próprio retorno aos questionamentos geográficos.

Apropriando-se das palavras de Deleuze (1992) sobre filosofia, deve ser retirado do cientista o direito de reflexão ‘sobre’, seu papel não é mais reflexivo, mas inventivo, inventar conceitos e dar a eles funcionalidade, máquinas capazes de desestruturar alicerces, como os que sustentam a ciência no plano da neutralidade e da vinculação à verdade. Admitindo que o conhecimento é estabelecido num campo de batalhas, aproximando sem deslocamento e descontinuidade o campo do saber às relações de poder, como Foucault faz ao transitar a ênfase das suas obras no saber para o poder:

poder é precisamente o elemento informal que passa entre as formas do saber, ou por baixo delas [...] Ele é força, e relação de forças, não forma [...] É uma outra dimensão que não a do saber, ainda que o poder e o saber constituam mistos concretamente inseparáveis (DELEUZE, 1992, p.126).

Fazer ciência é praticar política. É pela existência dessas relações de poder do fazer científico/político que, como pesquisadores, estamos inscritos numa trama discursiva entre o que é e o que não é Geografia. Sobre essa polaridade, Gomes (2009) afirma que a Geografia não deve ser definida pela posse de um objeto, mas pela sua pergunta. Afirmar isso é conceber que a Geografia não deve se preocupar em classificar fenômenos e sujeitos, mas ater-se a pergunta, validar se o centro da questão é de ordem espacial, se o tipo de questão construído pela ciência geográfica é aquela que se interroga sobre a ordem espacial deles (GOMES, 2009).

Relembrando os “processos de subjetivação” nos quais os sujeitos são, ou melhor, vão sendo compostos por múltiplas relações de poder, a composição, o “arranjo precário” (ULPIANO, 1989a) dos sujeitos são feitos somente a partir dos movimentos e possibilidades que os circundam e afetam, sem um ser transcendente, ou um ‘penso-logo-existo’. Só há espaço para a imanência do corpo, que elabora agenciamentos e inscreve-se em “dispositivos” da sociedade –

“estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles” (FOUCAULT, 2000, p.246).

De maneira simples, todo corpo vivo se movimenta em função daquilo que o afeta (ULPIANO, 1989b), ninguém vai se mover por aquilo que não o afeta. Desse modo é só a partir do que nos circunda que damos sentido ao mundo e, nesse sentido, toda a existência humana é espacial, ou como afirma Massey (2008), uma constante espacialização.

A forma como estabelecemos a ideia de sujeito influencia nossa concepção de espaço, dessa forma, ao invés de enfatizar somente a produção do espaço, deve-se conceber o próprio espaço como integrante na produção de formas de subjetividade (MASSEY, 2008). Os ‘processos de subjetivação’ acontecem através do espaço e se o sujeito agora passou da origem à invenção, da essência à imanência, da unidade à multiplicidade, é o espaço a dimensão das possibilidades, da multiplicidade; nele habitam movimento e diferença e através dele encontros são feitos e desfeitos.

Se nosso planeta maciço pulsa, se rochas migram, se nosso relevo/chão se metamorfoseia o que seria o espaço se não a dimensão do movimento. Talvez só assim, com alguns ‘exageros’ iniciais, ‘violando’ normas do sujeito/corpo e do saber/espaço poderá ser concebido formas de subjetividade “exageradas” e espacialidades “violentas”.

1.2- GÊNERO, MASCULINIDADE, ESPAÇO E MORTE

1.2.1- Os jovens do sexo masculino, espaço e vulnerabilidade à morte por homicídio

A aproximação entre jovens do sexo masculino e a morte violenta é tomada de maneira imediata por meio de expressões quantitativas das estatísticas de mortalidade no âmbito nacional. Dentre as causas categorizadas como morte violenta no país estão os acidentes de trânsito, suicídio e homicídio, sendo que nessa última causa, em 2008¹⁹, 93,9% das vítimas eram jovens homens.

De maneira rápida somos incitados a refletir sobre duas formas a respeito dessa disparidade de gênero. Primeiramente a compreensão se faz por meio do

¹⁹ Mapa da Violência produzido por Waiselfisz (2011).

próprio homicídio - uma prática que infere fatalmente o 'direito soberano' da vida de um cidadão. Esse caminho nos remete as espacialidades dessa prática, através do comportamento dos autores, dos tipos de assassinatos que conhecemos e assistimos e os lugares onde eles ocorrem. Do mesmo modo, um segundo meio de compreensão se levanta por meio das vítimas: questionando-se em quê as formas de 'ser' homem e jovem na nossa sociedade e quais são as práticas que os conduzem a serem vítimas desse tipo de morte.

Pelas duas vias encontram-se majoritariamente práticas reconhecidas pela sociedade como masculinas, remetendo-se a evocações de força, enfrentamento e violência. Na mesma medida em que o sexo masculino é mais frequente nas contabilizações de vítimas de homicídio, também é como praticante desse delito. Em Ponta Grossa, por levantamento de inquéritos policiais e processos judiciais entre os anos de 2010 e 2011, 96,3% dos autores apurados eram do sexo masculino.

Sobretudo, essas espacialidades, privadas ou públicas, são de violência e nos trazem uma questão de gênero, pois há uma relação entre as práticas de masculinidades e esse tipo específico de crime. Foi nessa relação que a questão central dessa pesquisa emergiu, em meio as pesquisas de Chimin Junior (2009) que analisa o espaço como componente de vulnerabilidade à práticas de atos infracionais de adolescentes do sexo masculino em Ponta Grossa – PR e Rossi (2010) que analisa as territorialidades urbanas de adolescentes da mesma cidade, compostas por complexas interações e múltiplas espacialidades. Através dessas trajetórias investigativas foram percebidos alguns elementos sociais no cotidiano desses sujeitos que fizeram levantar duas novas questões: uma delas foi a trama de relações e negociações que se fazem em torno do crack, 'como o uso e tráfico dessa droga se constitui como um elemento da espacialidade desses adolescentes', questão central da pesquisa de Heder Leandro Rocha (2013). O outro elemento foi a forte presença de mortes violentas na espacialidade desses sujeitos emergindo a questão de qual seria a relação entre vivência espacial de jovens do sexo masculino e a morte por homicídio.

Trabalhos científicos relacionando masculinidade e espaço na Geografia brasileira, como mostra Chimin Junior (2009), são ausentes²⁰ e podem ser

²⁰ Segundo o autor não foi encontrada nenhuma referência no levantamento com recorte temporal entre 1978 até 2008, considerando todos periódicos científicos no Brasil, Qualis A da área Geografia Humana.

considerados tardios se relacionados à produção da Geografia anglófona. Mesmo no âmbito internacional autores como Berg e Longhurst (2003) afirmam ter sido somente no ano de 1989 que se começa o início de um esboço sobre o estudo da masculinidade, vindo a ter consistência na década de 1990, tendo como marco o trabalho do geógrafo da Nova Geografia Cultural, Peter Jackson (1991).

No contexto das teorias feministas esse surgimento pode ser considerado recente. Isso se deve a diferentes elementos teóricos e sociais que tensionam o campo epistemológico feminista que podem ser compreendidos a partir de três momentos que são trabalhados no contexto da Geografia Feminista por Silva (2009a). Dentre esses momentos a passagem do segundo, ocorrido principalmente nas décadas de 1960 e 1970, para o terceiro momento foi determinante para o surgimento das discussões de masculinidade.

Segundo Oberhauser et al (2003), no início de 1970 as discussões de gênero na Geografia estavam preocupadas em construir a visibilidade das feminilidades, priorizando o universo feminino. O esforço era em afirmar que o discurso geográfico estava centrado numa perspectiva masculina.

Sobre isso podemos aproximar o clássico “panóptico” evocado por Foucault (1987), que segundo a análise do britânico Jeremy Bentham, constitui-se em um modelo arquitetônico de vigilância estruturado por uma torre central e, ao redor, celas com pessoas sobre custódia. Então luzes são usadas de modo que os prisioneiros são vistos, mas não podem ver quem os observa. De maneira geral, essa análise ilustra que a própria posição de centralidade nas relações de poder dá a condição de invisibilidade, tratando-se de uma capacidade de ver sem ser visto. Relacionando isso com a ideia de gênero como forma de organização hierarquizada da sociedade e também como linguagem, a ciência, tomada como um discurso prioritariamente masculino torna-se incapaz de examinar aquilo que a contém, um olho não consegue enxergar a si mesmo. Uma invisibilidade como a própria condição da superioridade, assim como uma ordem do discurso é também silêncio (FOUCAULT, 1996). Na própria linguagem a evocação ‘encarar’ no cotidiano masculino é tida como uma afronta, não se pode ‘encarar’ o que é masculino, o ‘masculino’ encara as coisas²¹.

²¹ Trabalhos como de Sparke (1994,1996) e Rose (1996) tomam parte da face masculinista da Geografia, fazendo relações entre metáforas espaciais e masculinidade, o primeiro referente a trabalhos/pesquisas de campo elaborados sobre uma masculinidade “heroica” apropriando-se de

Foi contra esses silêncios e hierarquizações que a ciência impunha que as teorias feministas se organizaram. Todos esses elementos juntamente com esforço de denunciar formas de opressão fazem emergir o debate sobre diferentes formas de feminilidades, mas também contribui para negligenciar a multiplicidade também existente no gênero masculino.

O terceiro momento da Geografia Feminista emerge nos anos 90 com grande influência do pós-estruturalismo. Duas características marcaram fortemente a concepção de gênero, a ideia de poder de Foucault (1988) e o gênero “performativo” de Butler (1990). Nesse momento o gênero não existe em si, torna-se uma representação que ganha sentido através do cotidiano das pessoas.

[...] viver a partir dessa representação, por meio da repetição de atos cotidianos, constrói a ficção de sua naturalidade e cria a ilusão de uma real distinção de gênero. Contudo, vivenciar os comportamentos repetitivos nunca reproduz o ideal de gênero, mas é reinventado pelas pessoas, e isso possibilita tanto a reprodução desse ideal como também sua transformação. Portanto, o gênero é constantemente construído, mas também desconstruído cotidianamente, o que possibilita o movimento de mudanças (SILVA e ORNAT, 2011, p. 30).

Judith Butler argumenta que no ocidente há uma organização dos corpos que lhes confere uma linearidade entre sexo, gênero e desejo. Por meio dos ideais regulatórios essa linearidade vem a ser natural e material. Com outras palavras, os ideais regulatórios são, sobretudo, forças criativas que demarcam, circulam, diferenciam os corpos e suas práticas. Através da reiteração dessas práticas regulatórias temos um processo de materialização, que como lembra Butler (2000), nunca é completo,

são as instabilidades, as possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que marcam um domínio no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar rearticulações que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória (BUTLER, 2000, p.152).

A matéria é, portanto, não uma superfície, mas um processo de materialização, estabilizado ao longo do tempo por efeitos de fronteiras e fixidez. O

que confere a ‘fixidez’ de um corpo são esses processos de materialização como “atuação reiterada, que é poder em sua persistência e instabilidade” (2000, p.118). As fronteiras e a fixidez de um corpo, ou melhor, o sexo, seu gênero e a matriz do desejo de um corpo, são tensionados por jogo entre os seres “abjetos” – seres exteriores dos domínios do ‘sujeito’.

O ‘sexo’, ao contrário de ser

aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o ‘alguém’ simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural (BUTLER, 2000, p.152).

A ‘generificação’, dessa forma, é construída pelas relações de poderes que diferenciam e qualificam um sujeito.

Os corpos são submetidos ao gênero, mas subjetivados pelo gênero, o ‘eu’ não precede nem segue o processo dessa generificação, mas emerge apenas no interior das próprias relações de gênero e como a matriz dessas relações (BUTLER, 2000, p. 116).

Nesse sentido, como afirma Butler (2003), gênero é uma “ficção”, um “ideal regulatório” através do qual se naturalizam as noções de masculinidade e feminilidade. Por meio de contínua repetição de atos estilizados, os corpos constroem e legitimam papéis sociais hegemônicos, semelhante à noção de sujeito instituinte de Foucault (2000), que afirma ser o sujeito sempre constituído historicamente, simultaneamente à constituição dos saberes, dos discursos e dos domínios dos corpos. Se não há sujeito “supra-histórico”, tanto quanto, não há corpo ou sexualidade meramente naturais.

A ideia de poder²² em Foucault (1988) contribui na superação da bipolaridade de gênero, pois o poder deixa de ser entendido numa oposição entre dominante-dominado; não é algo que se possua, mas uma multiplicidade de relações de forças. O poder está em toda parte, “não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (1988, p.103), toda relação humana é, até certo ponto, uma

²² “o poder não é algo que se adquire, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (FOUCAULT, 1988, p. 104). Onde é exercido por meio de feixes de relações mais ou menos piramidalizados, mais ou menos coordenados, não partindo de uma única posição central, mas de múltiplos lugares (Ibid, 1988).

relação de poder, vivemos num mundo de relações estratégicas perpétuas. Nesse sentido, poder não é caracterizado pela posse de um grupo, mas se expressa por múltiplos feixes que emanam em toda e qualquer relação humana. Havendo formas hegemônicas de gênero, na mesma medida há a possibilidade de subvertê-las, resignificá-las, transformá-las e não só há possibilidade como constantemente as normas regulatórias de gênero são tensionadas, ou melhor, porque elas são tensionadas que é possível.

A vida em sociedade não é simplesmente regulada na relação entre um grupo dominante e o subalterno – o operário ou a mulher do sistema patriarcal. Segundo Butler (1990) há múltiplas combinações existenciais, composta por arranjos entre sexo, gênero e desejo. Embora haja normas regulatórias, construções discursivas de ideais de gênero, os sujeitos situados nelas compõem múltiplas feminilidades, assim de mesmo modo, múltiplas masculinidades, considerando que nem todas as masculinidades fazem parte do discurso hegemônico.

Na Geografia, as análises inter-gênero recebem a contribuição de Connel (1995) na concepção de “masculinidade hegemônica”, que podem ser contestadas por outras formas de masculinidades. O autor categoriza essas formas em subordinada, cúmplice e marginal referente respectivamente as seguintes categorias sociais: classe, raça e sexualidade.

Outra grande contribuição foi da geógrafa Linda McDowell (2000, 2003) que analisa a elaboração de masculinidades relacionado-as a cultura e economia. A partir de jovens brancos de classe trabalhadora a autora investiga os conflitos entre esse grupo e as novas formas produtivas que apresentavam um deslocamento do perfil industrial para novas dinâmicas empresariais, mudança que demandava características de feminilidade que tensionavam as normas que regulavam os trabalhadores, acarretando um grande número de desemprego e uma masculinidade interiorizada, por vezes violenta.

Análises como estas permitem compreender que a presença de agressividade e violência em determinadas práticas de masculinidade e em específicas espacialidades da cidade podem ser concebidas como uma ação estratégica de resistência diante de uma sociedade economicamente desigual. Apropriando-se de Foucault (1988, 2000), como num campo de batalhas, são micropoderes que compõem o espaço urbano e nele se amargam conflitos cotidianos entre as exigências sociais da normalização disciplinar e as linhas de fuga da resistência,

entre uma masculinidade economicamente ativa e masculinidades a margem dos ideais de “governamentabilidade”²³ do Estado moderno capitalista.

Pós década de 1990, tivemos um relativo aumento na produção da Geografia e masculinidades²⁴, como mostra o levantamento bibliográfico de Berg e Longhurst (2003). Porém, lembra Longhurst (2000) que sujeitos considerados a margem da sociedade foram negligenciados, privilegiando investigações sobre masculinidade ditas hegemônicas.

Nesse sentido, temos a expoente produção brasileira vinculada ao Grupo de Estudos Territoriais (GETE), criado em 2003 e que então vem esforçando-se em compor discursos sobre espaço, gênero e sexualidade, estes bastante escassos na Geografia brasileira²⁵. Recentemente tem buscado ampliar-se em redes internacionais posicionando-se contrário às “barreiras” do conhecimento científico configurada na hegemonia anglo-americana diante das produções latino-americanas²⁶. Autores como Rossi (2010) e Chimin Junior (2009) preocupam-se em análises de masculinidades não hegemônicas no contexto brasileiro, especificamente adolescentes de Ponta Grossa – PR.

Os autores defendem a ideia que os adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei constroem suas masculinidades agenciando-se a elementos que subvertem o modelo ideal de masculinidade. Esses agenciamentos são elaborados através das espacialidades que os sujeitos vivem, portanto, há uma ordem espacial na elaboração das suas identidades. Ambos os autores admitem que as experiências espaciais urbanas dos adolescentes em conflito com a lei são paradoxais,

na medida em que esses jovens são periféricos nas relações de poder nos espaços escolares e de saúde e adquirem centralidade nas espacialidades desenvolvidas nos processos de socialização, cometendo atos infracionais que estão vinculados à instituição de identidades de gênero, de classe e de grupos de adolescentes

²³ Foucault elabora seu conceito de “governamentabilidade” em sua obra *Segurança, Território, População*, através do qual conseguiu analisar “a atividade que consiste em reger a conduta dos homens em um contexto e por meio de instrumentos estatais” (FOUCAULT, 1994, p.819 apud DUARTE, 2010, p.235).

²⁴ Uma análise da produção de Geografia e Masculinidade pode ser vista mais de perto no capítulo de Rossi e Chimin Junior (2009) no livro *Geografias Subversivas* e mais minuciosamente no recente livro da série *Geografias Feministas, Espaço, Gênero e Masculinidades Plurais*, organizado por Silva e Ornat (2011).

²⁵ Silva (2009b).

²⁶ Silva (2011).

(CHIMIN JUNIOR, 2011, p.120).

As práticas desses adolescentes, afirma Rossi (2011, p.188), “são fluídas e articuladas entre diferentes territórios urbanos”. Esses sujeitos plurilocalizados vivenciam múltiplas dimensões que dependendo das espacialidades vivenciadas podem tomar posição de centro ou margem das relações de poder. Esse aspecto multidimensional de sujeitos plurilocalizados é concebida através do conceito de espaço paradoxal de Rose (1993)²⁷.

Conforme dito anteriormente, em meio a esses adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei foi percebido uma forte presença da morte violenta como um elemento da vivência espacial desses sujeitos, mediante familiares, amigos, conhecidos ou simplesmente pessoas que moravam na “quebrada” – espacialidades periféricas, “fritavam pedra” - usavam crack, andavam com os mesmos “nóias” – usuários de droga, frequentavam a “magiqueira” - Danceteria Magic, ou “trampavam” junto – trabalhavam juntos²⁸.

Outra referência importante na construção da relação entre adolescentes em conflito com a lei é o trabalho de Lima (2009) intitulado “Jovens em Conflito com a lei: liberdade assistida e vidas interrompidas”. O autor expõe que uma das intempéries da pesquisa, foi quando atentando-se à adolescentes infratores, na cidade de Londrina – PR, lhe chamou a atenção a ocorrência de adolescentes vítimas de assassinato. Foram contabilizados 69 adolescentes assassinados entre 2000-2003, todos no universo de subjugação a medidas de Liberdade Assistida. Desses, o autor empenhou-se em 20 casos específicos, elaborando um perfil desses adolescentes assassinados, através dos quais, pôde confirmar uma forte correlação entre adolescentes infratores, controle do Estado e a morte desse grupo.

A discussão é elaborada através das noções das sociedades disciplinares e de controle e suas tendências de governamentalização do indivíduo por parte do Estado moderno, que por uma série de medidas estratégicas de pessoas e instituições se fundam os corpos “desajustados”. Sobretudo, a meta de “governabilidade” do Estado é de imprimir o reforço e o desenvolvimento contínuo do aparelho estatal. Dessa forma, adolescentes insubmissos são dispensáveis a menos

²⁷ Chimin Junior (2009) utiliza-se do conceito de espaço paradoxal de Rose (1993) como referência fundamental para seu trabalho e Rossi (2010) aproxima-se da reformulação desse conceito elaborada por Ornat (2008) de território paradoxal.

²⁸ Essas evocações estão presentes nas entrevistas da pesquisa de Rossi (2010), o autor optou por elaborar uma ampla sistematização dos significados de gírias utilizadas pelos entrevistados.

que sejam relevantes para reforçar os poderes do Estado. Lima (2009), então chama a atenção para os “corpos descartáveis”, remetendo-se aos adolescentes assassinados sob vigilância dos olhos jurídicos do Estado e acrescenta que a própria instrumentalização do Estado, através de um “vocabulário jurídico-penal”, é quem vincula seletivamente a infração juvenil à “miséria econômica, família desestruturada, perigo das drogas, carência escolar e pouca inclinação para o trabalho manual” (LIMA, 2009, p. 253).

Mesmo havendo uma intersecção de perfis sociais entre as vítimas de homicídio das estatísticas nacionais (WASELFISZ, 2011), as práticas espaciais de adolescentes em conflito com a lei (CHIMIN JUNIOR, 2009 e ROSSI, 2010) e a morte de adolescentes submetidos à medidas de Liberdade Assistida (LIMA, 2009) é preciso fazer dessas referências subsídios para elaboração de outra trajetória investigativa sobre as mesmas realidades sociais, porém buscando dar à elas novas facetas. Nesse sentido, foi por meio de um levantamento de homicídios praticados na cidade de Ponta Grossa – PR, entre os anos de 2010 e 2011 que foi possível ressaltar algumas espacialidades desse tipo de morte e dessas espacialidades um perfil de sujeitos-vítimas a ser investigado mais detidamente.

Ao elaborar esse perfil de sujeitos, individualizando processos de subjetividades presentes na sociedade, construiu-se uma possibilidade de deslocar o olhar sobre os números e os corpos mortos que os representam para corpos vivos que deram sentido às construções quantitativas. Porém, há outro deslocamento presente nessa pesquisa, que não se preocupa em reconstruir o passado de pessoas mortas por homicídio, mas de fazer das práticas, um dia espaciais, dessas vítimas apenas um referencial para a investigação dessas mesmas práticas espaciais ainda presentes, ou melhor, vivas no espaço urbano.

Retomando as contribuições teóricas de Butler (1990) e Foucault (1988), a formação de um sujeito requer interações constantes e é ele produzido simultaneamente a essas interações, não se trata de um sujeito-substância, mas de um “processo de subjetivação” construído por continuidades ou descontinuidades de normas regulatórias presentes na sociedade, estando sempre aberto a novos encontros e agenciamentos com a realidade.

Dessa forma, um corpo morto por homicídio não se trata de um “resíduo” de sujeito-substância que dado isso se perderam as chances de uma pesquisa científica, visto que perdemos a essência e a possibilidade de entendê-lo através de

um método racionalista. Um corpo morto pode ser entendido como um “resíduo” de uma intersecção de múltiplas forças, de uma composição de relações de poder, de encontro em meio a infinitas diferenças, ressaltando que as forças, as relações de poder e as diferenças, ainda continuam “vivas” e em movimento.

Essa perspectiva aproxima-se do trabalho de Massey (2008) que propõe mudanças nas concepções de espaço nas ciências. Lembra que só há a possibilidade de movimento e multiplicidade através do espaço e por ele podemos compreender, por exemplo, performances de masculinidades e sua relação-aproximação à morte por homicídio. Nesse sentido que a pesquisa se aproxima também do conceito de espaço performático de Rose (1999), para quem o espaço é produzido através de performances. De maneira “relacional” essa “relacionalidade não é dada entre dois atores pré-existentes”, mas sim é “performada, constituída através de interações, ao invés de através das essências” (ROSE, 1999, p.248). Ainda para a autora, o espaço é “praticado”, “interativo” e evocando Michel Foucault quando este afirma que o espaço funciona como “estratégia de poder”, o espaço é “matriz do jogo”, por intermédio dele as relações de poder acontecem. A natureza relacional e de movimento dos conceitos espaciais de Massey (2008) e Rose (1999) estabelecem uma relação de cumplicidade com os conceitos de *assemblage* e agenciamentos²⁹.

Assemblage, é entendido por Anderson et al. (2012) como uma formação espacial provisória, ou seja, um conjunto modelado conforme segue se realizando, comportando múltiplos componentes relacionais entre si. Mas, principalmente, *assemblage* não se restringe a descrição de um conjunto de linhas, intensidades e relações, antes, frisa as capacidades expressivas de mudanças em sua disposição topológica, devido às instabilidades de suas relações, como também, ressalta as continuidades das relações presentes. Enfim, *assemblage* posiciona-se na tensão entre durabilidade e transformação de uma composição espacial (ANDERSON et al., 2012).

O termo “agenciamento” é cunhado por Gilles Deleuze e Félix Guattari posicionados na filosofia da diferença, designando todas “as linhas e as velocidades mensuráveis” (1995a, p.11). Não há corpos, coisas, pessoas se não por uma

²⁹ Os conceitos de *assemblage*, agenciamento e diagrama, comportam-se como conceitos-máquinas, ou seja, melhor que explicitar em quê se consistem, é compreender seu funcionamento. Portanto, além de serem esboçados aqui, serão retomados em cada construção dos diagramas das espacialidades vivenciadas pelas formas de subjetividade estudadas.

composição de múltiplos componentes agenciados entre si, “não existem enunciado individual, mas agenciamentos maquínicos produtores de enunciados” (1995a, p.47). Um agenciamento “está somente em conexão com outros agenciamentos” (1995a, p.11). Fundamental ao conceito de agenciamento não é seu significado, mas seu funcionamento. As coisas e os corpos existem não como substâncias, mas como acontecimento. Se considerarmos a obra *Foucault* de Deleuze (2008), as arqueologias do saber tratam dos estratos, ou “agenciamentos concretos” como denomina Deleuze (2008), e as genealogias do poder tratam das “máquinas abstratas” ou “diagramas”. Portanto, “todo agenciamento comporta esse aspecto estratégico e esse aspectos logístico” (DELEUZE e GUATTARI, 1995a, p.56-57), ou seja, o poder estratégico ou disciplinar da filosofia foucaultiana são controles realizados no campo das relações de poder e se realizam por meio dos “dispositivos”, os quais estão organizados nos estratos do saber, comportando-se como a rede relacional entre múltiplos estratos. Nisso está a natureza logística dos agenciamentos, onde tudo é coextensivo a tudo pelo “plano de imanência” das relações de força, que são difusas e instáveis, porém locais (DELEUZE, 2008). “o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 1988, p. 103).

É, portanto, considerando o espaço composto por uma multiplicidade, ou melhor, uma “constelação de trajetórias” inter-relacionadas, que temos a possibilidade de apreender os movimentos e os agenciamentos que compõem as formas de subjetividades vulneráveis a morte violenta.

1.2.2- Juventude e sexo masculino como vítimas de morte na sociedade brasileira

Mediante as estatísticas sobre homicídio e jovens brasileiros foi possível evidenciar a crescente preocupação da sociedade brasileira com relação aos casos de morte violenta sofrida por jovens. As mortes por causas externas e violentas tem sido uma das maiores preocupações de outras áreas do conhecimento, mesmo que se concentrem fortemente nas mortes por acidentes de trânsito. Fora do âmbito desse levantamento em específico temos o Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo³⁰, com um grande número de produção a respeito da

³⁰ NEV-USP <http://www.nevusp.org/portugues/>.

violência urbana abrangendo em grande parte as mortes por homicídio. Outro exemplo é o Instituto Brasileiro de Ciências Criminais³¹ no qual também pode ser encontrado grande número de trabalhos que atendem especificamente os homicídios.

Em 2011 o Ministério da Justiça, juntamente com o Instituto Sangari³² publicou um volume de uma série intitulada “Mapa da Violência” que apresenta a evolução de taxas de mortalidade dos municípios brasileiros. Uma das maiores preocupações apontadas pelo estudo é que apesar das políticas públicas terem sido desenvolvidas a “violência continua a ter como principal ator e vítima a nossa juventude. É nessa faixa etária, a dos jovens, que duas em cada três mortes se originam numa violência, seja ela homicídio, suicídio ou acidente de transporte” (WAISELFISZ, 2011, p. 5). Além disso, a referida pesquisa aponta que, apesar do país ter tido uma redução total das taxas de mortalidade nos últimos anos, a faixa etária entre 15 e 25 anos manteve-se inalterada e destoa dos dados da população em geral. Para o autor do estudo,

isso se dá ao fato de as características da mortalidade juvenil não terem permanecido congeladas ao longo do tempo, mas mudado radicalmente sua configuração a partir do que poderíamos denominar novos padrões da mortalidade juvenil (WAISELFISZ, 2011, p.17).

A mortalidade juvenil (15-24 anos) analisada segundo causas “naturais” (doenças) e “externas” (homicídio, acidentes de trânsito e suicídio), evidencia a prevalência das causas externas e, dentre estas, destaca-se o homicídio, apesar da população jovem ser superior em todas as outras causas chamadas de externas.

Além disso, a mortalidade entre a chamada população jovem não é homogênea em termos de cor da pele e gênero. Para cada jovem branco assassinado no país, há dois jovens não brancos³³ que morrem nas mesmas condições e, em relação às diferenças de gênero, o Mapa da Violência produzido por Waiselfisz (2011), aponta que em 2008, do total de homicídios ocorridos entre a população jovem brasileira, 93,9% eram jovens do sexo masculino e apenas 6,31%

³¹ http://www.ibccrim.org.br/site/cursos/conteudo.php?cur_id=443. Utilizando a pesquisa online da Biblioteca do IBCCRIM, através da palavra-chave: ‘homicídio’ são enumerados 322 registros encontrados.

³² <http://www.institutosangari.org.br/instituto/>.

³³ Segundo Waiselfisz (2011) foram somadas as raça/cores ‘pardo’ e ‘negro’ para constituir a categoria ‘negro’, ou no caso, não brancos. Também foram desconsideradas o ‘amarelo’ e ‘indígena’ pela escassa participação na população (menos de 0,5%).

do sexo feminino.

A Secretaria de Vigilância em Saúde elaborou um Perfil da Mortalidade no Brasil³⁴ referente aos dados de 2005 sendo que a causa por Agressão (homicídio) é a terceira colocada, correspondendo a 5,3% das causas de óbito no país. Porém, há uma peculiaridade de gênero nas mortes por homicídio. Relacionando-se as causas de óbito para o sexo masculino, as Agressões (homicídio) permanecem em terceiro lugar, diferente do sexo feminino que a mesma causa não aparece nas primeiras dez causas de óbito no Brasil em 2005.

Outro importante fator a ser considerado é o crescimento de homicídio em cidades do interior dos estados, enquanto que nas capitais e regiões metropolitanas houve certa manutenção do padrão, como pode ser visto na tabela abaixo.

Tabela 1 – Crescimento % Anual do Núcleo de Homicídios por Área Geográfica no Brasil, 1980-2008 conforme Ministério da Saúde

Área	1980/1996	1996/2003	2003/2008
Brasil	6,60%	4,00%	-0,40%
Capitais + Regiões Metropolitanas	7,70%	2,60%	-2,80%
Interior	4,90%	6,50%	3,00%

Fonte: Waiselfisz (2011, p. 49).

Essa configuração de distribuição espacial dos homicídios é alvo de questionamentos por parte de Waiselfisz (2011), argumentando que

esse diferencial de ritmos, com Regiões Metropolitanas e Capitais estagnados ou caindo enquanto o interior continua crescendo, é o que denominamos, já desde os trabalhos de 2002, Interiorização da Violência, indicando uma mudança nos polos dinâmicos. Essa interiorização não significa que as taxas do interior sejam maiores que as dos grandes conglomerados urbanos. Significa, simplesmente, que é o Interior que assume a responsabilidade pelo crescimento das taxas de homicídios, e já não mais as Capitais ou as metrópoles. Restaria, ainda, indagar sobre os possíveis fatores determinantes dessa reversão (WAISELFISZ, 2011, p.51).

Os elementos trazidos evidenciam que há um fenômeno social expressivo no Brasil de homicídios de jovens brasileiros do sexo masculino e que o fenômeno vem

³⁴ SIM/SVS/MS. Perfil de Mortalidade do Brasileiro. Saúde Brasil 2007, uma análise da situação de saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde. Brasília, 6 de novembro de 2008.

se distribuindo pelo interior do país.

A morte por homicídio levanta algumas peculiaridades de gênero e idade. O desafio se apresenta em compreender as dinâmicas espaciais do grupo vulnerável a morte por homicídio, pensando a interseccionalidade entre categorias sociais de gênero, grupo de renda e idade relacionadas às práticas espaciais que os aproximam da morte violenta.

1.3- OS JOVENS HOMENS, VÍTIMAS DE HOMICÍDIO EM PONTA GROSSA – PR

1.3.1- O perfil socioeconômico das vítimas de homicídio

A notícia veiculada no dia 15 de junho de 2012 em um dos telejornais de maior alcance da cidade de Ponta Grossa – PR, afirmava: “Ponta Grossa completa hoje 50 dias sem registrar nenhum assassinato, é o período mais longo sem mortes desde 1999”³⁵, a narrativa jornalística foi elaborada em tom de “comemoração” por parte da população e de êxito das medidas estratégicas tomadas pela Polícia Civil da cidade.

O município segue as dinâmicas do estado do Paraná que obteve uma queda nos índices de homicídio do ano de 2010 até 2012, como mostra o Relatório Estatístico Criminal sobre crimes relativo à morte no 1º semestre de 2012³⁶. Ponta Grossa, mesmo sendo a 4º cidade do estado em população³⁷, está em 11º lugar em número de registros de homicídio doloso³⁸, com 15 homicídios entre os meses de janeiro a junho, ficando atrás de cidades de menor porte como Guarapuava (23) e Paranaguá (17).

A Secretaria de Segurança Pública do Paraná (Sesp-PR), elabora anualmente relatórios criminais através das estatísticas levantadas pelas Áreas Integradas de Segurança Pública (AIESP) e nelas estão presentes as Subdivisões Policiais – SDP

³⁵ Reportagem do dia 15 de junho de 2012 do ParanáTV 2ª edição da RPC TV, pode ser assistida online no site: <http://g1.globo.com/parana/noticia/2012/06/ponta-grossa-no-parana-completa-50-dias-sem-registrar-homicidios-dolosos.html> (último acesso: 05 de setembro de 2012). Os 50 dias completaram 56, até que um jovem do sexo masculino com 20 anos foi morto com um tiro nas costas: <http://globov.globo.com/rpc/parana-tv-2a-edicao-ponta-grossa/v/assassinato-derruba-o-recorde-de-56-dias-sem-homicidios-em-ponta-grossa/2007745/> (último acesso: 05 de setembro de 2012).

³⁶ Elaborado pela Coordenadoria de Análise e Planejamento Estratégico da Secretaria de Estado da Segurança Pública.

³⁷ Segundo CENSO 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

³⁸ Aquele no qual o agente quis ou assumiu o risco de matar alguém. Opõe-se a homicídio culposo ou involuntário.

da Polícia Civil, em Ponta Grossa está a sede da 13ª SDP, que corresponde a 4ª AIESP, atendendo a 19 municípios³⁹.

A AIESP de Ponta Grossa encontrava-se no ano de 2009 em 10º lugar⁴⁰ em número de registros de homicídio doloso saltando para a 5ª posição no ano de 2010⁴¹, o que fez com que no início de 2011 fossem criados os Setores de Inteligência e Homicídio pela 13ª SDP em Ponta Grossa, chefiada pela Delegada-Chefe Valéria Aparecida Padovani.

Por meio da autorização da Delegada-Chefe e o apoio da Escrivã-chefe Rubia Nara Diniz Ribeiro, tivemos acesso aos inquéritos policiais, selecionando apenas aqueles enquadrados no artigo 121 do Código Penal, o qual corresponde a “matar alguém”. Com o auxílio da Escrivã-chefe foi elaborado um Banco de Dados⁴² (anexo 3) baseado nas questões centrais e metodológicas da pesquisa, na estrutura formal de um inquérito policial e nas possíveis contribuições acadêmicas para com a 13ª SDP.

Os inquéritos policiais transitam entre a sede da 13ª SDP e as Varas Estaduais Criminais de Ponta Grossa, presentes no Fórum do município, outro local consolidado como campo exploratório, onde além de inquéritos policiais se teve acesso aos processos judiciais que estavam presentes nos cartórios das três Varas Estaduais Criminais existentes em Ponta Grossa.

Um objeto de pesquisa acontece como uma constante composição de múltiplos elementos. Através de um questionamento o pesquisador é lançado ao campo exploratório o qual pode confirmar ou confrontar-se com a questão inicial. Os caminhos tomados, limites encontrados, espacialidades vividas, estados emocionais são todas forças que interagem entre si e que “acontecem” na forma de uma pesquisa científica. Portanto é importante ressaltar que os locais frequentados e suas estruturas de funcionamento contribuem diretamente nos caminhos e assim nos resultados dessa pesquisa.

O recorte espacial da pesquisa previamente estipulado corresponde à cidade de Ponta Grossa e foi atendido pelo levantamento, considerando que as instituições

³⁹ Arapoti, Carambeí, Castro, Fernandes Pinheiro, Guamiranga, Imbituva, Inácio Martins, Ipiranga, Irati, Ivaí, Jaguariaíva, Palmeira, Piraí do Sul, Ponta Grossa - sede SDP, Porto Amazonas, Rebouças, Rio Azul, Sengés e Teixeira Soares.

⁴⁰ Considerando que a AIESP de Londrina e a AIESP de Rolândia foram contabilizadas no ano de 2009 juntas.

⁴¹ 102 registros de homicídio doloso.

⁴² Através do *software* OpenOffice.3, com o auxílio do geógrafo membro do GETE, Alides Baptista Chimin Junior.

utilizadas como já mencionado abrangem não só a cidade como extrapolam os limites urbanos do município. O recorte temporal para as análises dos inquéritos policiais e processos judiciais corresponde aos anos de 2010 e 2011⁴³.

Nesse sentido foram analisados 79 inquéritos⁴⁴ considerando que entre 2010 e 2011, segundo os dados da 13ª SDP, foram registrados 124 homicídios no município de Ponta Grossa. Porém a pesquisa encontrou dificuldades para determinar a quantia exata de homicídios por ano. Em 2011 a 13ª SDP mediante relatório anual afirmou haverem ocorrido 57 homicídios, mas analisando esses casos foi percebido que desses 57 havia alguns crimes executados no ano de 2009. Isso ocorreu por conta do levantamento da Polícia Civil considerar a data de abertura do inquérito e não a data de execução do crime. Considerando a data de execução dos crimes, os 79 inquéritos estão distribuídos entre 51 de 2011, 26 de 2010 e dois do mês de dezembro de 2009. Portanto, o recorte temporal exato da pesquisa é de dezembro de 2009 à dezembro de 2011.

Os inquéritos policiais são uma medida judicial para o enquadramento dos autores dos atos criminais ao Código Penal. Como uma prática judiciária – maneira pela qual pessoas arbitram os danos e as responsabilidades, tem sua origem já na Idade Média, elaborada como uma pesquisa da verdade, reconstruindo fatos passados, fazendo com que ao longo dos anos se desenvolvessem complexas técnicas de pesquisa na elaboração de provas⁴⁵.

Em casos específicos de maior repercussão social em alguns assassinatos, várias técnicas e tecnologias são utilizadas na “elucidação” das provas do fato consumado no passado. Porém, como prática cotidiana, os inquéritos policiais atualmente no Brasil são baseados prioritariamente sobre aspectos testemunhais. Desse modo, por essa prática os inquéritos contêm depoimentos – quando intimado, e declarações – solicitados, de pessoas que podem contribuir para “reconstrução” do acontecimento e suas causas. Por meio dessas construções discursivas presentes nos inquéritos e alguns dados diretos das investigações da polícia foi possível

⁴³ Foi assim estipulado por conta das limitações de se acessar documentos mais antigos e por tornar-se exequível à pesquisa.

⁴⁴ Entre os meses de março e junho de 2012. Vale lembrar que essa quantia foi limitada não pelo tempo da pesquisa, mas pelo acesso aos documentos, alguns processos judiciais depois de encaminhado a diferentes setores da Justiça Federal podem levar até 4 anos para retornar aos cartórios das Varas Criminais.

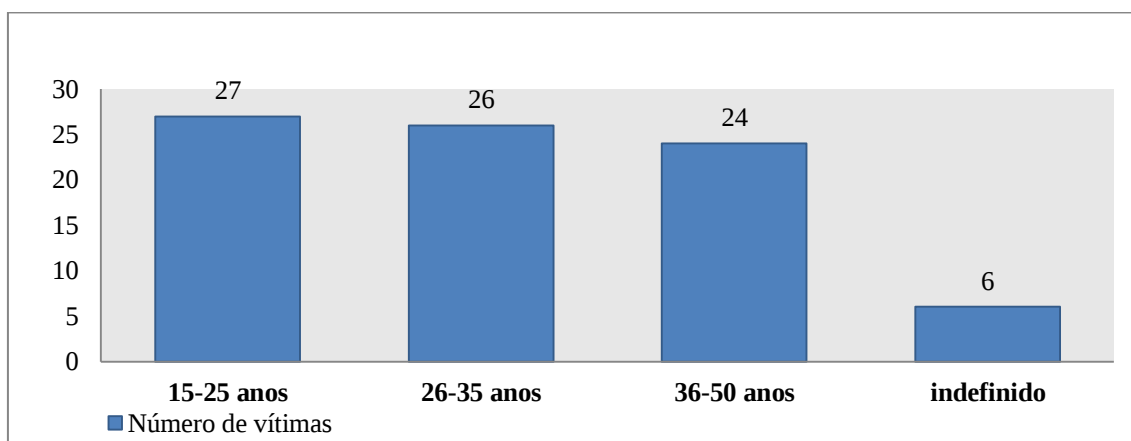
⁴⁵ Sobre o “inquérito”, Foucault (2003) elabora uma análise do seu surgimento até mudança do que ele chama de “exame”, em ambos as práticas judiciárias são muito importantes na construção de formas de verdade e subjetividade.

elaborar um perfil das vítimas dos homicídios. Num primeiro momento serão utilizados os dados levantados pela polícia e os laudos do Instituto Médico Legal – IML presentes nos inquéritos para obter características como sexo, idade, grau de instrução, ocupação, estado civil, raça/cor e marcas corporais.

Dos 79 inquéritos analisados foram levantadas 83 vítimas, considerando que 4 inquéritos tratavam de 2 vítimas. Dessas 83 vítimas, 74 eram do sexo masculino e apenas 9 do sexo feminino. Essa concentração de gênero corresponde às estatísticas nacionais e regionais, enquanto em Ponta Grossa esse grupo corresponde a 89,2%, no Paraná 91,1% das vítimas são do sexo masculino, na região sul 90,3% e no Brasil 92% (WASELFISZ, 2011).

A média da idade das vítimas é de 28 anos, porém essa média é fortemente influenciada por vítimas de idade avançada que contabilizam um número muito pequeno, como o caso de apenas uma vítima com 50 anos de idade. A faixa dos 15 aos 25 anos de idade corresponde a 32,5% do total das vítimas.

Gráfico 4 – Idade das vítimas de homicídio entre os anos de 2010-2011, na cidade de Ponta Grossa – Paraná



Elaborado por Gomes (2013).

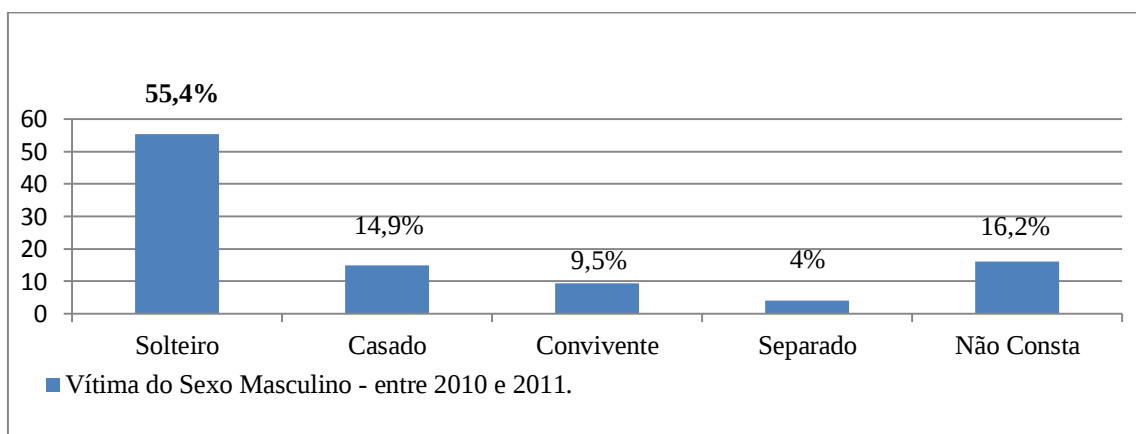
Poucos foram os inquéritos que continham o grau de instrução das vítimas, apenas 27,7%, mas esse total demonstrou uma grande tendência para a baixa escolaridade das vítimas de homicídio, considerando que 69,6% tinham 1º incompleto e apenas 13% completaram o 2º grau.

Esse perfil colabora para que as vítimas se ocupem com serviços que não exijam níveis de escolaridade. A categoria mais encontrada entre as ocupações das

vítimas do sexo masculino é referente à área de construção civil, especificamente pedreiro e servente de pedreiro (18,9%) que em muitos dos casos caracteriza-se por um emprego informal e temporário. A segunda ocupação mais frequente dentre os homens, com 9,5%, são os empregos na área de serviços e produção (segurança, mecânico, serralheiro, açougueiro, marceneiro, borracheiro). Seguido de Serviços Gerais, com 8,1%, ocupação relacionada aos 'bicos', serviços que atendem uma demanda esporádica e casual, trabalhos manuais oferecidos para 'consertos' muitas vezes na própria vila de moradia. Na quarta ocupação aparecem os motoristas e motoboys com 5,4% e as demais aparecem dispersas em menor frequência⁴⁶. Dentre as 9 vítimas do sexo feminino, 4 delas tinha como ocupação o serviço doméstico e 3 eram prostitutas, as outras duas não havia informação.

Considerando suas ocupações, as vítimas do sexo feminino tinham em sua maioria o estado civil solteiro, fator que se apresentou de maneira mais evidente também às vítimas do sexo masculino:

Gráfico 5 – Estado Civil das vítimas de homicídio do sexo masculino entre os anos de 2010-2011, na cidade de Ponta Grossa – Paraná



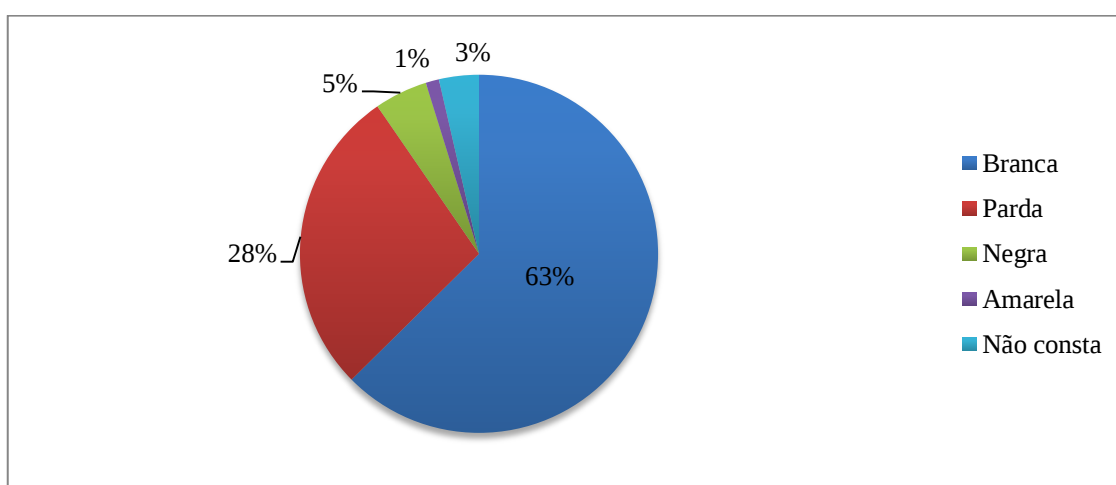
Elaborado por Gomes (2013).

Sobre raça/cor é importante ressaltar os elevados índices de vitimização negra no Brasil. Waiselfisz (2011) indica que em 2005 morreram proporcionalmente 67,1% mais negros do que brancos, já em 2008 o Brasil presenciou um patamar de 103,4%. De maneira geral, para cada jovem branco morto haveria pelos menos dois negros sendo vitimados por homicídio. Porém, o país possui uma faixa longitudinal

⁴⁶ Comércio e Venda (4%); Autônomo (4%); Auxiliar de Produção (4%); Estudante (1,4%); Lavoura (1,4%); Desempregado (1,4%); Não Consta (41,9%).

muito extensa e uma diversidade de raça/cor muito grande ocasionando diferentes concentrações de grupos de pele e o Paraná é o estado que mais destoa da realidade nacional, na medida em que tem o menor índice de vitimização de negros entre as Unidades Federativas, é também o estado que obteve em 2008 a maior taxa de homicídio de brancos do país e Ponta Grossa reflete a regionalidade desse fenômeno:

Gráfico 6 – Raça/cor das vítimas de homicídio entre os anos de 2010-2011, na cidade de Ponta Grossa – Paraná



Elaborado por Gomes (2013).

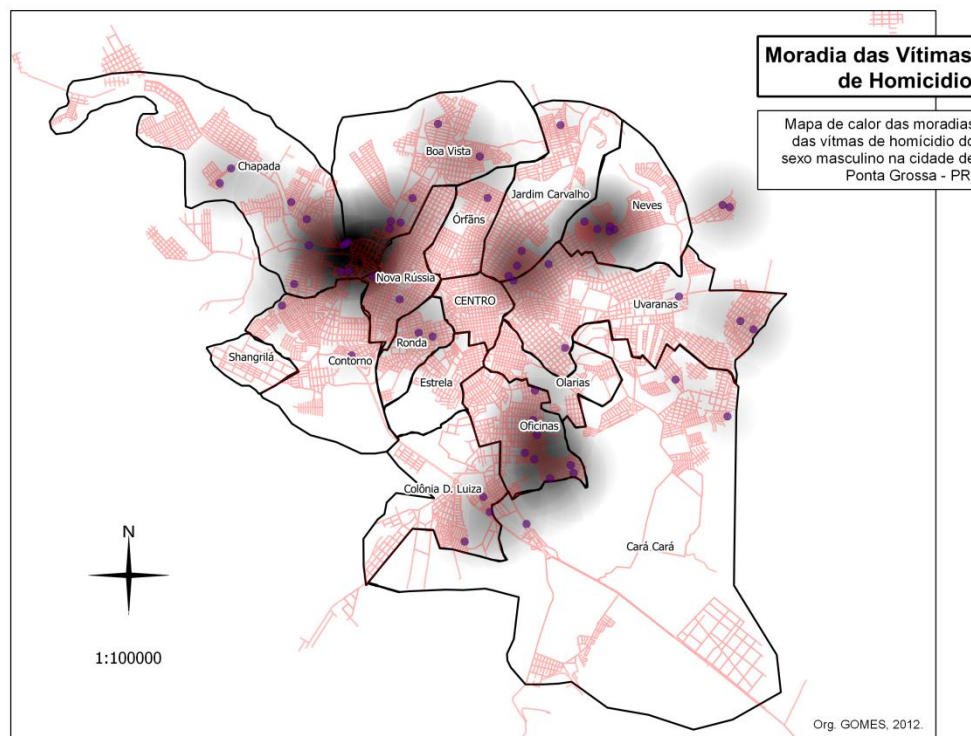
Outro elemento de caracterização utilizado nas investigações criminais e presente no laudo do IML são as marcas corporais, que correspondem a cirurgias, cicatrizes, *piercings* e tatuagens. 51,8% das vítimas não apresentavam nenhuma marca corporal, porém a segunda categoria com 29% corresponde a pessoas que continham mais de uma tatuagem, registradas entre 2 e 9 unidades, seguido de 10,8% que tinham apenas uma tatuagem, 4,8% apresentavam cicatrizes e somente 1,2% apresentou tatuagem e *piercing*. Os demais 2,4% são indefinidos pelo fato dos corpos serem encontrados em elevado estado de decomposição.

Os trabalhos de Chimin Junior (2009) e Rossi (2010) demonstram que os adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei na cidade de Ponta Grossa concentram seus atos infracionais no centro da cidade, local de tensão entre diferentes territorialidades urbanas, porém o local de moradia desses sujeitos refere-

se a áreas periféricas pobres da cidade⁴⁷.

No levantamento dos locais de moradia das vítimas de homicídio do sexo masculino em Ponta Grossa é possível evidenciar a ausência de vítimas que residiam no centro da cidade, bem como a quase nula concentração de moradores nos eixos e avenidas principais e em vilas com grupos de renda elevada. Há, portanto, uma concentração principalmente nas vilas Boa Vista e Jardim Bela Vista, que são áreas com a presença ou aproximação de favelas e ocupações irregulares e Jardim Giana e Vila Cipa, como vilas distantes da área central.

Figura 1 – Cartograma do Local de moradia das Vítimas de homicídio do sexo masculino entre os anos de 2010-2011, na cidade de Ponta Grossa – Paraná



O perfil das áreas de moradia das vítimas demonstra diversas carências cotidianas por meio de recursos materiais. Trabalhos de geógrafos como Souza (2008), Chimin Junior (2009) e Rossi (2010) demonstram que elementos de vulnerabilidade social não definem as práticas violentas. Contudo, nas espacialidades de vulnerabilidade social estão presentes múltiplos elementos como

⁴⁷ 97% do adolescentes em conflito com a lei são provenientes de áreas periféricas pobres da cidade de Ponta Grossa – PR, (ROSSI e CHIMIN JUNIOR, 2009).

os que compõem práticas violentas. Um exemplo é o setor ilegal do tráfico de drogas, que deve ser considerado como mais uma expressão da sociedade capitalista contemporânea e que, na condição de um mercado ilegal, tem a necessidade de elaborar outros dispositivos de troca e cobrança; para essa uma das formas é a própria ameaça e a execução dos compradores em dívida.

Geralmente os inquéritos possuem a ficha criminal das vítimas e das 83 vítimas analisadas 32,5% possuíam antecedentes criminais. Os crimes mais frequentes são respectivamente furto, roubo, lesão corporal, homicídio e ameaça. Relacionado a esses dois últimos casos é frequente a incidência de vítimas que tinham seus nomes vinculados aos registros do 181 Narcodenúncia, programa do Governo do Estado do Paraná criado para combater o tráfico e prender os traficantes.

Os elementos corporais, sociais e econômicos aqui citados constroem um perfil das vítimas de homicídio na cidade de Ponta Grossa, mostrando algumas concentrações em certos grupos que vivem no espaço urbano. Considerando a tendência geral das pessoas assassinadas, temos o sujeito do sexo masculino branco e solteiro, morador de áreas periféricas e pobres, com idade entre 15 e 25 anos e com baixo nível de escolaridade, ocupado em empregos não registrados e temporários e com possibilidades de ter tatuagens pelo corpo e possuir antecedentes criminais.

Mas é justamente nessas caracterizações de corpos na sociedade que devemos nos posicionar de maneira crítica e ampliar a teia de relações que um fenômeno como esse compreende. É por meio dessas caracterizações pretensamente fixas que a sociedade disciplinar e do controle elaboram um sujeito ideal a ser penalizado e por meio de práticas penais e constantes “exames”⁴⁸ que formas de verdade são elaboradas, dando sentido e substância aos corpos dóceis e/ou desajustados.

Por meio de práticas discursivas como essa é que indivíduos se tornam “penalizáveis”, não só pelas formas jurídicas legais do Estado, mas também pelas ‘intempéries’ de uma vida desregrada. Na medida em que constantes disciplinas são tomadas a uma sociedade e normas regulatórias como de gênero, renda, sexualidade, cor da pele e práticas espaciais, simultaneamente processos de

⁴⁸ Formas de análise que surgem no final do século XIX, na formação da sociedade capitalista, dando origem a Criminologia, Psicopatologia, a Psicanálise, a Psicologia e a Sociologia, Foucault (2003).

subjetivação vão sendo elaborados. O que se quer dizer com isso é que além das formas institucionais de controle na sociedade há também o controle cotidiano de pessoas que formulam representações sobre os sujeitos passíveis de serem mortos por assassinos que ocupam o espaço público, isso sem que se enquadre como um dano à vitalidade de uma população, pelo contrário, o dano seria talvez se essas formas de subjetividade não fossem interrompidas. Esses elementos estão presentes no capítulo 3.

1.3.2- As características e os motivos da morte por homicídio nos inquéritos policiais em Ponta Grossa

Como já citado, os inquéritos são uma prática de reconstrução do passado, indexando acontecimentos que permearam o ato criminal. Tomado isso, esta pesquisa não está preocupada na ‘veracidade’ dessas construções investigativas sobre os fatos, justamente por tomar partido às análises de Foucault (2003) sobre inquérito, que fogem a noção racionalista de encontro com a verdade e elucidação das origens das coisas. O autor faz um esforço através da filosofia de Nietzsche e de uma releitura do Édipo de Sófocles para subverter a noção de uma verdade a ser encontrada. Mais interessante que supor uma verdade original é tomá-la como uma ficção constantemente formulada através dos domínios do saber e das relações de poder. Nesse sentido, as práticas sociais engendram domínios de saber que “não somente fazem aparecer novos objetos, novos conceitos, novas técnicas, mas também fazem nascer formas totalmente novas de sujeitos e de sujeitos de conhecimento” (FOUCAULT, 2003, p.8).

Ao tomar como dado da pesquisa as informações contidas nos inquéritos não se tenta buscar as essências dos corpos criminais, mas utilizar dessas práticas de produção do saber como mais um elemento que produz o espaço urbano.

As características e motivos dos crimes serão tomadas a partir daqui em cima das 74 vítimas do sexo masculino por corresponder tanto a faixa predominante nas estatísticas e atender as questões da pesquisa, sem deixar de considerar que resultariam em pertinentes trabalhos, análises sobre feminilidades e morte baseada nas 9 vítimas do sexo feminino todas vitimizadas por homens, caracterizado em sua maioria em crimes contra prostitutas e crimes passionais.

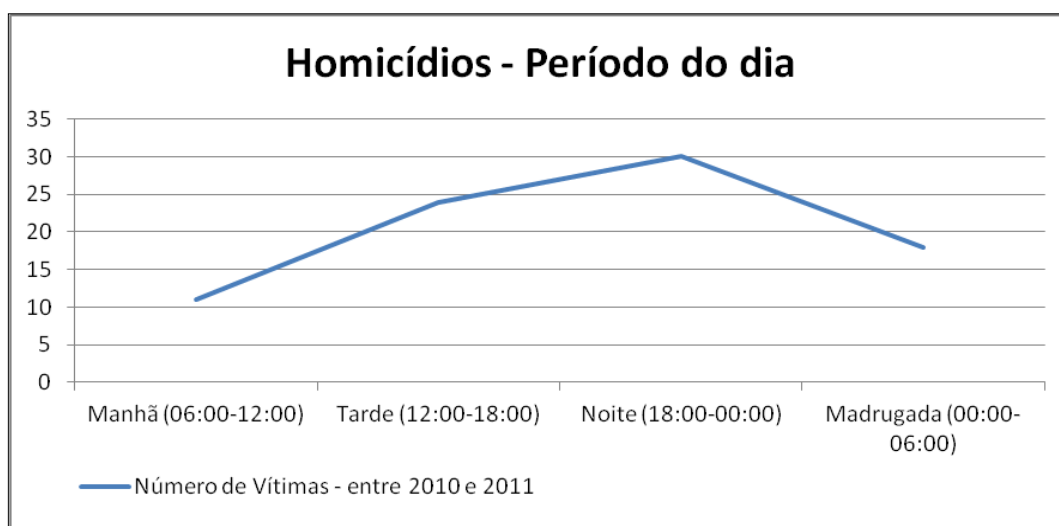
As análises serão pautadas sobre dois tipos distintos de dados. Num primeiro

momento, rapidamente serão apresentados os dados referentes à relatoria do crime elaborado pela Polícia Militar, que atende diretamente no local da ocorrência e pelos dados Instituto Médico Legal (IML), que descrevem as causas da morte. Posteriormente, a análise será baseada nos depoimentos presentes no inquérito.

Inicialmente é possível demonstrar a distribuição dos atos criminais durante períodos do ano e do dia. O primeiro por não expressar nenhuma tendência significativa entre os meses foi distribuído entre as estações. A primavera com 30,1% é a estação onde desabrocham maiores registros de homicídio, em segundo aparece o outono que expressa 25,3% das vidas despetaladas, seguido do inverno com 22,9% e por último o sol de verão aqueceu 21,7% dos corpos vitimados⁴⁹. Dentre os meses, junho se mostra com o maior número de homicídios, sendo que essas informações não corroboram com as ideias que relacionam atos violentos aos períodos de mais intenso calor.

Mais importante que isso é o período do dia que podem ser correlacionados a práticas cotidianas urbanas específicas, como a relação entre noite-madrugada à festa e espaço público e manhã-tarde com trabalho ou desocupação. O maior número de registro de assassinato corresponde ao período da noite.

Gráfico 7 – Período do dia dos crimes de homicídio entre os anos de 2010-2011 em Ponta Grossa – Paraná



⁴⁹ Se a linguagem pareceu estranha na aproximação de morte com estruturas poéticas, talvez seja pelo distanciamento que nós pesquisadores e leitores de literatura acadêmica geralmente temos desse cotidiano. Afinal, 69,6% das vítimas não tinham completado nem o ensino fundamental e nenhuma das vítimas tinham ensino superior ou eram estudantes de algum curso de graduação. Talvez estes estejam mais preocupados em criticar a linguagem chula do hip-hop enquanto dançam um sertanejo universitário.

Elaborado por Gomes (2013).

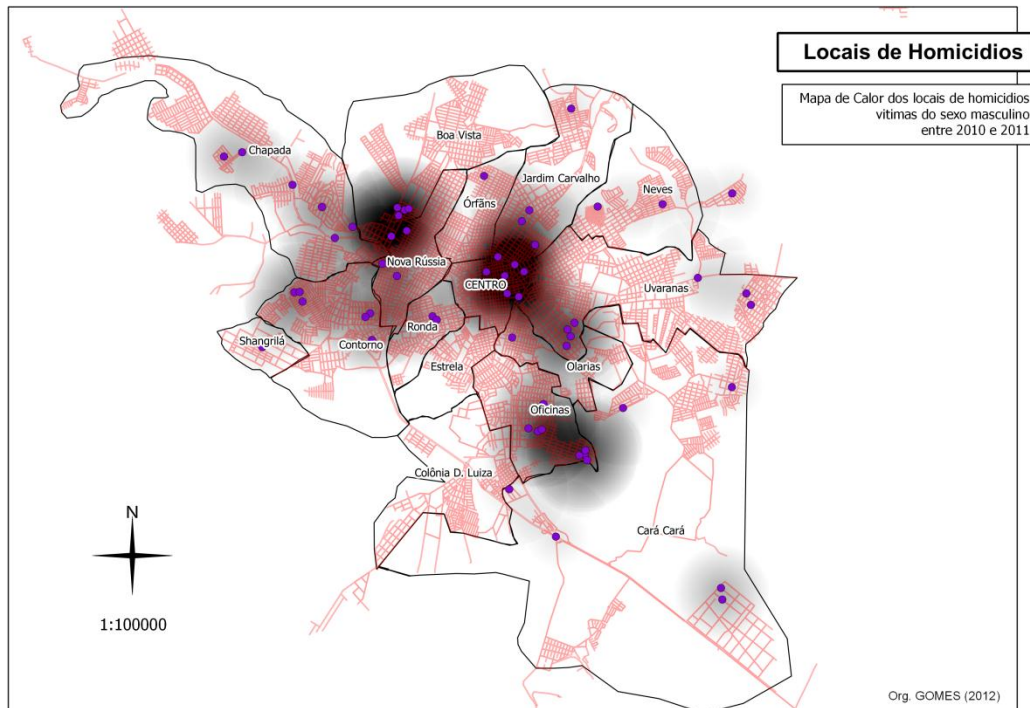
Essa concentração no período será posteriormente correlacionada às causas e espacialidades dos crimes.

Sobre os meios utilizados aos quais as vítimas foram submetidas, a arma de fogo (39,2%) se mostra como o instrumento mais eficaz na execução dos homicídios, seguido de arma branca (25,3%). Esse eixo assim denominado concentra uma gama extensa de instrumentos utilizados como faca, pedra, machado, foice e objeto contundente. O terceiro meio são as vítimas mortas por agressão (19%), representando lutas diretas e espancamentos, e por último estão as vítimas mortas por agressão junto de arma branca (11,4%)⁵⁰.

Os locais onde ocorrem os crimes contrapõem-se aos locais de moradia das vítimas (Figura 1), semelhante à dinâmica apresentada por Chimin Junior (2009) dos adolescentes em conflito com a lei que moram em áreas periféricas, porém suas práticas delituosas se concentram no centro da cidade, espacialidade onde os adolescentes buscam elementos ausentes nos lugares de moradia e encontram conflitos entre diferentes grupos que compõem outras territorialidades urbanas (ROSSI, 2010). Da mesma maneira ocorre com os homicídios, lembrando que a área central da cidade não apresentou nenhum registro de moradia das vítimas ao mesmo tempo em que aparece como a região com o maior índice de execução dos homicídios.

⁵⁰ Os 5,1% restante das vítimas não constam essa informação.

Figura 2 – Cartograma dos locais dos crimes de homicídio entre os anos de 2010-2011 na cidade de Ponta Grossa – Paraná



Relacionado a esses dados a pesquisa parte para os depoimentos e declarações de familiares, conhecidos, testemunhas e suspeitos. Esses documentos são apresentados no inquérito na forma de transcrição e relatoria da fala do depoente, intercalando entre a escrita comentada do escrivão sobre o depoimento e transcrições diretas das falas dos depoentes.

Isso permitiu que através do Banco de Dados fossem registradas evocações a respeito do crime e as percepções sobre a vítima. Na fase exploratória o Banco de Dados foi elaborado de maneira a contribuir para um levantamento mais rápido e que possibilitasse assim uma maior abrangência, criando duas colunas de preenchimento com os seguintes eixos: “características vindas do depoente sobre as vítimas” e “percepções do depoente sobre a vítima”.

No primeiro eixo foram vinculadas as características que os depoentes davam de maneira afirmativa e informativa às indagações policiais; o segundo eixo trata de evocações transcritas das falas dos sujeitos sobre as “percepções” que os depoentes tinham sobre a vítima.

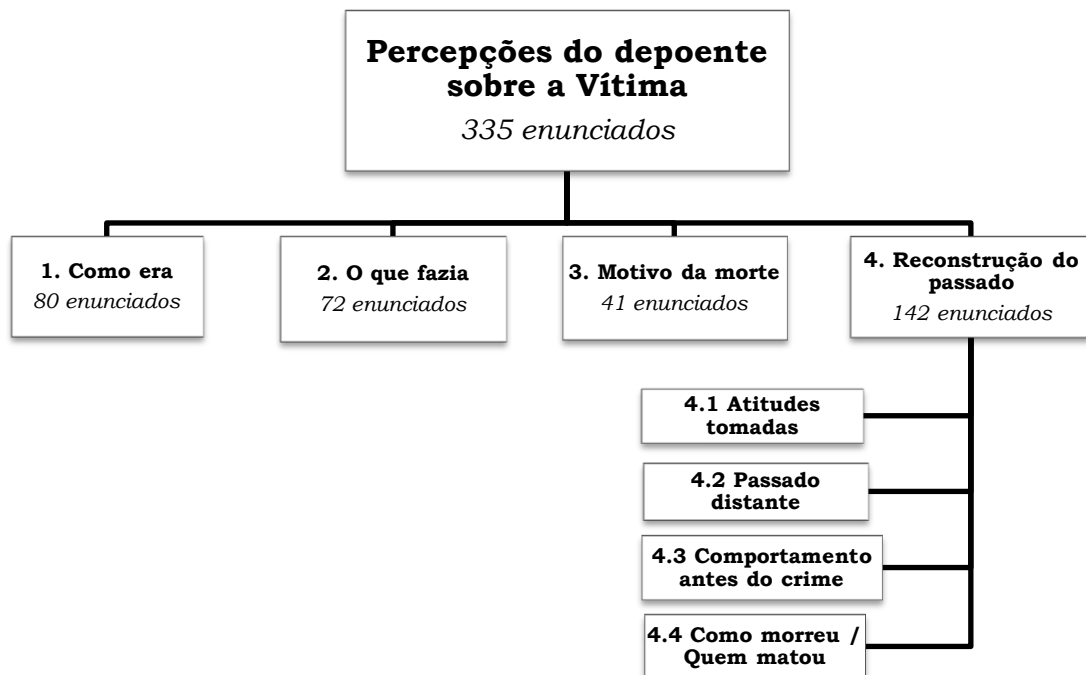
As características trazidas pelos depoentes totalizam 244 elementos que

foram organizados em 5 áreas em ordem de frequência: droga, bebida, trabalho, antecedentes criminais e família. 44,6% referem-se à droga e sobre esse tema a característica mais frequente para as vítimas do sexo masculino era de ser “usuário de crack”. Outra característica refere-se a bebida (20%) e o aspecto mais informado pelos depoentes era de que a vítima “bebia frequentemente”, na sequência aparecem características referentes a ocupação das vítimas (16,1%), no qual o serviço de “pedreiro” foi o mais informado. 11,5% se referem a características de antecedentes criminais sendo que a maioria delas afirma que as vítimas eram “ex-detentos” e por fim, aspectos referentes à família (7,8%), onde a maioria afirmou que os assassinados “tinham filhos”.

Além de encontrar com as características mais frequentes das vítimas dadas por pessoas conhecidas, como ser usuário de crack, beber frequentemente ou ser ex-detento, é interessante ressaltar que os grupos que foram organizados refletem os campos de investigação por parte da polícia que levanta aspectos como envolvimento com drogas, comportamentos sob efeito do álcool, passado criminal, fonte de renda da vítima e seu padrão familiar. Esses campos da vida social são lidos de maneira institucional através de padrões ideais que se desobedecidos podem aproximar uma pessoa a uma morte por homicídio por exemplo.

O segundo eixo preestabelecido refere-se às percepções do depoente sobre a vítima, retiradas das transcrições de suas falas. Na medida em que construíam seus relatos sobre os fatos os depoentes deixavam ‘escapar’ as representações que tinham sobre as vítimas. Isso produziu um montante de 554 enunciados organizados em eixos temáticos. É utilizado o termo ‘enunciado’ para designar uma exposição-declaração direta, por meio de palavras ou frases presentes nos documentos.

Figura 3 – Mapa de sentido das Percepções dos depoentes sobre a vítima de homicídio



Elaborado por Gomes (2013).

A quantia de enunciados foi contabilizada por vítima e não pelo número total dos enunciados presentes nos depoimentos. A quantia de depoentes nos inquéritos varia muito por conta das próprias características do crime, por exemplo, um caso em que uma vítima do sexo masculino foi morta queimada pela sua namorada contabilizou 6 enunciados: “morreu queimado pela namorada”, enquanto que um jovem do sexo masculino morto por dívida de drogas recebe apenas 1 enunciado afirmando: “morreu por dívida de droga”. O primeiro representa um crime de grande repercussão no local ocorrido enquanto que o segundo caso está presente a chamada ‘lei do silêncio’, onde depoentes resolvem não contar sobre os fatos por receber ameaças de traficantes. Portanto, se considerada a quantia total desses enunciados (6 e 1) se terá a falsa ideia por exemplo de que morre-se mais queimado pela namorada do que por acertos de conta de traficantes de droga. Os 6 enunciados tornam-se então 1, por considerar que seja apenas 1 vítima queimada pela namorada. Dessa forma, ao invés de um total 554 enunciados como foi comentado, foram sistematizadas um total de 335 enunciados como mostra a Figura 3.

Sobre as categorias presentes no mapa de sentido (Figura 3), por conta da grande quantia de enunciados dispersos, serão expostas no texto apenas as maiores frequências encontradas⁵¹.

A categoria 1. “Como era” a vítima, 38,7% delas tratava-se de qualidades positivas, dentre as mais frequentes apareceram os enunciados “tranquilo e sossegado”, “boa gente”, “trabalhador”. 36,2% são qualidades negativas, representadas em ordem por “encrenqueiro e briguento”, “agressivo”, “tinha aparência de mendigo”, “ciumento”, “não era boa gente”, “instável”, “desrespeitoso com as mulheres”.

Na categoria 2. “O que fazia” as vítimas do sexo masculino foram mais frequentes as vinculações à espacialidade da droga (37,5%) onde o enunciado que mais apareceu foi que a vítima “não usava droga”, seguido de “usava droga”, “vendia droga” “comprava droga do autor” do crime. O segundo grupo temático remete a espacialidade do álcool (14%), com os enunciados “bebia” e “bebia bastante”. Abaixo seguem as atitudes delituosas (9,7%) referentes a “roubava”, “furtava” “envolvido em homicídio”, e evocações referentes à noite e a rua (9,7%) como “passava dias fora de casa” e “ficava na rua de madrugada”.

Na categoria 3. “Causas da morte” os depoentes afirmaram ser “dívida de droga” (31,7%) a maior causa das mortes das vítimas homens, seguido de “brigas” e “encrencas” (17%), “envolvimento com droga” (14,6%), “devia dinheiro” (9,7%), “bebida” (7,3%).

A categoria 4. “Reconstrução do Passado” teve bastante concentração de enunciados por corresponder à própria dinâmica dos depoimentos que em muitos casos recebem pessoas que não testemunharam o crime, mas que talvez possam contribuir com atitudes e comportamentos que as vítimas tiveram momentos antes da morte. A grande quantia levou a categoria a ser organizada em 4 temas em ordem de frequência: “atitudes” tomadas, elementos do “passado”, “comportamentos” recentes tomados pela vítima e “como morreu e quem matou”.

Sobre as “atitudes” das vítimas os depoentes afirmaram que elas haviam “desafiado”, “provocado” e “encarado” o autor ou suspeito do crime. Já a construção do “passado” das vítimas a maioria dos depoentes afirma que a vítima tinha “desavenças/desafetos” com outras pessoas. Rememorando seu “comportamento”

⁵¹ Quer dizer que as porcentagens presentes no texto não contabilizam 100%, apenas demonstram as mais frequentes.

momentos antes do crime, a maioria demonstra que as vítimas expressaram “medo”, “ansiedade” e “nervosismo” seguido de “tentou mudar/evitar”. “Como morreu e quem matou”, os depoentes consideraram que as vítimas “morreram por agressão” ou “porque estava bêbado”.

Tomados os aspectos mais gerais do ato criminal, as características das vítimas do sexo masculino e as percepções que os depoentes tinham delas, sob análise mais integrada das informações de cada inquérito, é possível afirmar que 34 dos 74 homens assassinados eram usuários ou vendiam crack, sendo que desses, 24 morreram especificamente por envolvimento com droga (32,4%). Essa porcentagem está ligada a crimes diretamente relacionados às vendas, trocas e dívidas da cocaína e do seu derivado o crack. Nesse tipo de crime concentra-se a faixa jovem, entre 15-25 anos de idade, os quais geralmente são mortos em espaços privados, como pontos de encontro e venda, casa de conhecidos e também em fundos de vale próximo aos arroios, utilizados a fim de ocultar o ato criminal que geralmente é realizado no período da noite/madrugada, utilizando-se de faca ou arma de fogo e, em alguns casos, é praticado antes a tortura.

Dentinho morava na favela do Posto Contorno, na localidade em que residia e na frente da qual foi encontrado morto; que, Dentinho vendia droga em nome de Alves [...] várias pessoas da vila sabiam e, inclusive, falava-se que ele (Dentinho) iria morrer se não arranjasse o dinheiro logo [...] Dentinho bebia e brigava frequentemente, inclusive agredia as mulheres que compravam drogas dele; que, Dentinho estava ‘se achando’, pois sentia protegido por Alves.

[...] com uma facada na cabeça e uma no pescoço a interrogada afirma estar com uma faca na mão atingindo Dentinho, a interrogada retornou a residência de Dentinho e o mesmo estava na frente agonizando; a interrogada então pegou uma viga de madeira, atingindo várias vezes o rosto de Dentinho; que, mesmo assim ele não morria, então a interrogada pisou na boca dele para ele parar de respirar; que, verificou que ele morreu e retornou para a rodovia (p.5-6).⁵²

A descrição é de uma menina como a autora do crime e seus dados correspondem às maneiras como a vítima foi executada, porém a semelhança acontece por ela estar junto no crime e não por cometê-lo. Investigações policiais mostraram que ela não era a autora do crime e que havia confessado o crime por receber ameaças de Alves.

⁵² Autos de inquérito 020-2011, p.5-6. Os nomes utilizados são todos fictícios.

Um caso marcante à trajetória da pesquisa foi a ‘trajetória inconclusa’ de Borges:

Borges era usuário de crack, nos últimos tempos estava ‘afundado na droga’; que, Borges chegou a falar para a declarante que estava devendo bastante dinheiro para traficantes e que Borges disse que ‘não tinha como escapar’ [...] Borges disse que teria que sair sozinho porque não queria complicar sua família; que, a declarante acredita que o motivo pelo qual Borges foi morto foi por dívida de droga, afinal não tinha briga com ninguém (p.22).

a declarante afirma que na semana anterior a morte de Borges este agia com muita ansiedade sendo que nem sentava-se para comer [...] Borges estava bastante nervoso e ansioso, e dizia que estava indo embora e que era a ultima vez que iria ver todos; que, o declarante esclarece que Borges ficou com uma mochila nas costas durante toda a tarde e ficava dizendo que tinha que ir embora e também comentou que ‘se passasse do Vendrami tava salvo’. (p.25).⁵³

E realmente ‘Borges’ não se salvou. Ele pretendia caminhar a pé até a cidade de Curitiba-PR para começar novas possibilidades, porém não passou da vila Vendrami. Sobre essas práticas punitivas ‘extra-Estado’ estão presentes algumas análises no capítulo 2 e 3.

A segunda causa de homicídio mais encontrada são os crimes com a presença de bebida alcoólica (17,6%). Muitos foram os casos em que confusões foram formadas por homens sob o efeito do álcool, e esses crimes concentram-se na faixa adulta das vítimas, por grupos de baixa renda, casos até de moradores de rua, ocorrendo em espaços públicos, nas ruas e esquinas, terrenos abandonados, e em bares localizados nas vilas periféricas pobres da cidade. Em casos como esses os autores utilizam-se geralmente de objetos contundentes, como machado, foice e faca e espancamento, no caso de confusão em bares.

A relação entre homem, bebida alcoólica e homicídio, contribui para compreensão de múltiplas masculinidades. Basta fazer um esforço escalar e essa mesma tríade não será correspondida. Atualmente em Ponta Grossa, assim como em cidades com forte concentração de estudantes universitários, tem se visto o crescimento de um estilo de festa denominada *open-bar*, no qual pagando o ingresso de entrada se tem acesso liberado a bebidas alcoólicas. Contudo, não se tem a presença de homicídios, pelo menos não com a mesma frequência de

⁵³ Autos de Inquéritos 012-2011.

pequenos botecos de vilas. Se o álcool é uma bebida que atende a padrões quanto ao seu efeito biológico no ser humano, as masculinidades, portanto, são espacialmente elaboradas.

As demais causas se apresentam de maneira mais dispersa, como crimes de ciúmes, conflitos entre territorialidades urbanas, dívida de dinheiro e até vítimas por engano ou motivo torpe, como o caso de um furto de telefone celular, não que o autor tenha roubado e matado, pelo contrário, a vítima morreu por negar devolver o celular furtado.

Pessoas morrem vítimas de homicídio praticado por diferentes meios e motivos, mas a questão que essa pesquisa levanta remete à aproximação muito intensa dos jovens do sexo masculino e a morte por homicídio. Os perfis construídos sobre as vítimas e as narrativas elaboradas sobre os crimes demonstram que as vidas em risco não são caracterizadas simplesmente por “homens jovens”, mas se expressam em formas de subjetividade elaboradas numa espacialidade específica. Em Ponta Grossa concentra-se naqueles jovens do sexo masculino de periferia pobre com envolvimento com drogas. A partir deles pode-se tomar uma escala de análise.

O capítulo explorou os limites e potencialidades da exploração da morte de jovens do sexo masculino e sua relação com o espaço no campo científico da Geografia brasileira. Além disso, contextualizou o fenômeno na cidade de Ponta Grossa, construindo a partir dos inquéritos as tendências discursivas que remontam ao perfil do sujeito e de sua morte.

CAPÍTULO II

ESPACIALIDADES E VIVÊNCIA COTIDIANA DE JOVENS DO SEXO MASCULINO VULNERÁVEIS AO HOMICÍDIO

Não me interesse pelo eterno, não me interesse pelo que não se move, não me interesse pelo que permanece estável sob a cintilação das aparências, eu me interesse pelo acontecimento [...] somos atravessados por processos, por movimentos, por forças; estes processo e estas forças, nós não os conhecemos, e sem dúvida o papel do filósofo [ou geógrafo] é o de diagnosticar essas forças, o de diagnosticar a atualidade

Michel Foucault

O capítulo tem por objetivo construir uma análise sobre a morte por homicídio entre os usuários de crack e o espaço. Após ter construído o perfil geral do sujeito que morre por homicídio por meio da análise de 79 inquéritos, foi necessário encontrar pessoas que tivessem o mesmo perfil das vítimas dos processos, mas que estivessem vivos para serem entrevistados. Os adolescentes em tratamento do crack na Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro se encaixavam no perfil procurado e nesse sentido, acabaram constituindo o grupo a ser entrevistado. Foram realizadas 6 entrevistas semi-estruturadas em que foram detectadas as relações espaciais da morte por homicídio entre os jovens do sexo masculino, moradores de vilas periféricas pobres com envolvimento com as drogas.

2.1- JOVENS DO SEXO MASCULINO EM TRATAMENTO DO CRACK E SUA RELAÇÃO COM A MORTE POR HOMICÍDIO

2.1.1- O perfil dos jovens entrevistados

No capítulo anterior foi elaborado um conjunto de elementos que compõe a morte por assassinato no Brasil e posteriormente construída uma análise localizada nos casos de homicídio na cidade de Ponta Grossa – PR. Os sujeitos mais vitimados nos casos de homicídios residem em localizações específicas da cidade, compõem

laços e conflitos no lugar em que convivem e formas de subjetividade através das suas práticas espaciais.

Como argumentado outrora, são os jovens do sexo masculino, moradores de vilas periféricas pobres da cidade de Ponta Grossa envolvidos com a espacialidade das drogas, quem expressam uma vulnerabilidade à morte violenta. É a partir da ‘aproximação’ espacial dos assassinatos que esse perfil de sujeito vive, próximo ou vulnerável a morrer assassinado. Contudo, é imprescindível lembrar que essa ‘aproximação’ espacial não se refere à localização da efetuação do crime – homicídio, como se uma pessoa estivesse ‘vulnerável’ a morrer assassinada somente por residir em uma zona violenta de uma cidade. Retomando Massey (2008), essa proximidade acontece em ação, através de práticas espaciais, referindo-se a uma espacialidade sempre por fazer, aberta aos agenciamentos locais e eventuais.

O perfil elaborado das vítimas de homicídio em Ponta Grossa refere-se a uma ‘forma de subjetividade’ que reside em diferentes locais do espaço urbano, mas que possui similaridade quanto às ‘performances’ de masculinidade, participantes de um mesmo grupo de renda e reprodutores da espacialidade da droga. Utilizar a expressão ‘espacialidade da droga’ não nomeia o simples fato de ser um usuário de um tipo de entorpecente, mas participar da rede, em muitas situações violentas, de sociabilidade e de mercado de entorpecentes ilegais presentes em grupos de baixa renda. Essa espacialidade e outras estão presentes no segundo momento da pesquisa. O segundo capítulo expressa uma análise das vivências espaciais das formas de subjetividade apresentada no primeiro capítulo, expressa como jovens do sexo masculino vulneráveis a morrer assassinados.

A análise dos inquéritos policiais e processos judiciais possibilitou uma gama de informações a respeito dos homicídios, traçando características gerais dos autores e principalmente das vítimas presentes nos documentos judiciais. Contudo esse tipo de análise documental não esgota a questão central dessa pesquisa que não só afirma que há uma relação entre jovens do sexo masculino e a morte por homicídio, como também vem argumentando que essa relação possui uma “ordem espacial”. Um arranjo local constitui um agente ativo na realização e na qualificação de ações sociais, esse arranjo possui uma coesão que se constitui como fundamento da interpretação geográfica dos fenômenos (GOMES, 2012).

Ao estabelecer uma ordem espacial da relação entre um tipo de sujeito e um

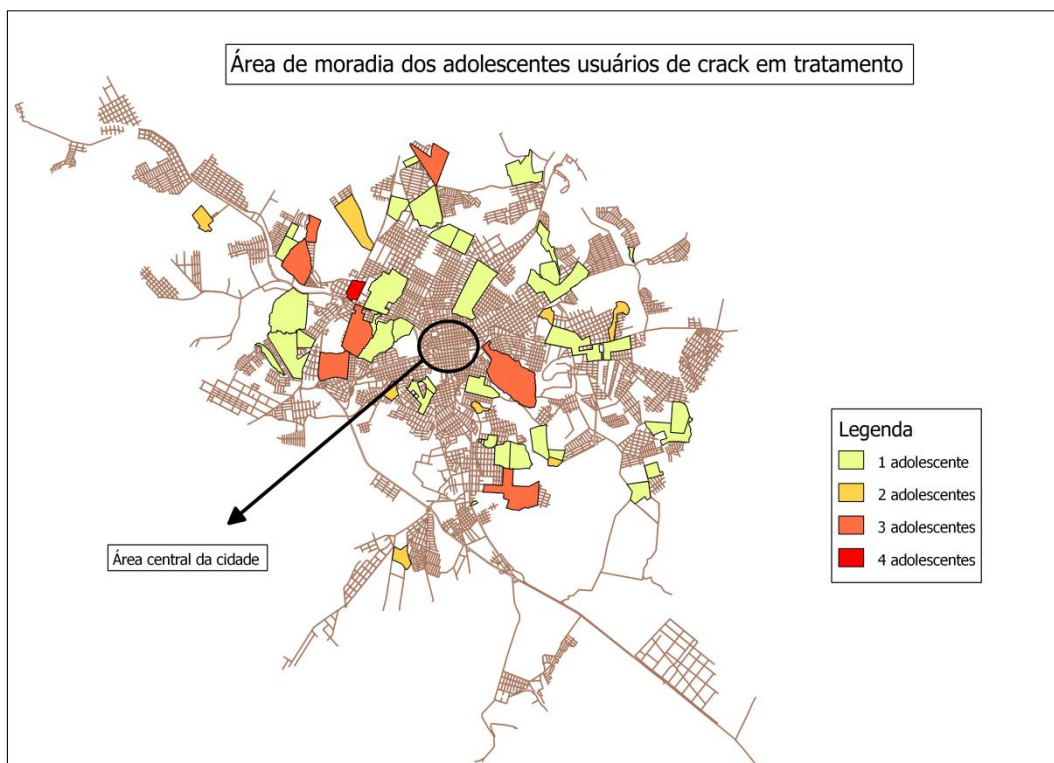
tipo de morte, a lógica ou a coerência espacial se faz mediante uma multiplicidade de inter-relações sempre por-fazer (MASSEY, 2008). Através dos acordos e conflitos praticados cotidianamente um sujeito compõe uma relação com determinado tipo de fenômeno, exposto à eventualidade de encontros e desencontros, assim como Massey (2008) propõe em seu argumento sobre lugar como eventualidade.

Considerando isso a trajetória investigativa realizou um deslocamento para expressões viventes do perfil elaborado dos casos de homicídio em Ponta Grossa. O campo exploratório foi articulado com a pesquisa do mestrando e companheiro de grupo de pesquisa, Heder Leandro Rocha, referente a espacialidade do crack em Ponta Grossa – PR. Nesse contexto a Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro vinculada a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa representa a única entidade que recebe adolescentes dependentes químicos para o tratamento na cidade. A Comunidade foi administrada até o mês de junho de 2012 pelo Esquadrão *Teen* que é um segmento ministerial da Igreja Cristã Presbiteriana da cidade. Posteriormente foi assumida pelo Ministério Melhor Viver⁵⁴ vinculada a Igreja Evangélica *Tehillah* da mesma cidade.

O local funciona como uma casa de recuperação de adolescentes do sexo masculino, obrigatoriamente menores de 18 anos, dependentes químicos. Os meninos atendidos pela Comunidade para completar o tratamento precisam permanecer 8 meses internados, tendo muitos casos em que fogem antes desse período, visto que a Comunidade funciona em regime aberto. A entidade recebe adolescentes em cumprimento de medidas judiciais mediante a Vara da Infância e da Juventude de Ponta Grossa e do Conselho Tutelar bem como demandas solicitadas diretamente pela população. Foi inaugurada em 12 de março de 2010 e até o dia 01 de julho de 2012 receberam 77 adolescentes e de acordo com o levantamento realizado por Heder Leandro Rocha, a maioria dos adolescentes são moradores de vilas periféricas pobres da cidade, acrescentando que não fora registrado nenhum residente na área central da cidade.

⁵⁴ <http://www.ministeriomelhorviver.com.br/>

Figura 4 – Área de moradia dos adolescentes usuários de crack atendidos pela Comunidade Terapêutica⁵⁵



Elaborado por Heder Leandro Rocha (2013).

A localização da moradia dos meninos que passaram pela Comunidade Terapêutica (Figura 4) sobrepõe-se a localização das moradias dos homens vítimas de assassinato, representadas na Figura 1 (p. 49). As principais sobreposições estão na região das vilas Boa Vista, Chapada e Cipa – extremo sudeste de Oficinas. Essa relação apresenta coesão com o perfil elaborado no primeiro capítulo das vítimas dos assassinatos executados em Ponta Grossa. Os jovens mortos e os adolescentes dependentes químicos residem nas mesmas localizações e partilham das mesmas espacialidades. Em uma vila está localizada a trama de atividades que compõem as diferentes espacialidades interseccionadas no cotidiano dos sujeitos vulneráveis à morte violenta.

Como informado, a Comunidade Terapêutica abriga apenas menores de 18 anos e segundo o levantamento elaborado por Rocha (2013), 75% do total de adolescentes que passaram pela casa tem de 15 a 18 anos. Através desse ambiente institucional de tratamento de dependência química foi possível acessar o perfil

⁵⁵ Esse croqui foi elaborado por Heder Leandro Rocha, baseado no levantamento das fichas de controle de cada adolescente atendido pela Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro.

apresentado dos sujeitos mais vitimados nos casos de homicídio, conseqüentemente, elaborar as entrevistas que serviram de base para a análise das espacialidades vivenciadas pelos jovens vitimados por homicídio e a composição da sua vulnerabilidade à morte violenta.

Nesse momento da trajetória argumentativa levanta-se uma questão: 'Qual o grupo focal da pesquisa, jovens ou adolescentes?', essa questão expressa alguns impasses encontrados na trajetória investigativa. Como já apresentado no primeiro capítulo, as pesquisas de Chimin Junior (2009) e Rossi (2010) serviram de ambiente para a emergência da questão central dessa pesquisa, dessa forma, inicialmente o foco estava voltado para os adolescentes, cuja faixa etária está entre 12 e 18 anos de idade, conforme classifica o Estatuto da Criança e do Adolescentes (ECA)⁵⁶. Contudo, os dados estatísticos a nível nacional sobre homicídios e os inquéritos policiais analisados na cidade de Ponta Grossa – PR apontam os homens jovens entre 15 e 24 anos como a mais frequente vítima nos casos de homicídios.

Sobre o recorte etário da juventude, tem-se no Brasil o Projeto de Emenda Constitucional – PEC da Juventude aprovada em setembro de 2010, o qual compreende juventude como sendo o grupo de pessoas com idade entre 15 e 29 anos. Porém, essa pesquisa se adequa às definições presentes nas estatísticas elaboradas no Mapa da Violência de 2011, que segundo Waiselfisz (2011) estão amparadas na Organização Pan-americana de Saúde e da Organização Mundial da Saúde – OPS/OMS, que definem juventude como a faixa etária entre 15 e 24 anos.

Mesmo que esse momento da análise esteja situado numa entidade que recebe meninos com menos de 18 anos, a pesquisa se posiciona na faixa jovem, e não adolescente, a fim de articular a problemática da morte violenta na juventude. Esse posicionamento metodológico pode ser justificado por três elementos: i) todos os entrevistados estão presentes na faixa jovem, ou seja, acima dos 15 anos; ii) o crack se mostrou um forte elemento para a vinculação de práticas violentas no cotidiano de jovens do sexo masculino, portanto, nada mais pertinente à uma análise do que manter-se mais próximo do período da vida em que esses sujeitos acessam a droga; iii) por fim, considera-se que as trajetórias de vida desses adolescentes tencionam os limites estabelecidos socialmente sobre os períodos da vida.

Pessoas com idade entre 15 e 18 anos, como é o caso dos sujeitos

⁵⁶ Em algumas excepcionalidades o Estatuto aplica-se às pessoas entre 18 e 20 anos de idade, conforme dita o parágrafo único do Art. 2º do ECA.

entrevistados nessa pesquisa, são adolescentes, mas não deixam de ser jovens. O que faz alterar a terminologia é o posicionamento metodológico de uma pesquisa, até mesmo porque os limites entre um período e outro da vida de um indivíduo não está representado pelos recortes jurídicos de uma sociedade, mas é estabelecido de acordo com as temporalidades e espacialidades acessadas pelo indivíduo.

A idade é um conceito que primariamente se aproxima de aspectos biológicos, no entanto, a experiência dos períodos da vida está sujeito às singularidades de diferentes contextos histórico-culturais. O geógrafo Peter Hopkins (2011) lembra que a idade é uma categoria socialmente construída, portanto, a questão do espaço torna-se muito importante, “pois as pessoas terão diferentes experiências e acessos aos lugares em razão de sua idade, e os lugares que são associados a determinados grupos e idade influenciarão quem os utiliza” (HOPKINS, 2011, p. 197).

Especificamente sobre a juventude, Skelton e Valentine (1998 *apud* HOPKINS, 2011) afirmam que apenas no fim dos anos 90 as geografias da juventude se estabeleceram como um importante subcampo da ciência geográfica. Esse período fluído de transição entre a infância e a fase adulta é muito bem trabalhado por Valentine (2003). A autora traz inúmeras pesquisas da área da Geografia que interseccionam o conceito de juventude com trabalho, delinquência, masculinidade, vulnerabilidade, família, escola, etc. Chamando a atenção para o fato de que a juventude é um período ambíguo de transição fluída entre a infância e a fase adulta, Valentine (2003) finaliza seu artigo ressaltando que além dos exemplos trazidos por ela, que se concentram na realidade europeia, é preciso pesquisar outras formas de juventude em outras culturas e sociedades, levando em conta que o período entre os 16 e 25 anos de idade é uma faixa etária pouco estudada pela Geografia, como considera a autora.

Trabalhos como de Valentine (2003) e Hopkins (2011) convidam para que as análises sobre jovens sejam elaboradas tomando em conta outras identidades sociais, como gênero, classe, raça. Assim como bem elaborou McDowell (2003) em sua análise sobre masculinidade de jovens da classe trabalhadora.

É por meio da intersecção de diferentes identidades sociais que diferentes formas de subjetividade são compostas. A idade torna-se mais um elemento identitário no processo constante de constituição dos sujeitos, no qual, não são nunca ‘constituídos’ de uma vez por todas, mas se comportam de maneira relacional

com as diferentes espacialidades vivenciadas. Sobretudo, reposicionando, eventualmente, o arranjo entre as identidades sociais, de acordo com as relações de poder que afetam ou não a expressão de si de um sujeito num determinado lugar.

Um sujeito vivencia múltiplas dimensões e espacialidades, posicionando-se diferentemente nas relações de poder, de acordo com as marcas que esse corpo carrega e suas intersecções identitárias (ROSE, 1993), de maneira que esse sujeito se expressa apenas na inter-relação, não como uma essência, nem como um eu unitário, mas sempre a construir-se, num devir (MASSEY, 2008). Dessa forma, aspectos da idade serão trabalhados no encontro com outros elementos sociais presentes no cotidiano do grupo de jovens do sexo masculino em tratamento do crack.

2.1.2- O processo de aproximação à Comunidade Terapêutica

Depois de alguns meses de aproximação com os meninos, foram realizadas 8 entrevistas semi-entrevistadas⁵⁷, entretanto, foram utilizadas em sua totalidade 6 entrevistas⁵⁸ para a sistematização das evocações.

⁵⁷ Roteiro em anexo 1.

⁵⁸ As outras duas foram impossibilitadas de transcrição, estando parcialmente comprometida por conta de ruídos no áudio da gravação.

Tabela 2 – Entrevistas Realizadas⁵⁹

Nome Fictício⁶⁰	Idade	Local de moradia	Escolaridade	Drogas Usadas
Polaco Bala <i>Entrevista concedida ao autor no dia 28 de junho de 2012</i>	16	Jardim Aroeira	6º ens. fund.	<i>cigarro; álcool; maconha; crack; cocaína.</i>
Palhaço Zóio <i>Entrevista concedida ao autor no dia 3 de junho de 2012</i>	16	Santa Mônica	8º ens. fund.	<i>crack; maconha; cocaína.</i>
Bola Magrão <i>Entrevista concedida ao autor no dia 3 de junho de 2012</i>	15	Ouro Verde	7º ens. fund.	<i>cigarro; álcool; maconha; crack; cocaína.</i>
Severino Espiado <i>Entrevista concedida ao autor no dia 3 de junho de 2012</i>	15	Leila Maria	6º ens. fund.	<i>cigarro; álcool; maconha; crack; cocaína; oxi.</i>
Ribeiro Loco <i>Entrevista concedida ao autor no dia 5 de maio de 2012</i>	17	Parque Alto Estrada	7º ens. fund.	<i>cigarro; álcool; maconha; crack.</i>
Jason Rim <i>Entrevista concedida ao autor no dia 28 de junho de 2012</i>	17	Jardim Atlanta	8º ens. fund.	<i>maconha; crack.</i>

Elaborado por Gomes (2013).

Antes de explicitar a metodologia de sistematização dos dados das entrevistas transcritas, gostaria de delinear alguns elementos do processo de aproximação com os meninos da Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro. Afinal, nessa obra escrita na forma de um trabalho científico, estão presentes de maneira formal e metódica as análises de discursos das falas dos sujeitos da pesquisa. Entretanto, é evidente que os momentos vivenciados naquele

⁵⁹ Todas as entrevistas foram realizadas na Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro.

⁶⁰ Nomes fictícios foram adotados para guardar a identidade dos entrevistados.

ambiente estão presentes aqui de maneira indireta, através daquilo que gostaria de chamar de “ritornelo”, conceito presente nas teorias da música, marcando um estribilho ou o ápice da música, mas que também foi filosoficamente apropriado por Deleuze e Guattari (1995b) não como um conceito-conteúdo, mas um processo-acontecimento, uma espécie de encontro onde um ‘eu’ e o que está ‘fora’ dele se funde e se transmutam. Acerca do ritornelo, Deleuze e Guattari (1995b) afirmam ser um “agenciamento territorial”. Não um território fixo e delimitado, mas um ato momentâneo – ‘territorialização’, que afeta os meios e os ritmos, alterando os componentes presentes na relação e os ritmos dessa relação, no caso, a relação entre o pesquisador, os meninos em tratamento e por fim a escrita. Um ‘afetando’ e ‘alterando’ o outro.

As entrevistas foram executadas no mês de junho de 2012, porém eu e meu companheiro de pesquisa Heder Leandro Rocha frequentamos a casa desde o mês de fevereiro do mesmo ano. Pela necessidade da elaboração de um banco de dados na pesquisa de Rocha (2013), foi necessário estar presente diversas vezes na Comunidade e foi acompanhando esse processo que frequentei o local ao longo desse período.

Enquanto elaborava esse trabalho numa sala restrita e destinada a nós, os momentos de diálogos estabelecidos com os meninos se dividiam entre aqueles em que eles vinham até nós na porta da sala e aqueles em que buscávamos-los em suas horas de descanso. Um acontecimento que merece menção foi uma saída de campo como estratégia de aproximação. Eu e o pesquisador Heder Leandro Rocha fazemos parte do Grupo Universitário de Pesquisa em Caverna – GUPE⁶¹ e por meio desse grupo e das estruturas da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, foi possível realizar uma saída de campo para a Caverna Olhos D’água no município de Castro – PR.

Adentrando aquele ambiente de muros bastante altos vi corpos que julguei serem de crianças até jovens que expressavam ter mais de 18 anos. Corporalidades que expressavam grupo de alta renda e muitas outras de baixa renda, ousando até classificar os corpos ‘delinquentes’, através de conhecidas expressões: ‘esse tem cara de bandido, aquele não’; ‘esse já deve ter matado, aquele é pouco provável’. Essas informações parecem ser não só desnecessárias como também convidativas

⁶¹ <http://www.gupe.org.br/>

e serem obscurecidas em uma construção argumentativa.

Dessa forma, não posso deixar de lembrar que essa pesquisa é transpassada por preceitos teóricos como a filosofia de Michel Foucault e a Geografia Feminista. O primeiro nos lembra que para elucidar o que se vê é necessário dizer onde se pisa, a maneira como vemos o mundo é composta pela maneira como estamos situados nele (FOUCAULT, 2000). Na segunda está presente uma grande contribuição às ciências sociais, as noções de ‘reflexibilidade’ e ‘posicionalidade’, trabalhados por geógrafas como Rose (1997) e Silva (2009c); esta insere sua experiência pessoal no processo de investigação da imigração ilegal de prostitutas brasileiras na Espanha.

A produção do conhecimento científico acontece a partir de uma ‘reflexibilidade’, ou seja, acontece no encontro entre o pesquisador e o pesquisado, na relação entre os aportes teórico-conceituais e o fenômeno. Também posicionado, o conhecimento científico sempre é fruto de um contexto histórico-cultural e realizado por um pesquisador posicionado em diferentes categorias sociais, como de classe, gênero, raça, etc.

Portanto, as ‘marcas corporais’ (LOURO, 1999) desenhadas por mim expressam um pesquisador posicionado em um grupo de renda diferente, uma expressão de masculinidade diferente, espacialidades vivenciadas diferentes, uma relação com a morte diferente. Essa posicionalidade recebe aspectos paradoxais mediante as relações de poder existentes na Comunidade, enquanto os meninos com uma suposta masculinidade marginalizada, agressiva e violenta representam um risco para mim, eles me veem como mais um instrumento disciplinador, considerando que sou um pesquisador de uma entidade pública.

De acordo com a noção de espaço paradoxal de Rose (1993) um indivíduo é composto por múltiplas dimensões e se posiciona diferentemente em cada uma delas, mas quero atentar para o fato de que um lugar, ou uma espacialidade, pode ser continuamente reposicionado, visto que ela acontece como encontro, um ‘lugar como encontro eventual’ (MASSEY, 2008).

É preciso afirmar que toda espacialidade, composição escalar, ou *assemblage*, apresenta uma estabilidade relativa (ANDERSON et al., 2012) arranjada por relações de poder, difusas e instáveis, que não cessam de se atualizar (DELEUZE, 2008). Do mesmo modo a espacialidade dá lugar às estratégias de poder, que por meio de “dispositivos” disciplinadores (FOUCAULT, 1988) dão certa continuidade da disposição atual e uma relativa estabilidade à natureza “caótica” de

uma espacialidade. Contudo, autores como Anderson et al. (2012), atentam para a incerteza dos agenciamentos realizados em uma espacialidade, caracterizando seu potencial para ser de outra maneira.

Dessa forma, uma mesma espacialidade pode ser rearranjada eventualmente por qualquer elemento que venha afetá-la. Por exemplo, em uma conversa entre mim e um dos meninos no pátio da Comunidade, ocorriam inúmeros deslocamentos locacionais nas relações de poder, plurilocalizações em uma mesma dimensão. Na verdade, a dimensão tornava-se outra na medida em que ocorriam esses deslocamentos, conforme apareciam novos agentes, como outros meninos, um educador, outro pesquisador, outra informação na conversa, trejeitos linguísticos e corporais.

Retomando as marcas socioculturais dos corpos dos meninos desenhadas por mim, é interessante lembrar que elas ocorreram nos primeiros encontros e gradativamente foram se apagando. Em consequência do choque entre realidades diferentes fui gradativamente percebendo que aproximar os sujeitos de uma pesquisa aos preceitos conceituais não acontece nunca numa linearidade, mas numa multiplicidade de inter-relações entre pesquisador-conceitos-pesquisado, um tensionando o outro.

Esse encontro não é conflitante, mas comporta-se como um ‘ritornelo’, alterando e re-territorializando. A partir do encontro da diferença é possível o surgimento de uma nova singularidade, tanto dos ditames de ‘verdades científicas’ como de novas formas de subjetividade. “A marca do verdadeiro é a alteridade; o que faz a diferença no mundo e as opiniões dos homens, o que obriga a transformar seu modo de ser, aquilo cuja diferença, abre a perspectiva de um mundo outro” (GROS, 2011, p.316).

Na medida em que fui convivendo com os meninos suas ‘marcas’ foram se tornando secundárias, fruto da própria proximidade. A relação ia se tornando mais complexa enquanto eles me traziam novos elementos. Ao afirmar isso não quero dizer que esses meninos não tenham baixa renda, ou não executam roubo, ou não matam. Pelo contrário, foi a partir da descoberta desses atos, que por sinal eram mais excessivos do que eu mesmo julgava, que as marcas foram desaparecendo, ou pelo menos se tornando secundárias.

Isso se deve ao fato de que as ‘marcas corporais’ precedem e posicionam um sujeito em determinada espacialidade, quero dizer que um menino não precisa

efetivamente ter praticado roubo ou matado alguém para ser visto como um ser perigoso. Minha proximidade com as práticas espaciais dos meninos através dos diálogos estabelecidos contribuíram para a complexificação do fenômeno da morte violenta, que vinha compreendendo a luz das estatísticas nacionais e das práticas jurídicas de uma sociedade.

Outro elemento interessante a ser ressaltado nesse processo de aproximação foi o simples contato com outras formas de subjetividades que não circundam as minhas espacialidades vivenciadas e, quando circundam, estão localizados de maneira muito periférica. Nesse sentido fica clara a interferência do local onde foram acessadas essas formas conflitantes de subjetividades⁶², posicionando inclusive o processo das entrevistas gravadas, como mostra esse trecho:

tipo assim que nem você falou né cara, se eu tivesse na rua e você falasse: fale as tuas experiências! Eu já ia te mandar tomar naquele lugar né cara, falava: ah vá tomar naquele lugar, sai de perto de mim cara, nossa já... altas coronhada que já dei nos outros assim (Severino Espiado)

No momento em que pronunciou isso, Severino Espiado tensionou meus limites de segurança e estabilidade como pesquisador ao imaginar uma abordagem feita por mim na rua, considerando que esse menino morou alguns anos na rua, efetuou muitos roubos, participou de muitas práticas violentas e inclusive é autor de homicídios. Essa condição de pertencente a um espaço de tratamento e correção altera toda a dinâmica de perigo, de desafio e assim de expressão das suas masculinidades agressivas que dialogavam com o cotidiano violento antes de entrar em uma instituição de tratamento.

O distanciamento das espacialidades em que os meninos tinham performances violentas fez com que eu não tivesse contato como pesquisador às suas formas de ser no cotidiano fora da Comunidade. Contudo, essa condição rearranjou suas performatividades espaciais, no sentido que propõe Rose (1999) e possibilitou uma maior aproximação às histórias de vida.

As entrevistas realizadas com os 6 meninos, entre 15 e 17 anos de idade, como demonstra a Tabela 2, foram transcritas na íntegra atendendo a um roteiro (anexo 1) e executadas de maneira semi-estruturada, que consiste em organizar

⁶² As entrevistas foram todas realizadas em uma das salas dos estabelecimentos da Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro.

questões-eixos que servem de condução ou estímulo para a conversa, não necessariamente obedecendo ao sistema de pergunta e resposta.

Uma questão que se levantou na fase exploratória da pesquisa foi que o roteiro elaborado previamente se mostrou ineficaz na obtenção de certas informações. As questões a serem investigadas colocavam os adolescentes em situação defensiva ao falar sobre o risco de morte, pois esse risco estava associado também a algumas autorias de homicídios. Apenas no decorrer das conversas em conjunto com as questões de Rocha (2013) é que as “cenas embaçadas”⁶³ surgiam em questões relacionadas ao crack. Nesse sentido, as entrevistas foram realizadas juntamente com o pesquisador Heder Leandro Rocha, triangulando com o seu próprio roteiro de entrevistas (anexo 2).

A sistematização dos dados atende a uma adaptação da metodologia que vem sendo elaborada através de outras pesquisas do Grupo de Estudos Territoriais, denominada ‘Evocação’, que penso haver três questões chave: i) baseada nas concepções de análise de conteúdo de Bardin (1977), a evocação não toma o significado estrutural de um discurso, antes considera que num discurso existem diversas evocações, como momentos semânticos da fala de um sujeito; ii) cada evocação pode e/ou está sempre situada em uma determinada espacialidade, a partir das evocações é possível produzir um ‘mapa’, criar um ‘diagrama evocativo’ das espacialidades vivenciadas pelos sujeitos entrevistados; iii) através de um Banco de Dados é possível potencializar a sistematização dos dados, dando a possibilidade de organizar as espacialidades presentes e delimitar as evocações a respeito de cada espacialidade, estipulando através do número de evocação o que é central e o que é periférico na vida cotidiana dos sujeitos.

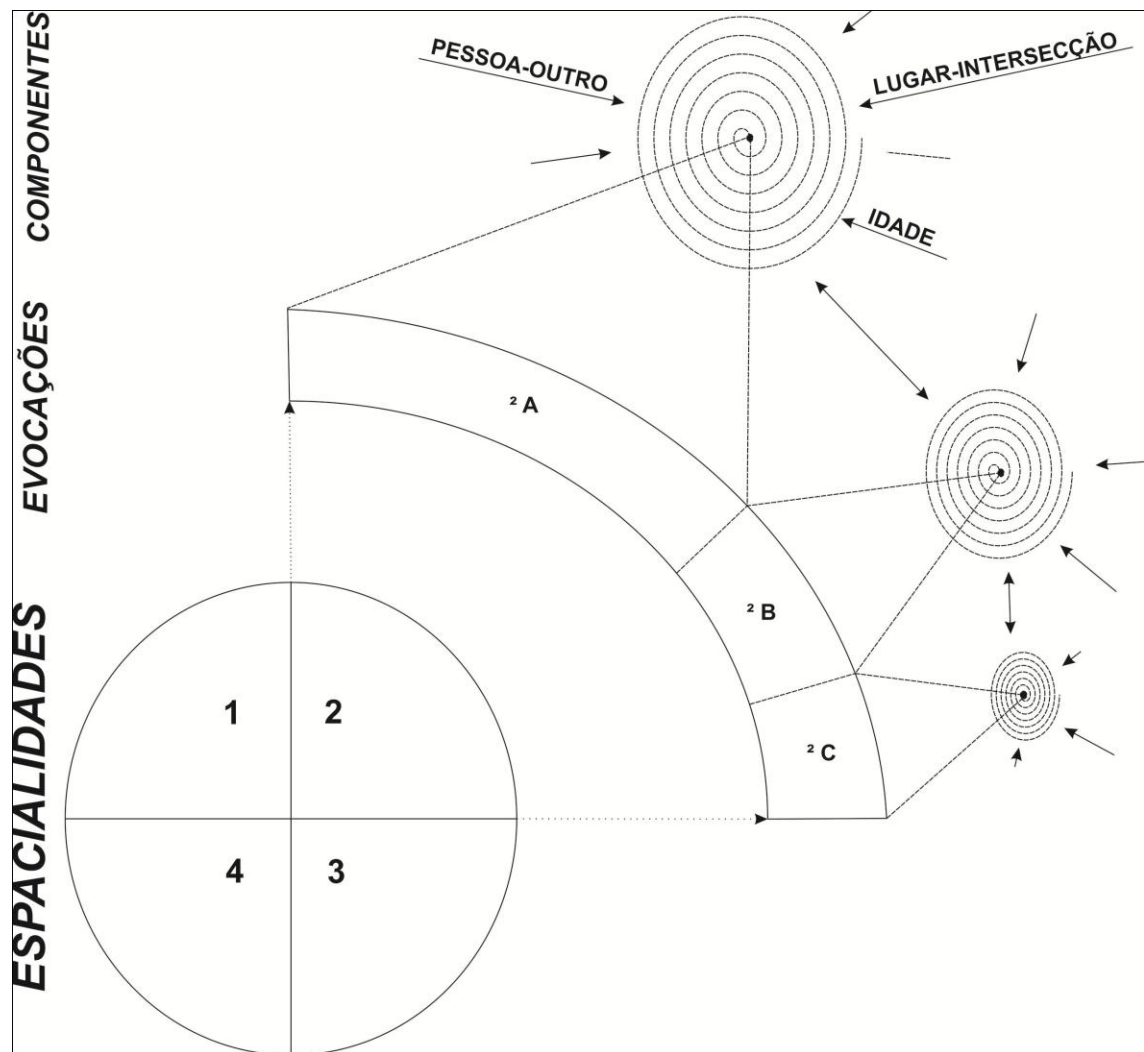
Baseado nesses aportes metodológicos foi elaborado um Banco de Dados (anexo 4) que possibilitou a sistematização de mais dados relacionados. Os sujeitos vivenciam diferentes espacialidades, através das quais vivenciam e elaboram discursos sobre si e sobre os lugares. Mas, além disso, uma espacialidade é composta por uma multiplicidade de inter-relações sempre em construção (MASSEY, 2008) e através das construções discursivas dos sujeitos é possível estipular alguns componentes presentes em cada relação do sujeito com a espacialidade vivenciada.

Na relação entre o roteiro de entrevistas, as questões dessa pesquisa e as

⁶³ Termo utilizado pelo grupo de adolescentes investigados para referir-se à episódios marcantes em suas vidas, com situações de forte conflito e violência sofrida ou cometida.

falas dos entrevistados foram categorizados três componentes passíveis de sistematização, que são eles: 'idade', 'pessoa-outro' e 'lugar-intersecção'.

Figura 5 – Componentes presentes nas Evocações⁶⁴



Elaborado por Gomes (2013).

De acordo com Hopkins (2011), a 'Idade' é considerada um categorial social, ou melhor, espacial, na medida em que as pessoas acessam e se posicionam em determinadas espacialidades de acordo com sua idade e cada espacialidade influencia a própria expressão etária de cada indivíduo, lembrando que a própria estrutura do roteiro permitiu essa categorização, considerando que para cada evocação era informado o período da vida.

⁶⁴ Os números (1,2,3,4) são legendas genéricas para representar as espacialidades evocadas. Os sinais (A²,B²,C²) são legendas genéricas para representar as evocações relacionadas a uma espacialidade (2). E cada uma dessas evocações comportam três elementos estipulados na pesquisa: 'pessoa-outro'; 'lugar-intersecção' e 'idade'.

‘Pessoa-outro’ destina-se a categorizar toda personificação de um ‘outro’ na evocação, ou seja, todas as pessoas enunciadas em cada evocação. De maneira geral essa categoria se remete às contribuições de gênero performático de Butler (2000) e de espaço performático Rose (1999), onde um sujeito se estabelece somente na relação, como bem argumenta Irigaray (1985):

Entre os nossos lábios, o seu e o meu, várias vozes, várias formas de falar ressoam sem parar, para frente e para traz, uma vez que nunca é separável da outra. Você e eu: estamos sempre ao mesmo tempo. E como se poderia dominar o outro? Impor a sua voz, seu tom de voz, o seu significado? Uma pessoa não pode ser distinguida da outra, o que não significa que elas são indistintas. Você não entende uma coisa? Não mais do que eles entendem você (IRIGARAY, 1985a, p.209 *apud* ROSE, 1999, p.9).

Dessa forma, para cada evocação eram informadas todas as pessoas, ou personificações presentes.

‘Lugar-intersecção’ surgiu primariamente com o objetivo de classificar lugares específicos da cidade, contudo, esse tipo de informação nas entrevistas não chega a concentrar um eixo de categorização na metodologia usada. Então, ao invés de catalogar locais nomeados na cidade, esse campo é categorização de espacialidades interseccionadas. Cada evocação é categorizada com uma espacialidade, mas também, por meio desse campo, podemos evidenciar outras espacialidades interseccionadas. Mesmo que uma evocação seja categorizada, por exemplo, como ‘rua’, é possível fazer o levantamento de outros ‘lugares’ presentes de maneira secundária na evocação.

2.2- OS ‘CORRES’: TRAJETÓRIAS ESPACIAIS DE JOVENS DO SEXO MASCULINO VULNERÁVEIS AO HOMICÍDIO

2.2.1- Sobre *assemblage* e platôs: as espacialidades vivenciadas pelos jovens do sexo masculino

Antes de adentrar nas espacialidades centrais das evocações dos meninos entrevistados, quero trazer algumas considerações a respeito do que está implícito na organização metodológica e conceitual de cada espacialidade. De maneira geral essas espacialidades são organizadas de acordo com o banco de dados (anexo 4).

Para cada momento semântico, ou melhor, evocação, foi categorizada uma espacialidade referente a ela. Conclui-se previamente que, para cada evocação, foi classificado pelo pesquisador o local onde ocorreu determinada prática contada pelo entrevistado, se na rua ou na casa, etc. Essa conclusão não está incorreta, entretanto, está aquém do que quero dizer quando evoco, por exemplo, a espacialidade da ‘rua’. Muito mais que um mero local, a rua expressa um tipo de espacialidade e nesse momento evoco as discussões sobre lugar elaboradas por Massey (2008), as noções de “platôs” de Deleuze e Guattari (1995a), na sua coletânea *Mil Platôs* e por fim o conceito de *assemblage*, trabalhados por Anderson et al. (2012) e Greenhough (2012).

Tudo é coextensivo a tudo! Com este aforismo Deleuze e Guattari (1995a) introjectam os platôs, como placas, ou como escalas co-presentes. Os autores, utilizando-se das concepções de Gregory Bateson, afirmam que a palavra ‘platô’ serve para designar “uma região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior” (DELEUZE e GUATTARI, 1995a, p. 31). O platô para os autores denomina toda multiplicidade conectável. Dessa forma a ‘rua’ e a ‘casa’ como platôs são “individações” (DELEUZE, 1992) de um tipo de ‘zona de intensidade contínua’, são campos de relações entre forças que se batem e rebatem compondo uma contiguidade⁶⁵.

Platôs não são coisas nem o lugar das coisas, mas a disposição relacional e múltipla de um ‘acontecimento’, onde o duplo sujeito/espço se confunde, ou melhor, não existem separadamente. Os ‘acontecimentos’ podem ser compreendidos pela natureza ‘gerundial’ do espaço proposto por Massey (2008), como algo sempre em construção, se repetindo ou alterando, num devir, aberto a múltiplas conexões, como de platô a platô.

Massey (2008), opondo-se às noções teóricas que projetam o duplo

⁶⁵ Semelhante à microfísica do poder, presente nas análises genealógicas de Foucault (2000), que privilegia os micropoderes disciplinares, concebidos por um campo de batalha na forma de conflitos cotidianos. Um poder como “feixe aberto, mais ou menos coordenado (e sem dúvida mal coordenado) de relações” (2000, p. 248), mas que por “dispositivos”, é possível “coordenar” as relações do forças, “é isto o dispositivo: estratégias de relações de forças sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles” (2000, p.246). O dispositivos como uma “rede estratégica” atua nas múltiplas instâncias escalares do saber, englobando “discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos [ou escalas] do dispositivo” (FOUCAULT, 2000, p.244).

local/global e lugar/espço como respectivamente concreto/abstrato, diz: “se o espaço deve, realmente, ser pensado relacionalmente, então ele não é mais do que a soma de nossas relações e interconexões e ausência delas; ele também é, absolutamente, concreto” (2008, p. 260). Para a autora o espaço possui essa concretude, mas não se comporta como estase, ao contrário, é composto por uma “constelação de trajetórias” e uma simultaneidade de “estórias-até-agora”⁶⁶. Termos como ‘trajetória’ e ‘estória’ são usadas por Doreen Massey, justamente para sublinhar a potencialidade de mudança de um lugar. Nesse espaço aberto interacional “há sempre conexões ainda por serem feitas, justaposições ainda a desabrochar [...] em relações que podem ou não ser realizadas” (MASSEY, 2008, p.32).

Sobre esse caráter aberto e/ou fechado do espaço, a autora se posiciona de maneira crítica. A abertura/fechamento sobre o espaço não deveria ser colocado em termos abstratos, mas em termos das relações sociais através das quais as aberturas e os fechamentos dos espaços são construídos, sob as sempre móveis geometrias de poder de espaço-tempo. Nessas linhas se inserem as novas políticas da espacialidade, propostas por Massey (2008).

Para contribuir, aproximo também, sem grandes aprofundamentos, o conceito de *assemblage*. Como não é central à pesquisa, insiro no sentido de dar força ao argumento e na abertura de novos limites imagéticos para as espacialidades trabalhadas aqui. Anderson et al. (2012) em seu artigo *On assemblages and geography*, traz algumas contribuições do conceito para a geografia. De maneira geral, *assemblage*⁶⁷ pode ser considerado um conjunto de relações sem fundar um todo; uma composição temporária, modelada através de sua realização, montada como acontecimento. Contudo, *assemblage* opera não apenas como um conceito objetivo de compreender como um conjunto de relações surge, mas possui um *ethos* político para pensar as relações entre a continuidade e a transformação de uma espacialidade. A chave central do conceito de *assemblage*, segundo Anderson et al. (2012) está em compreender como os agenciamentos elaborados ao acaso excedem aos aspectos ‘determinísticos’ de uma espacialidade. Lembrar a incerteza nos agenciamentos de uma *assemblage*, através das práticas cotidianas espaciais,

⁶⁶ Termos como ‘trajetória’ e ‘estória’ em Massey (2008) são usados a fim de enfatizar o processo de mudança em fenômeno, contra todo caráter duradouro e de fechamento do espaço, Massey (2008) propõe analisá-lo sua natureza de movimento, mudança e devir.

⁶⁷ Pode ser traduzido para o português como assembleia, montagem ou composição.

é ressaltar o potencial para ser de outra forma. Greenhough (2012), em seu artigo *On the agencement of the academic geographer*, faz uma inserção com o conceito de agenciamento, como possibilidade de descrever diferentes agentes e suas conexões, compreendendo assim suas capacidades e recursos de ação.

Para Anderson et al. (2012) utilizar-se do conceito de *assemblage* é atentar para os componentes e os tipos de relações que compõe uma formação sócio espacial provisória, relações que se diferem entre as capazes de dar continuidade/estabilidade à uma disposição espacial e as que produzem abertura/mudança, como afirma DeLanda (2006), citado por Anderson et al. (2012):

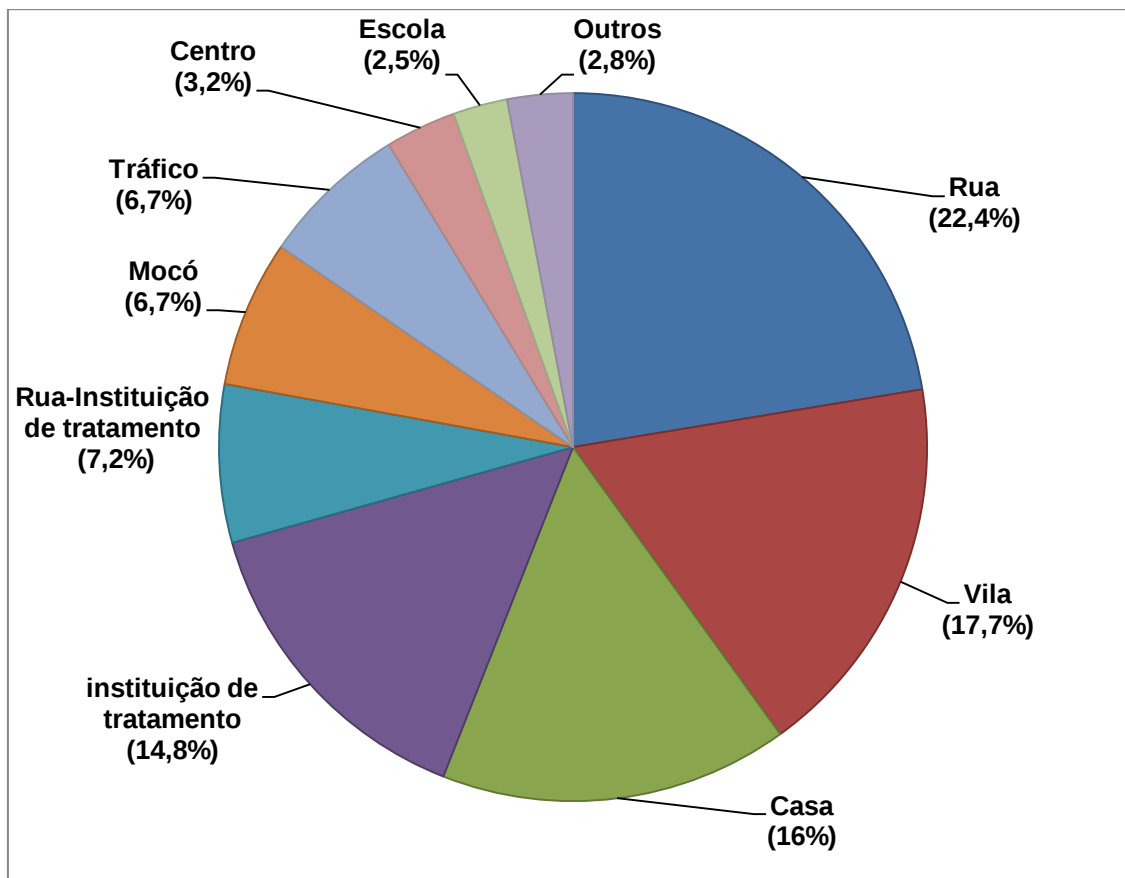
*one and the same assemblage can have components working to stabilize its identity as well as components forcing it to change or even transforming it into a different assemblage. In fact one and the same component may participate in both processes by exercising different sets of capacities*⁶⁸. (ANDERSON et al. 2012 *apud* DELANDA, 2006: 12).

As espacialidades categorizadas a seguir estão longe de ser a catalogação topográfica das ações dos meninos entrevistados, mas devem ser lidas atendendo à linearidade construída entre platô, espaço e *assemblage*. Ainda sim, esses elementos serão eventualmente evocados conforme serão trabalhadas as espacialidades mais evocadas.

Dessa forma, foram categorizadas ao todo 402 evocações e suas espacialidades foram organizadas da seguinte forma:

⁶⁸ **Tradução nossa:** “Uma e a mesma *assemblage* pode ter componentes trabalhando para estabilizar sua identidade assim como componentes forçando-a para mudar ou mesmo transformando-a em uma *assemblage* diferente. De fato, um e o mesmo componente pode participar em ambos os processos por exercer diferentes conjuntos de capacidade”.

Gráfico 8 – Espacialidades Vivenciadas pelos Adolescentes Entrevistados da Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro



Elaborado por Gomes (2013).

Na categoria 'Outros' (2,8%) estão concentradas espacialidades pouco evocadas e são elas: 'Trabalho' (0,5%); 'Casa de menina' (0,5%); 'Ausente' (0,5%); 'Cense' (0,5%); 'Delegacia' (0,2%); 'Rio' (0,2%); 'Hospital' (0,2%); 'Cidade' (0,2%). A pouca evocação não representa exatamente que esses indivíduos estão pouco presentes nesses lugares, mas as frequências evocadas expressas no Gráfico 7 são enunciadas na relação entre a questão central da pesquisa, o roteiro de entrevista e o discurso que os meninos elaboram ao rememorar suas práticas cotidianas. A memória, como lembra Pollak (1992, p.5), não é construída como "uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros". O discurso é elaborado articulado às corporalidades posicionadas na entrevista e aos estímulos na forma de perguntas direcionadas.

Espacialidades como a 'cidade', o 'rio' e 'casa' de menina estão vinculadas a droga. A primeira diz respeito a poucas referências da cidade de Ponta Grossa ou da estrutura urbana como um todo, vinculada ao tráfico de drogas e sua rede

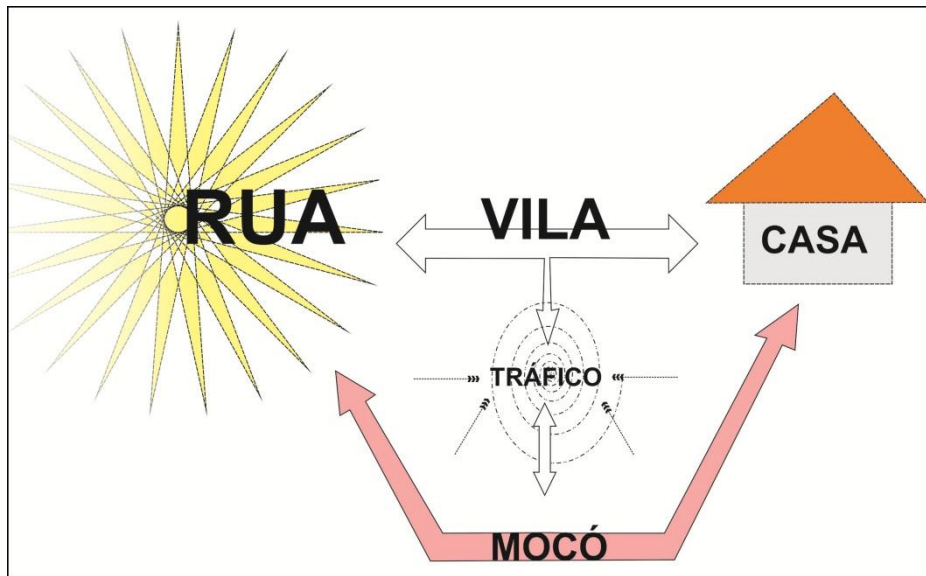
econômica de venda, transportes, consumidores e cobranças. O 'rio' diz respeito a uma característica das práticas de jovens nas vilas periféricas da cidade. Pela existência e proximidade de rios e lajeados no entorno da cidade, os jovens buscam esses espaços para o lazer e uso de drogas. E para os meninos adolescentes representa uma espacialidade de acesso ao primeiro uso do crack:

[E a primeira vez que você usou, como foi a situação?] Ah eu tava com o meu cunhado, tava com meu cunhado no rio ainda; Eu nem sabia assim o que que era droga, eu fumava maconha assim; Eu só fumava maconha só, daí ele tinha levado o baseado dele; [Mas foi pedra mesmo, ou cabral?] Não, eu tava fumando maconha lá no rio né, daí eu vi eles fumando pedra, daí os outros tudo desandaram; Eu não queria fumar, mas daí experimentei e aí já era (Bola Magrão).

A seguir serão trabalhadas as espacialidades mais frequentes nas evocações. Contudo, para ater-se às questões centrais da pesquisa, as espacialidades 'instituição de tratamento' e a 'rua-instituição de tratamento', respectivamente quarta e quinta evocações mais frequentes, não serão analisadas de maneira específica. 'Instituição de tratamento' são evocações referentes à Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro e 'rua-instituição de tratamento' representa aquelas em que os meninos re-significam a rua, posicionados dentro da comunidade terapêutica. É a rua, mas não sem a intersecção com a instituição de tratamento.

As duas e mais as espacialidades periféricas, que classifico como 'centro' e 'escola', não estão organizadas de maneira detalhada, entretanto estarão tramadas na argumentação de cada espacialidade, que estão organizadas da seguinte maneira:

Figura 6 – Diagrama das espacialidades centrais



Elaborado por Gomes (2013).

2.2.2- A Rua e as cenas loucas

A rua pode ser compreendida de diferentes maneiras, pode-se dizer até que no campo da Geografia, mais do que ser um recorte de análise, ela está presente em discussões como espaço urbano, espaço político e espaço público. Souza (2001), em Fobópole, não produz necessariamente uma análise sobre o uso da rua, porém ela está tramada em sua discussão sobre os espaços do medo na cidade, aparecendo como o ‘caminho’ de acesso de alguns grupos urbanos ao medo ou como ambiente do embate político entre o policiamento das ruas e corpos executados nelas. Já Carlos (2007), dedica algumas partes da sua obra para elaborar alguns atributos à rua. Expressando sua multiplicidade, a rua pode ser lugar de rotinas e conflitos, ser testemunho vivo das formas de apropriação e também lugar da realização da cidadania e de práticas reivindicatórias (CARLOS, 2007).

A rua está presente também em discussões sobre espaços públicos como em Gomes (2005) e Leite (2002), este afirma que nem todo espaço urbano é necessariamente um espaço público, dessa forma é necessário verificar quando esse espaço urbano se torna público. Através da análise de ruas de Recife o autor argumenta que a rua torna-se lugar de ‘contra-uso’ no interior dos processos de *gentrification* (enobrecimento) dos espaços urbanos. Mediante as táticas espacializadas de diferentes grupos sociais, o espaço urbano, como lugar de ações

de privatizações, pode se tornar público, na medida em que as reivindicações e os direitos à cidade são evocados por eles. Nessas linhas, a condição de publicidade de espaços urbanos é conquistada através de uma condição política.

Como afirma Gomes (2012), em muitas discussões sobre o espaço público está presente a polarização entre espaço privado e espaço público. Acrescentaria que nessa oposição existe a noção linear que segue da casa/privado, o bairro/mediador e a rua/público. Enfim, em muitos trabalhos geográficos sobre o espaço público é utilizada a rua como exemplo ou recorte de análise.

Longe de buscar um aprofundamento teórico sobre a rua ou analisar quais os usos que diferentes grupos fazem dela, me aproximo mais de um posicionamento da rua na vivência espacial dos sujeitos da pesquisa, olhando para o que fazem dela, através do que dizem. Por meio de uma interação entre o sujeito e o lugar, é produzida uma composição provisória, ou espacialidade, da qual expressa comportamentos, códigos, linguagens e constrói formas de subjetividade.

Da mesma maneira fizeram Silva (2009c) e Ornat (2009), analisando as práticas de prostituição, a primeira de brasileiras imigrantes na Espanha e o outro de travestis. Cabral (2012) apresenta a rua como um espaço paradoxal das travestis, onde buscam sua renda através da prostituição, mas também estão vulneráveis à morte violenta. Chimin Junior (2011) posiciona a rua como lugar das práticas de ato infracional de adolescentes do sexo masculino e Rossi (2011) como lugar de conflito entre diferentes territorialidades urbanas de masculinidades marginalizadas.

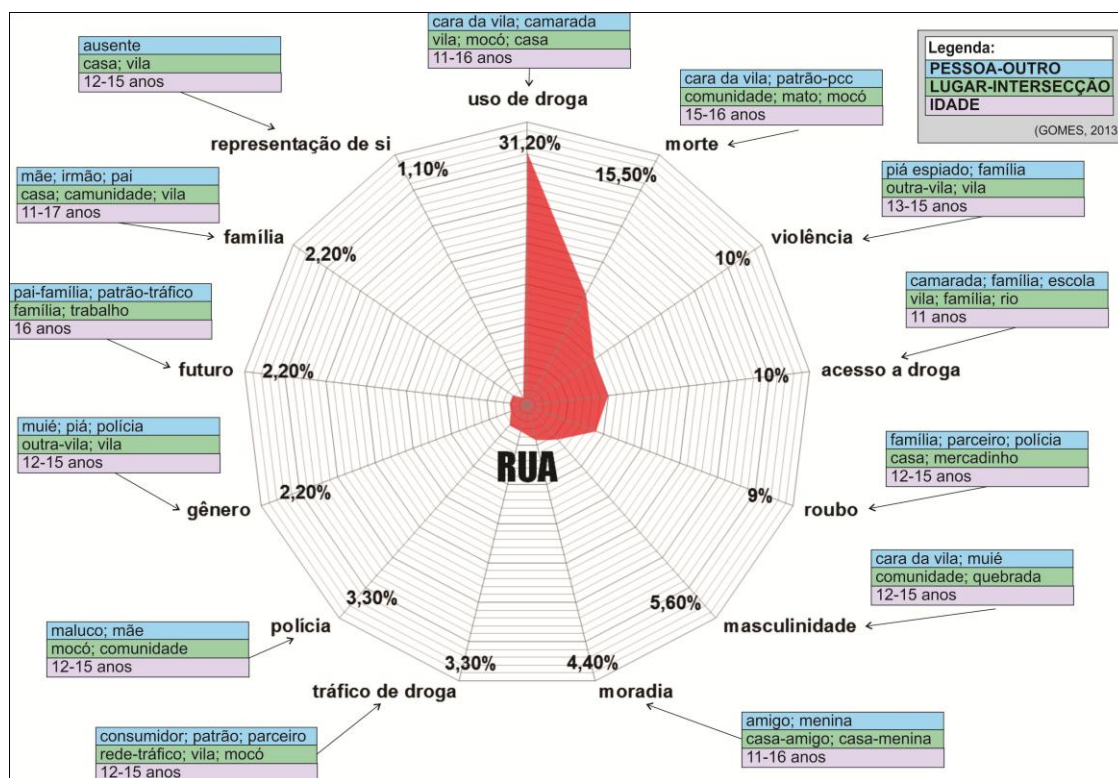
Além de admitir essas contribuições quero lembrar o que foi escrito sobre “platô”⁶⁹ como um conjunto de forças que individualiza coisas e acontecimento relacionais, sobretudo, não havendo distinção essencial entre sujeito e espaço, semelhante ao conceito de espaço performático (ROSE,1999), onde ambos tomam forma relacional e simultaneamente. Portanto, durante o texto, para designar a espacialidade construída na pesquisa será utilizado, por exemplo, ‘rua’ e não somente rua. Esse uso permitirá a distinção entre a rua que nós imaginamos estar lá, com nome e CEP e a ‘rua’ como um conjunto provisório de linhas de múltiplas intensidades e agenciamentos⁷⁰. Tomado isso, a ‘Rua’ (22,4%) aparece como a

⁶⁹ Em cumplicidade com *assemblage* (ANDERSON et al., 2012) e espaço (MASSEY, 2008).

⁷⁰ Assim será também para as evocações, por exemplo, ‘tráfico de droga’ é a materialidade tomada discursivamente pelos meninos entrevistados, referente às singularidades produzidas pelo encontro das formas de subjetividade em questão e a territorialidade do tráfico de drogas, distribuída práticas econômicas internacionais e a comercialização e vilas pobres das cidades brasileiras.

espacialidade mais evocada nos discursos dos meninos entrevistados. Sobre ela organizadas as seguintes evocações:

Figura 7 – Diagrama da Rua



Elaborado por Gomes (2013).

A espacialidade da rua está mais frequentemente vinculada ao ‘uso de droga’, seguido de experiências com a ‘morte’ e práticas de ‘violência’. Ela está presente na construção discursiva dos meninos usuários de crack expressando movimento e transitoriedade; aberta a diferentes agenciamentos; ações em devir de encontros casuais; lugar de eventualidade de encontros e desencontros. Mas também a rua se comporta como um duplo de sujeição-espço, lugar de repetição, de normas condutoras, dos saberes, da conexão entre modos de dizer e se fazer entender, dos modos de fazer e se fazer sujeito “homem” como os “outros-homens”.

Uma espacialidade distante de fundamentos da sociedade como a família e a casa ou a escola. Lugar de práticas ilícitas como o roubo e o uso e venda de drogas, as quais contribuem para a sociabilidade desses jovens, criando alianças e instituindo os ‘camaradas’. Também nessa composição escalar estão presentes as expressões de masculinidades de periferias pobres, através de práticas de encontro com as ‘muiés’ e conflitos com outros meninos.

É na rua onde eles fazem ‘uso de drogas’, como bebidas alcoólicas, maconha, cocaína e crack e esse tipo de prática agenciada à espacialidade da rua tem relação próxima com a ‘violência’ e a ‘morte’, devido a uma série de elementos presentes no mercado informal da droga, que cria dispositivos de cobranças vinculadas a essas práticas.

Porém, quero me ater nesse momento da pesquisa, no cotidiano desses jovens, traçando linhas e nós que os aproximam da morte violenta, posicionando-os na condição de vulnerabilidade a ela. Especificamente sobre a morte presente no cotidiano desses sujeitos e toda a polissemia do termo estão trabalhados mais de perto no capítulo 3.

Como mostra na Figura 7, o ‘acesso à droga’, representando o primeiro uso e as práticas de inserção na droga, aparece como a quarta evocação mais frequente e sobre ela estão tramadas inúmeras inter-relações, como o período de vida em que eles fazem o primeiro uso do crack. Severino Espiado diz que “a primeira vez cara, eu tava com onze, eu tava quase completando já, foi com doze”, que considerando os recortes etários formais, aconteceu ainda no período da infância, ou seja, com idade inferior a doze anos.

Outro elemento são as pessoas presentes nesse encontro da criança-adolescente à droga, como é o caso dos ‘camaradas’ e suas práticas de entretenimento e a ‘família’ representando uma dificuldade no qual a droga veio a ser uma linha de fuga:

[O acesso a droga foi com a família?]⁷¹ Não, foi pá rua foi com o Alex aqui [Qual foi a primeira vez que você usou?] Primeira vez eu tava indo pro rio, antes eu tava indo pra aula com um amigo meu lá daí eu fumei um baseado e depois daquele dia eu fumava quase todo dia o baseado, daí pedra foi com o Alex, nós tava indo pro rio daí ele ponhava aquele tar de Cabral que é misturado maconha daí eu peguei e fumei daí era gostoso quando vê tava fumando pura já. [Mas com quantos anos?] Ah acho que era uns treze anos, uns doze treze anos (Palhaço Zóio).

cara, tipo assim, tem uns camarada que falam: ói, a minha mãe se eu tivesse ela olhe cara não ia fazer isso e não sei o quê, tem muitos cara que é por causa da mãe morta né, tem uns aí, uns dois cara que eu conheço, foi por causa da mãe [Por causa da mãe?] Perdeu a mãe e...É tipo assim, cabeça né cara (Severino Espiado).

⁷¹ As palavras entre [colchetes] se refere sempre a fala dos pesquisadores.

Para representar o caráter provisório e eventual dos agenciamentos realizados por eles através da rua, cito essa passagem de Severino Espiado:

eu passei assim tinha uns cara sentado lá no Boa Vista lá, atravessando a linha, cheguei, perguntei: qual que é a dos negócio aí? Eles viram que eu tava com bicicleta, roupa assim, celular, dinheiro. Não, é bom cara, quer fumar? (Severino Espiado).

Ou no caso de Bola, instituindo conexões e desconexões com figuras da rua como o ‘mendigo’:

[E com quem você fumava?] Eu comecei a fumar com o piazão lá; o serelepe, um mendigo lá... [E depois?] Com ele e depois que eu vi que não tava dando mais certo assim com ele tá ligado, o cara só queria saber de tirar os pano da gente (Bola Magrão).

A rua pode ser vivenciada de diferentes maneiras e, ao afirmar que ela é um lugar de movimento, não quero dizer deslocamento ou caminho de passagem de um lugar para o outro. O movimento da espacialidade em questão acontece como um ritmo rizomático, no sentido simples de rizoma, como um ‘sistema aberto’ (DELEUZE, 1992), uma espacialidade que se funda na interação casual, repudiando causalidades lineares.

Sobre a rua há um tipo de noção hegemônica clássica de que ela representaria uma linha conectora entre pontos transcendentais da cidade, como o ‘lar’, a ‘escola’, a ‘biblioteca’, a ‘igreja’, todos estes espaços disciplinadores (FOUCAULT, 2003), mas, além disso, são espaços responsáveis por ‘des-territorializar’ as formas de subjetividades flutuantes e agenciá-las, territorializando-as aos ditames transcendentais do Estado e por meio dele conduzir o indivíduo aos conceitos essencialistas de ‘família’, ‘verdade’, ‘conhecimento’ ou ‘liberdade’ (DELEUZE e GUATTARI, 2004).

Bola Magrão estabelecia alianças com um sujeito que ele denomina como ‘mendigo’, que já é caracterizado como um sujeito que não faz da rua somente um lugar de acesso aos espaços ideais da cidade. Na verdade, ser ‘mendigo’, pode-se dizer que já não seja uma forma de subjetividade ideal para uma cidade, expressando-se como um sujeito descodificado das noções de cidadania por exemplo.

Mesmo que Bola Magrão estabeleça esses laços e faça da rua uma moradia

temporária, como mostra os 4,4% das evocações (Figura 7) e a fala a seguir:

Já cheguei até morar na rua já. Ah cara um ano mais ou menos, deu uns nove mês na rua, fiquei nove mês, dessas outras vez foi pouco mais, duas semana, três semana. Teve um dia que eu... primeira que eu passei por aqui eu fiquei bastante tempo na rua (Severino Espiado).

É marcante a forma como esses jovens administram suas vidas, muitas vezes tensionando os papéis exercidos por outros sujeitos com a mesma idade. Através das práticas de ‘uso de drogas’ como a mais frequente na rua, esses meninos precisam se vincular a práticas como o roubo, formas de negociação de produtos, de administração da renda que consegue pelo ‘tráfico de droga’. O que fazem deles corpos que se aproximam de práticas caracterizadas geralmente na fase adulta, como afirma Pain (2001) as pessoas podem “ativamente criar e resistir às identidades etárias através do uso do espaço e lugar” (PAIN et al., 2001, p.151 *apud* HOPKINS, 2011, p.197), como demonstra essa fala sobre os ‘corres’⁷² para o uso e compra:

Daí eu comecei a fazer meus corre sozinho, comecei eu mesmo a vender minhas coisa, eu mesmo fazer meus corre; E daí um tempo depois nós briguemo com esse piazão, porque ele falava: é você não vai mais lá em casa; Ir na tua casa o que cara, ir na tua casa pra ter que rachar a cena alí, as pedra tá ligado; [...] fumava sozinho mesmo, eu tinha cachimbo pra tudo quanto era parte; Cada mato que não tinha dono assim, tinha um cachimbo mocado; [Você fumava na rua ou escodido?] Na rua, no mato (Bola Magrão).

Através da administração de uma boa quantia de dinheiro, da decisão e dos excessos nos gastos e combinando com essas expressões de masculinidade administradora e dos excessos, está também o desejo, na pessoa da ‘muié’:

[Dava muito dinheiro?] Dava, só que também gastava tudo [Gastava com o que?] Ih gastava com tudo cara, só de vender tudo as pedra já entrava ali Zero, no Fórum e gastava tudo, com gole e curtição com as muié [Qual foi a venda de dinheiro maior que você ficou na mão?] Foi mil e duzentos por aí [Mas era teu?] Meu, mil e duzentos e dois revolve (Palhaço Zóio).

⁷² “Corres”: termo utilizado pelos jovens entrevistados para designar trajetórias espaciais que se destinam a compra de drogas como maconha, cocaína e crack. Está sempre referenciada á práticas de furto e roubo, ou práticas alternativas a fim de buscar recursos para o uso ou quitação de dívidas de drogas.

Para ilustrar a grande concentração do uso de droga na rua, Ribeiro Loco ao ser questionado sobre o local em que usava o crack:

eu nunca usei dentro de casa; tipo eu já usei uma vez que eu tava lá em casa, eu fui usar porque eu ainda não conseguia usar em ambiente fechado; Pra você ter uma base eu fumava... Tinha uma esquina assim, era um final de rua que já tinha uma esquina assim, tinha uma ponte pro lado direito e uma rua que sai lá pro outro lado e pro lado esquerdo né; Nessa esquina assim quase no final da rua, nós fumava ali assim de pé bem na caruda mesmo; não tava nem aí mais, tava cego mesmo (Ribeiro Loco).

Assim como o uso de drogas vincula esses meninos a práticas que tensionam aspectos de idade, de uso da rua e de vínculos sociais, essa prática também os aproxima de elementos de ‘violência’. Essa ‘violência’ de maneira geral é ligada tanto as práticas econômicas da droga como a própria combinação da masculinidade marginalizada com o efeito da droga. A discussão sobre tráfico e violência está presente na espacialidade da ‘vila’, pelo fato das evocações sobre o tráfico estarem mais frequentemente ligadas às vilas onde moram e outras vilas da cidade.

Entre os usuários de crack é presente o termo “espiado”, que designa a condição do efeito do crack, juntamente com as relações sociais estabelecidas nas práticas de uso da droga. Essa condição foi performada por Palhaço Zóio no momento da entrevista e consiste na circunstância em que o batimento cardíaco acelera, a pupila dilata, os olhos ficam bem abertos, os ombros se frisam, tudo parece suspeito, imagens aparecem e qualquer movimento é ameaçador. Muitos usuários se reúnem em terrenos baldios, matos, proximidade de arroios, rios, ou fazem uso da droga, sozinhos. Conflitos momentâneos são estabelecidos nessas ocasiões, trajetórias ‘espiadas’ na busca de mais entorpecente são responsáveis por violências eventuais, de agressão e ameaça.

Esses elementos constituem o que podemos denominar de ‘espacialidade espiada’, uma trajetória-condição sob efeito da droga que os aproxima de brigas, como afirma Jason Rim “tipo já briguei altas vezes por droga com os caras assim, mas tipo eu procurava ficar mais de lado entendeu, dos caras assim; Não curtia ficar junto, bem junto assim, se queima né cara”.

A ‘rua’ também dá lugar às práticas de roubo, diretamente vinculada ao uso

de droga, como a demonstra Severino Espiado quando diz que “se eu não usasse eu ficava louco, cara eu roubava mesmo pra pegar dinheiro”. Através de assalto a transeuntes da zona central da cidade ou de outras vilas. Roubos de estabelecimentos de comércio como pequenos mercados da vila de moradia e furtos de residências da própria vila e casa de familiares

[E como que fazia os corre?] A chegava assim lá no Santa Clara lá nos mercadinho que são aberto assim, daí a gente via bicicleta e tal essas coisas assim e pá, daí a gente roubava; [Entrar em alguma casa você já entrou?] Já entrei, a gente levou um micro-ondas, levei um bujão de gás, um monte de coisa já; [E vendia a onde?] A depois vendia né; A coisa mais fácil do mundo; Você tendo o negócio, a coisa mais fácil do mundo é vende; [Vendia pra?] Vendia por 10 real; [Pro pessoal que morava lá?] Pro pessoal que morava lá na vila; A coisa mais fácil do mundo, até chinelo a gente vendia assim; [Vendia ou trocava?] Não, dos que vende assim a droga nós não vendia; Vendia pra outros cara; [Mas você foi pego alguma vez?] Não, nunca me pegaram só tentavam assim... [Assaltava gente também?] Ficava nos bar... Um vélinho cego que tinha lá perto de casa; O véinho ficava bêbado, nós ficava bebendo perto dele sabe; Enchia o bar de repente ia embora e nós levavava bebida, dinheiro embora; As mercearia também, nossa... Também assim, esses piá na rua assim sabe, que tem... que andam com celularzinho, nós roubava; [Quando você fazia isso era sozinho ou com mais gente?] Sozinho; [E usavam alguma coisa?] A usava, faca, as vez até martelo, a gente usava martelo assim pra tentar roubar; Pé de cabra também; Esses dias atrás um carinha lá se mudou e deixou umas coisa dentro da casa lá. Deixou um fogão novo, deixou bujão de gás e levou essas coisa maior tá ligado, levou as coisa maior só; Guarda-roupa, cama de casal, um monte de coisa; Roubemo roupa, roubemo um monte de coisa lá (Bola Magrão).

O par relacional meninos-rua está repleto de elementos e combinações que possibilitam a relação dos jovens do sexo masculino, morador de periferia pobre, usuário de crack com a morte por homicídio. Lembrando que estão tratadas mais a fundo questões sobre a morte no terceiro capítulo, aqui estará presente um ‘diagrama’ de vulnerabilidade desses sujeitos. E quando citamos as ‘brigas’ é preciso lembrar que na maioria das vezes elas não acontecem pela via da agressão, mas no uso de armas, faca ou arma de fogo, como conta Jason Rim: “eu vendia umas pedra pra esse cara lá, o cara que me deu um tiro”.

Um conceito que podemos aproximar dessa espacialidade é o de “*parresía*” trabalhado por Michel Foucault (2011). O filósofo francês ao analisar formas de dizer-a-verdade nas sociedades greco-romanas clássicas identifica na *parresía*

cínica uma forma de coragem da verdade. Um ‘parresiasta’ é aquele deslocado, de linguagem áspera, de ataques verbais virulentos, preleções violentas. A *parresía*, como comenta Portocarrero (2011, p.427), é uma “atitude de franqueza e não de persuasão; de verdade e não de falsidade; [...] de crítica ou julgamento de alguém mais poderoso e não de lisonja” e, sobretudo uma atitude de coragem e risco de vida, como exemplifica Foucault (2011) ao analisar as últimas palavras de Sócrates. São todas essas características presentes nos entrevistados.

Os meninos participam da espacialidade das drogas, compõem ‘espacialidades espiadas’ e expressam-se através de uma masculinidade agressiva, onde as formas de dizer-a-verdade acontecem por meio da prova e da disputa de coragem. Lembrando as noções de espaço performático (ROSE, 1999), o sujeito é composto somente na interação, não de essências, mas de *performances*. Para Rose (1999), podemos compreender o espaço na tríade desejo, fantasia e corpo.

Através das relações sócio-espaciais se instituem os sujeitos simultaneamente ao discurso e suas normas regulatórias presentes na sociedade, mas, além disso, há o ‘desejo’, não de ser o outro, mas de ser frente ao outro e a ‘fantasia’ pode ser caracterizada como a *mise-en-scène* do desejo, espaço fantasia onde o desejo é colocado em cena, arranjado e disposto espacialmente. Teremos então um espaço corporalizado não sob as formas sólidas, com limites e fixidez, com atributos e finalidades de si e dos outros.

É no corpo “que os processos de afirmação ou transgressão das normas regulatórias se realizam e se expressam” (LOURO, 1999, p.83) e se há transgressão é porque a imanência dos acontecimentos no mundo é para a diferença (DELEUZE, 2000). Dessa forma, as regras que codificam, as normas que regulam, os saberes que ‘transcendem’ são realizados por meio de práticas repetitivas de poderes disciplinadores e normalizadores como afirma Michel Foucault (1987) e em suas discussões sobre “biopoder” (ibid, 1988), “governamentabilidade” (2008a) e “dispositivo” (1988). Mas Foucault (1988) também lembra que o poder, antes de ser repressivo, é produtivo, “as relações de poder emanam de um mundo de forças em afrontamento, de contrastes e quiçá de combate entre campos de intensidade diferentes” (BRANCO, 2011, p.139), ele está aqui e acolá, em cima e embaixo.

Tomado isso, exemplifico com as falas de Ribeiro Loco e Severino Espiado, os agenciamentos, por meio da droga, que os meninos realizam no desejo de ser mediante o outro, performando assim a forma de subjetividade em questão:

[E como é a sensação?] A é bem sinistro cara, tipo a pira é você fazer, usar crack é você... causa dependência e tudo depois, mas tipo você se sente o cara por estar fazendo uma coisa que não pode entender; Entendeu qual que era a pira, tipo o crack, a droga não pode entender, daí a gente se sente, tipo vamos supor, igual lá, muito louco né cara; O cara: a o cara é muito louco, esse cara usa e tal. Tipo é sempre ta tipo cada vez mais falado e tal lá na quebrada entendeu, daí os cara... a gente usava por isso e tal; Se eu me preocupasse comigo mesmo nem usava e tal, mais pra se achar e tal, daí usei e tal né cara e daí (Ribeiro Loco).

eu passei assim tinha uns cara sentado lá no Boa Vista lá, atravessando a linha, cheguei, perguntei: qual que é a dos negócio aí? Eles viram que eu tava com bicicleta, roupa assim, celular, dinheiro. Não, é bom cara, quer fumar? (Severino Espiado).

Cada espacialidade possui um ritmo e intensidade diferente nas relações estabelecidas por esses sujeitos. O espaço tanto é performático que o simples deslocamento dos meninos para uma instituição de tratamento demanda novas interações e comportamentos. Atributos de violência, agressividade e descaso à vida de outrem são frequentemente conferidas como desvios psicológicos por outros campos do saber como a psiquiatria.

cansei de ver o cara: ô você ta me devendo lá fora, o cara: vem aqui me dar um abraço, o cara muda aqui dentro, eu quando sai lá fora tenho vontade de pegar assim e arrebentar ta ligado e se um cara chegar aqui eu vou pedir perdão pra ele e ele vai pedir perdão pra mim (Severino Espiado).

Isso não quer dizer que os meninos em tratamentos do crack não deem continuidade a algumas práticas de violência frequentes na rua, contudo, o simples fato de acrescentarem novos discursos e novas práticas, demonstra que há um jogo. Uma nova disposição espacial demanda e emana novas relações de poder, e assim segue continuamente ao receber novos elementos *outsiders* da *assemblage* vivenciada.

A aproximação do conceito de *parresía* e as práticas espaciais dos jovens do sexo masculino, moradores da periferia e usuários de drogas, foi tomada afim de analogias e complexificação do cotidiano desses sujeitos. Contudo, é necessário esclarecer que a conceituação dos meninos como seres *parresiastas* não se fecha se considerada toda a discussão que Foucault (2011) elabora. Um ato *parresiástico*

se faz, sobretudo, como um ato político, um governo autônomo de si, uma prática ética-estética de resistência às formas de sujeição presentes na sociedade. Dessa forma, no terceiro capítulo, sob a ótica da morte e da coragem perante a morte, estão presentes argumentos contestando a noção de que esses jovens subvertem uma forma obediente e cidadã de ser no mundo, matando e vivendo uma ‘vida loka’. Se assim o fazem, não é pela via do governo autônomo de si. Assim, o que erroneamente pode ser considerado como uma vida parresiasta é uma expressão de sujeição e continuidade das práticas que os rodeiam. Ressaltar essas questões impossibilita críticas que afirmam que a insujeição e a não continuidade dos valores essenciais da nossa sociedade é responsável por criar sujeitos ‘bárbaros’.

Enfim, na ‘rua’ está presente a eventualidade, pode-se dizer em seu estado mais puro, mesmo que ainda expresse códigos, normas e processos de sujeição, ela é a concentração maior da abertura às casualidades, buscada pelos meninos com a finalidade de transitoriedade e movimento, através de espacialidades ‘espiadas’, ou até mesmo em condutas de ‘cabreragem’⁷³, quando queria significar momentos de tensão e atenção às eventualidades da rua. Lugar dos ‘corres’ designando práticas de furto e roubo, ou a simples busca de renda para o consumo de drogas ou quitação de suas dívidas. Também espaço de conflitos, num jogo de forças pela ameaça e execução de agressões.

2.2.3- A Vila e os parceiros

A ‘vila’ é a conceituação da relação entre a ‘casa’ e a ‘rua’. Isso não quer dizer que de imediato o termo ‘vila’ esteja situado em aportes teóricos entre espaço privado e espaço público, apenas que nela estão presentes elementos da ‘rua’ e da ‘casa’. Antes de ancorar a ‘vila’ ao bairro, como propõe Mayol (1996), a rua ao espaço público e a casa ao espaço privado, mais pertinente é afixar as singularidades propostas em cada platô, ou *assemblage*.

A ‘rua’ e ‘casa’ são platôs, ou seja, a ‘individuação’ de campos de intensidades diferentes, no sentido proposto por Deleuze e Guattari na obra *Mil Platôs*, no qual Deleuze (1992) faz o seguinte comentário:

⁷³ “Cabreragem” ou “cabreiro”: termo utilizado pelos jovens entrevistados para designar condição de desconfiança e constante alerta dos riscos de cada espacialidade vivenciada pelo jovem.

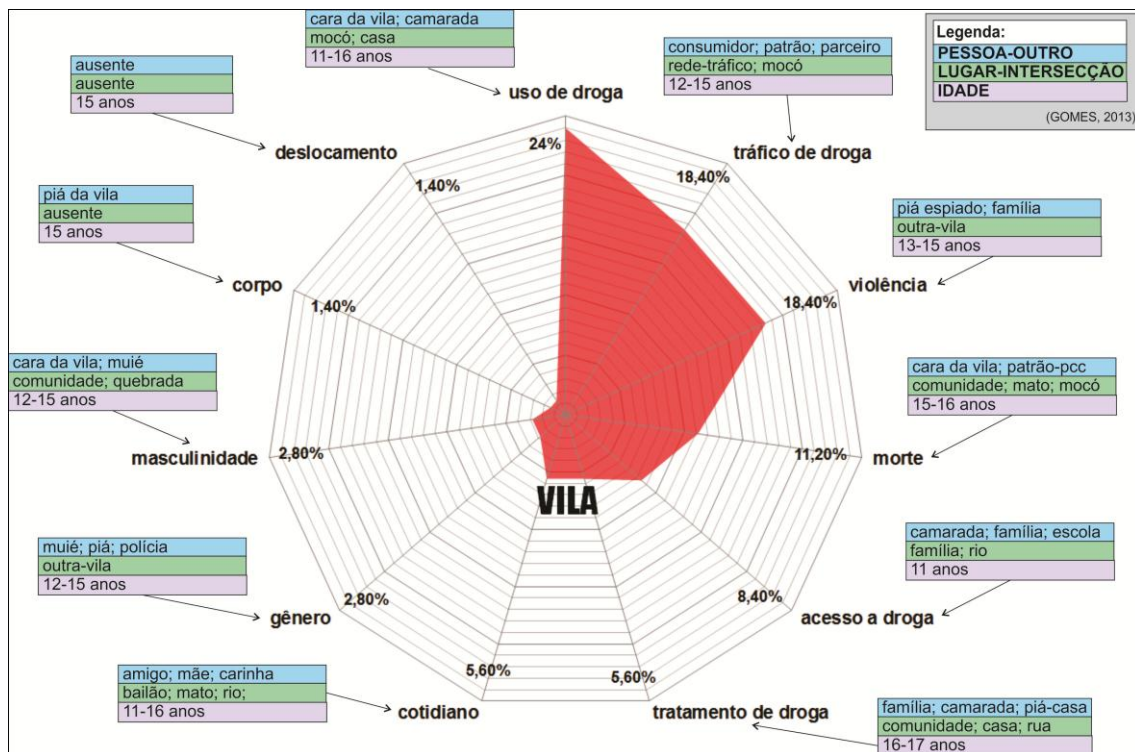
o que nos interessa são os modos de individuação, que já não são os de uma coisa, de uma pessoa ou de um sujeito: por exemplo, a individuação de uma hora do dia, de uma região, de um clima, de um rio ou de um vento, de um acontecimento. E talvez seja um equívoco acreditar na existência das coisas, pessoas ou sujeitos. O título *Mil Platôs* remete a essas individuações que não são pessoais nem de coisas (DELEUZE, 1992, p.38).

Dessa forma, compreende-se a vila como uma espacialidade performática. A 'vila' comporta-se como mais um exemplo de um conjunto de relações, que por sua vez não sistematizam um todo. É um 'modelado' como realização e acontecimento. A análise de um espaço performático se faz na exterioridade das relações, por meio de componentes que exercem força de estabilidade ou de mudança das identidades de um grupo de sujeitos, ou melhor, de uma espacialidade.

Diferentemente da abertura para os encontros ao acaso de trajetórias eventuais presentes na 'rua', a 'vila' está presente em evocações discursivas em que os sujeitos compõem certa territorialidade, surgindo alguns grupos identitários. Também é lugar de evocação e encontro com seus 'pares', seus vínculos. Alianças e nós são elaborados com uma temporalidade diferente das alianças da rua, por exemplo. São agenciamentos mais fixos, embora, ainda seja uma espacialidade onde os sujeitos 'jogam' com os laços. Os vínculos sociais são evocados ou silenciados conforme a ocasião.

Na 'vila' estão presentes as seguintes evocações:

Figura 8 - Diagrama da Vila



Elaborado por Gomes (2013).

O 'uso de droga' trabalhado na espacialidade da 'rua' se repete como central na 'vila'. Sobre essa frequência é preciso considerar que a triangulação com o roteiro de entrevista de Rocha (2013) contribuiu para que o 'uso de droga' fosse a mais frequente dentre as evocações, distribuídas em quase todas as espacialidades. A evocação 'tráfico de drogas' sofre um deslocamento da 'rua' para 'vila', como expresso na Figura 8, que aparecia em oitavo lugar e na 'vila' toma a segunda posição.

O tráfico de substâncias ilícitas nas cidades brasileiras apresenta um comportamento reticular, conectando fluxos econômicos de diferentes locais do país e fora dele. Entretanto, é em zonas pobres do espaço urbano que predomina o estabelecimento da territorialidade do tráfico, um território descontínuo (SOUZA, 2000) ou território rede (HAESBAERT, 2006). Os bairros, vilas e favelas com grupos de baixa renda abrigam os agentes locais de distribuição e venda das drogas.

Na espacialidade da 'vila' está bastante presente o tráfico de drogas, pois ambos apresentam uma relativa fixidez nos agenciamentos elaborados, corroborando para uma continuidade de práxis. O tráfico apresenta comportamentos relativamente bem determinados, por meio das formas de venda e distribuição que

designam práticas e pessoas que confirmam o que deve ser feito para atender uma demanda econômica. Essas características co-existem à 'vila', lugar de práticas de negociação e contestação cotidiana das identidades constituintes.

Um dos componentes do tráfico é a 'boca', que são estabelecimentos com a função de receber a droga, distribuir e vendê-la. Frequentemente é usada também como local de consumo. As 'bocas' geralmente estão evocadas por meio da 'vila', como demonstram as falas a seguir:

[Mas tua área era ali mesmo?] No Santa Monica, ali no ginásio, ficava só no ginásio vendendo pedra. Ali tem mais boca de pedra do que bar na vila (Palhaço Zóio).

Onde que eu moro é muito cara e fuga geográfica não adianta entendeu, porque onde você for você vai ter droga né cara, independente de onde você for; Se for lá nos cafundó do juda vai ter droga né cara. Então, eu acho que esse que é o verdadeiro tratamento que você tem que viver né cara (Ribeiro Loco).

Essa última citação torna-se marcante pela explícita ordem geográfica a qual está inserido o fenômeno das drogas. Ribeiro Loco ao se referir ao tratamento das drogas que vinha sendo submetido, descreve que seu local de moradia está cercado da presença da droga e quase em tom 'determinístico' afirma que é muito difícil se desvincular da espacialidade da droga, que consistem não só no uso, como nos 'corres', na venda, enfim naquilo que foi trabalhado no uso da droga na 'rua'.

A droga parece ser um elemento onipresente nas trajetórias interseccionadas na 'vila'. A profundidade de um agenciamento bem coeso, como a desses meninos com a droga, se expressa pela temporalidade, como exemplifica a evocação de Ribeiro Loco ao rememorar sua infância:

[Quando você era pequeno já tinha as bocas ali?] Tinha nossa... Tipo eu vim morar com 4 entendeu, lá; Mas eu já via, eu cresci no meio assim, tinha os cara que apavoravam e tal (Ribeiro Loco).

Contudo, quero chamar a atenção para a profundidade espacial desse agenciamento. Lembrando as premissas levantadas sobre cada espacialidade aqui trabalhadas, estamos falando de *assemblages*, ou seja, diagramas de relações de

forças⁷⁴, com múltiplas trajetórias e estórias-até-aqui. Visto que os agenciamentos compreendem um categorial de acaso, como Massey (2008) afirma sobre as políticas sobre os lugares, é necessário negociações constantes para a continuidade de uma trajetória. Tomemos a fala a seguir:

tipo quando eu vendia assim é fácil né cara, eu não sei, porque o cara sabia que eu fumava mas o cara sempre ia me dá a droga lá cara, pra mim vender pro cara, daí eu fumava tudo e o cara sempre me dava mais, daí por isso que aquela vez eu fiquei devendo pra ele. Eu as vezes nem queria fumar pedra assim e o cara trazia, ó aí, ó aí pra você vender pra mim; O cara sabia que eu fumava tá ligado e fumava mesmo né cara, o cara tava nem aí, o cara meio tongão assim sabe, eu fumava daí cara né depois voltava buscar mais (Jason Rim).

Um sujeito é composto em atos relacionais e interações de performances, como lembra Rose (1999), é ele uma intersecção de diferentes trajetórias identitárias. Dessa forma a ‘profundidade espacial’ responsável por dar continuidade no agenciamento dos meninos com a droga, se faz por meio da excessiva presença da mesma no cotidiano desses jovens. Essa demasiada presença mediante o desejo do sujeito ser frente ao outro (ROSE, 1999) produz formas de subjetividade em conformidade com os ditames da territorialidade do tráfico.

A ‘vila’ é a espacialidade onde coabitam evocações sobre o ‘tráfico de droga’ e de local de moradia, ilustrado na fala de Ribeiro Loco: “ali onde eu moro assim, nossa, é bem cabuloso, droga, droga, droga mesmo”. O ‘lugar’ de moradia nessas evocações estabelece um vínculo não através de um “pertencimento visceral, mas através da prática do lugar, da negociação das trajetórias que se intersectam, lugar como uma arena onde a negociação nos é imposta” (MASSEY, 2008, p.220).

As intersecções de trajetórias constantemente negociadas de maneira paradoxal se comportam também como um grupo identitário bem coerente. Isso ocorre quando se extrapolam os limites dessa *assemblage* e a conectamos com outras, como nas frequentes evocações de conflitos com outras vilas. A terceira evocação mais frequente na ‘vila’ é a ‘violência’, que se distribui nas evocações sobre o ‘tráfico de drogas’ que está trabalhado mais de perto na espacialidade do ‘tráfico’ e de maneira especial a violência na ‘vila’ toma forma através desses

⁷⁴ Os diagramas da obra de Deleuze (2008) sobre Michel Foucault está trabalhada no terceiro capítulo.

conflitos entre outras vilas. Rossi (2011), trabalhando os conflitos entre territorialidades urbanas, posiciona a espacialidade da vila como um elemento interseccional na composição das formas identitárias de masculinidades marginalizadas, como demonstra a fala a seguir:

Ah trocar tiro com os cara, nós vinha na vila dos cara dar tiro depois o carinha lá já vinha dar tiro [Qual que era a vila que dava mais problema?] Tinha parque, tinha um monte de vila, uns cara do Mezomo, daí depois os cara tava andando com nós (Palhaço Zóio).

E confirmando os trabalhos de Chimin Junior (2009) e Rossi (2010) a área central da cidade se organiza como zona de encontro para o entretenimento e busca de serviços urbanos ausentes na vila e palco de atos infracionais como os ‘corres’ que se definem geralmente como assaltos de transeuntes das ruas centrais da cidade. Além de ser o lugar de conflitos entre diferentes territorialidades de jovens do sexo masculino, como demonstra a fala de Palhaço Zóio:

[Esses tiro era mais cobrança ou às vezes nas tretas de vila?] Ah tem que os cara aparece assim, a gente briga no centro assim e som assim, vai curtir e esbarra no outro daí e agente já sai no boxe arrebenta o cara ou as vezes apanha também daí o bagulho vai pra frente né cara, se você apanhar você vai querer ir atrás do cara Você já bateu forte em alguém assim...Ah muitas cena já aconteceu (Palhaço Zóio).

A ‘vila’, expressa o vínculo dos sujeitos à memória das práticas espaciais de ‘corres’, por meio de furtos na casa de vizinhos e familiares. E dos conhecidos da rua, evocados como os ‘os caras lá da vila’, que frequentemente são evocados interseccionados a práticas de violência como conta Ribeiro Loco, sobre a estória de um ‘cara lá da vila’:

Teve um cara que hoje... Hoje ele ta na Igreja e tal, até desde quando eu saí e tal. Ele já levou 17 facada e não morreu cara, sério mesmo. Ainda ele levou 17 facada assim na valeta. caído na valeta. Ele levou 17 facada do cara, ele levantou assim e o cara chegou e deu um chutão na cara dele ainda, pow. O cara caiu assim, doidera mesmo. Daí ele... Pá, não morreu ta ligado (Ribeiro Loco).

Por meio desse espaço paradoxal (ROSE, 1993) e performático (ROSE, 1999) os meninos jovens, moradores de áreas periféricas pobres da cidade,

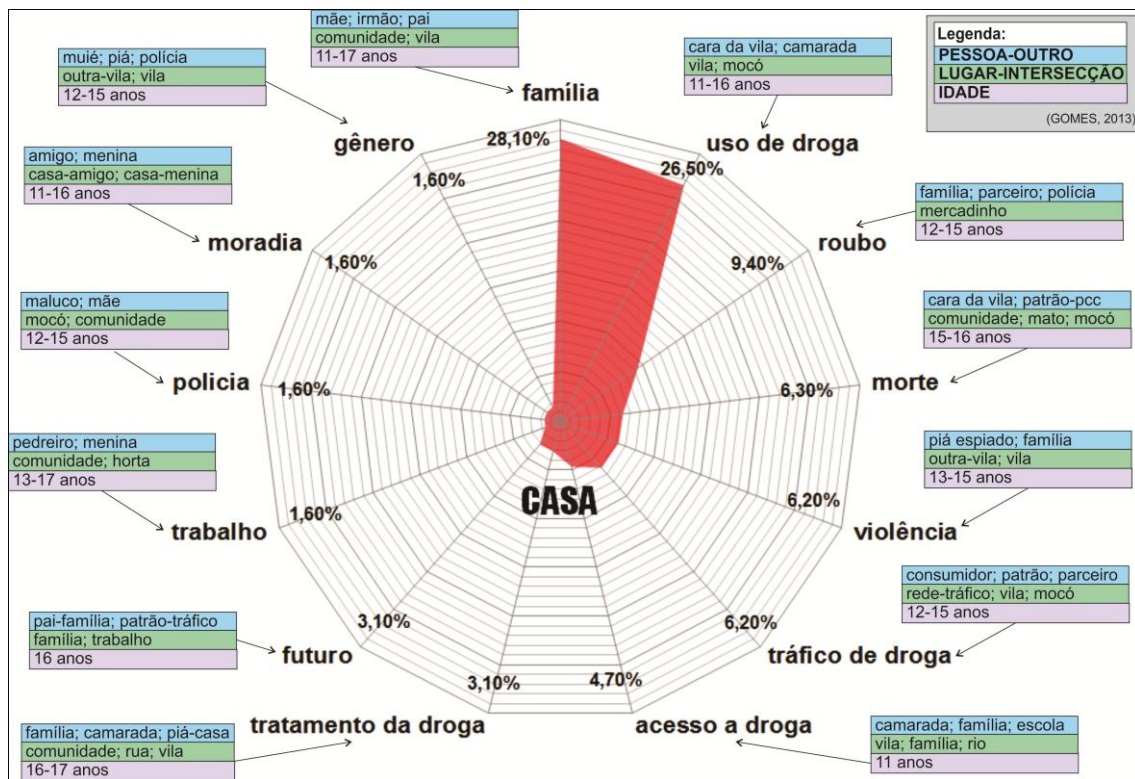
interagem com esse platô das geometrias do poder. A vila se expressa como “uma miríade de práticas de negociações e contestações cotidianas, práticas, além do mais, através das quais as ‘identidades’ constituintes são, também, elas mesmas, continuamente moldadas” (MASSEY, 2008, p.219).

É o lugar de vínculos à territorialidade do tráfico de drogas, das alianças identitárias para o conflito, da interação de formas de subjetividades que praticam e sofrem violência.

2.2.4- A Casa e a família

A ‘casa’ é a espacialidade das evocações sobre ‘família’, ‘uso de droga’, ‘roubo’, da ‘morte’ e ‘violência’. Esses elementos estão dispostos de maneira inter-relacional, por exemplo, na ‘família’ estão interseccionados aspectos de ‘drogas’ e ‘violência’. O platô da casa está organizado com o objetivo de frisar a linearidade de família-droga-violência, singularidade esta pouco presente nos moldes da família ideal – hetero, branca, trabalhadora. A própria ‘família’ presente nas evocações destoa do padrão nuclear patriarcal.

Figura 9 – Diagrama da Casa



Elaborado por Gomes (2013).

Para dar um panorama das atividades relacionadas à 'casa', coloco duas falas que representam alguns componentes inter-relacionados:

daí um dia eu tava fumando, fumando umas pedras, daí... daí foi que eu vi o notebook do meu cunhado lá, lá na planta lá, daí a minha irmã e meu cunhado foram embora de lá, daí me deixaram sozinho lá na casa, me deixaram sem nada, daí passou uns dias depois a minha irmã... porque a minha irmã queimou minhas roupas, queimou meus tênis, queimou minhas coberta tudo, porque sei lá né cara, daí passou uns dias depois eu tava morando sozinho daí minha irmã comprou uma roupa pra mim lá (Jason Rim).

Meu padrasto também era cachaceiro! Hoje não bebem, ninguém mais bebe. Tipo tem um irmão meu que não bebe mais, tipo esse que usava droga junto comigo ele não precisou de nada pra parar (Ribeiro Loco).

As figuras do cunhado e do padrasto como aqueles que adentram no ambiente consanguíneo, estão bem presentes na espacialidade da 'casa', o que posiciona a noção de família mais próxima do "rizoma"⁷⁵ que da "árvore-raiz"

⁷⁵ Esses dois conceitos são trabalhados por Deleuze e Guattari (1995a) e utilizo aqui não como uma ancoragem conceitual maciça, mas como um *nomos* – tomar parte, para significar um funcionamento.

genealógica.

A família hegemônica brasileira evoca sempre aspectos de 'raiz', através dos seus eixos de ancestralidade, por meio de sobrenomes e seus renomes, sublinhando as linhas de descendências étnicas e ressaltando as ascendências sociais⁷⁶. Vê-se na espacialidade da 'casa', um sistema aberto com múltiplos fatores, como um 'rizoma'. Pouquíssimas vezes foram evocadas figuras como 'vô' e 'vó', ou seus sobrenomes e descendentes, na verdade suas evocações sobre família iniciam na 'vila' e na 'casa' onde os meninos moram. Diferentes atores, como o cunhado e padrasto vão entrando conforme eles vão vivendo a 'família'. Os papéis e funções das figuras base de uma família são sempre subvertidas, como jovens que são criados pela irmã, padrasto, ou vivem na rua.

Nas entrevistas temos casos extremos como de Severino Espiado que morou um bom tempo na rua, tensionando as noções de moradia. Como também temos um menino entrevistado que afirmou morar numa casa com o pai a mãe e seus irmãos. E de imediato supomos que isso traria um distanciamento das drogas ou da violência, ao contrário, o mesmo menino, no caso o Palhaço Zoio, quem afirmou isso, também foi responsável por explicitar a presença de uma espacialidade a qual categorizei como 'mocó'.

Outro aspecto conflitante aos moldes hegemônicos foi a prática que Palhaço Zóio evocou sobre momentos de festas tradicionalmente familiares, como o natal, assim diz: "chegava o natalzão assim, ah hoje eu vou fumar um Cabral⁷⁷ quando você vê você já ta fumando tudo de vorta". Mesmo que figuras como da mãe, ou menos frequente, de um irmão-irmã, se expressem para os meninos como um elemento tensionador da sua relação com as drogas, estas ainda são evocadas de maneira frequente na espacialidade da 'casa' e interseccionada com a 'família', como mostram as evocações a seguir:

Afinal, os autores veem nesse conceito-máquina do rizoma, aspectos positivos de desterritorialização como criação-devir de um mundo outro. Esclarecendo os conceitos escrevem: "o que conta é que a árvore-raiz e o rizoma-canal não se opõem como dois modelos: um age como modelo e decalque transcendentais, mesmo que engendre suas próprias fugas; o outro age como processo imanente que subverte o modelo e esboça um mapa, mesmo que ele constitua suas próprias hierarquias, mesmo que ele suscite um canal despótico" (DELEUZE e GUATTARI, 1995a, p. 32).

⁷⁶ A cidade de Ponta Grossa, conhecida como a Princesa dos Campos Gerais, é marcada por aspectos histórico-políticos que contribuem para a demarcação de algumas 'linhagens familiares' sobre a paisagem econômica, cultural e política da cidade. Para quem quiser conferir uma das práticas de continuidade dessa paisagem cito uma revista regional: <http://www.revistafix.com.br/novo/>.

⁷⁷ Cabral é uma droga composta pela combinação da maconha com um derivado da cocaína, o crack.

[No seu ambiente familiar alguém usava droga antes de você?] Tinha. Eu sou o mais novo e nós somos em três irmãos homem, eu e mais dois e uma irmã né que é a mais velha; Dos quatro assim os três homem usavam droga. [Crack?] Crack, tipo um usava mais discretamente, usava o cabral né, maconha com pedra né mais de boa; Daí tinha eu, nós dois os mais novo né, tipo tem eu com 17 né daí tem um de 19 e um de 21 e minha irmã de 23 né; Eu, o de 19 nós usava junto, pedra pura mesmo, o “pitile”; Daí ele fumava no cachimbo ou na lata mesmo. [Quem foi o primeiro a usar?] O primeiro foi meu irmão mais velho de 21, o homem né (Ribeiro Loco).

[Você morava com ela?] Não, ela morava na frente da minha casa, tipo, na... no... passando, tem minha casa assim na rua, na casa da frente e daí minha tia fumava um baseado e eu sondava ela assim, fumava assim, daí ela, ela escondia assim, mas dava, dava uns baseados, daí eu ia lá e pegava lá e fumava uns baseados que ela me dava; [Isso com que ano?] Ah, uns 11 anos, 10 anos, uns 10 anos (Jason Rim).

Só que daí chegou uma mão que ela tinha pegado acho que cigarro e tal, meu na mochila assim daí eu apanhei, nossa apanhei na boca assim com chinelo tá ligado, foi bem paia só que tipo assim, depois que tinha acontecido não precisava mais bater né cara, já era; Daí foi uma revolta maior né, falei: é que... E tipo minha mãe não tinha muito o que falar porque ela usava álcool dentro de casa, meu padrasto também e tal. Bebiam e brigavam e tal tá ligado (Ribeiro Loco).

Essa última expõe a agressividade e as brigas presentes na ‘casa’ praticadas pelas ‘pessoas-outras’ identificadas como ‘família’. Através da ‘família’ os meninos relacionavam-se com a droga, práticas violentas e práticas de assalto, como demonstra a fala de Polaco Bala ao descrever sua relação com os primos:

A meu primo usou esses dia pra fazer um assalto diz que; [Passou pela casa já?] Não esse é de maior esse do assalto, ele tá morando lá no Santa Lúcia, mas tá de boa; Daí o outro tem filha também só que tem revolver também, mas ele não se envolve mais em briga assim, ele comprou assim só por segurança né (Polaco Bala).

A ‘casa’ é a espacialidade onde expressa a presença ‘família’, mas equívoco seria relacioná-la ao conceito de Família, com ‘F’ maiúsculo, hegemônica. A Família como discurso entre outros presentes na sociedade, nos moldes que Foucault (2003) evoca, “são efetivamente acontecimentos, os discursos têm uma materialidade” (2003, p.141), eles são normas regulatórias, como Butler (2000) propõe nas discussões sobre gênero, que se manifesta como uma espécie de poder produtivo, ao demarcar e diferenciar, e com decorrer do tempo atinge sua materialidade. Sobre isso autores como Chimin Junior (2009) e Lima (2009), ao

trabalhar com o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, demonstram as incongruências deste para com outras formas, que não ideais, de subjetividade. Segundo Lima (2009), o ECA serve como:

modelo de vida e ponto de referência a ser almejado pelos adolescentes excluídos, insubmissos e brutalizados. Supõe-se que os jovens infratores que, por hora, estão do lado do crime e, por isso, constituem objetos para a produção de saber e relações de poder, possam, em breve, ser resgatados, ressocializados e reumanizados (LIMA, 2009, p.21).

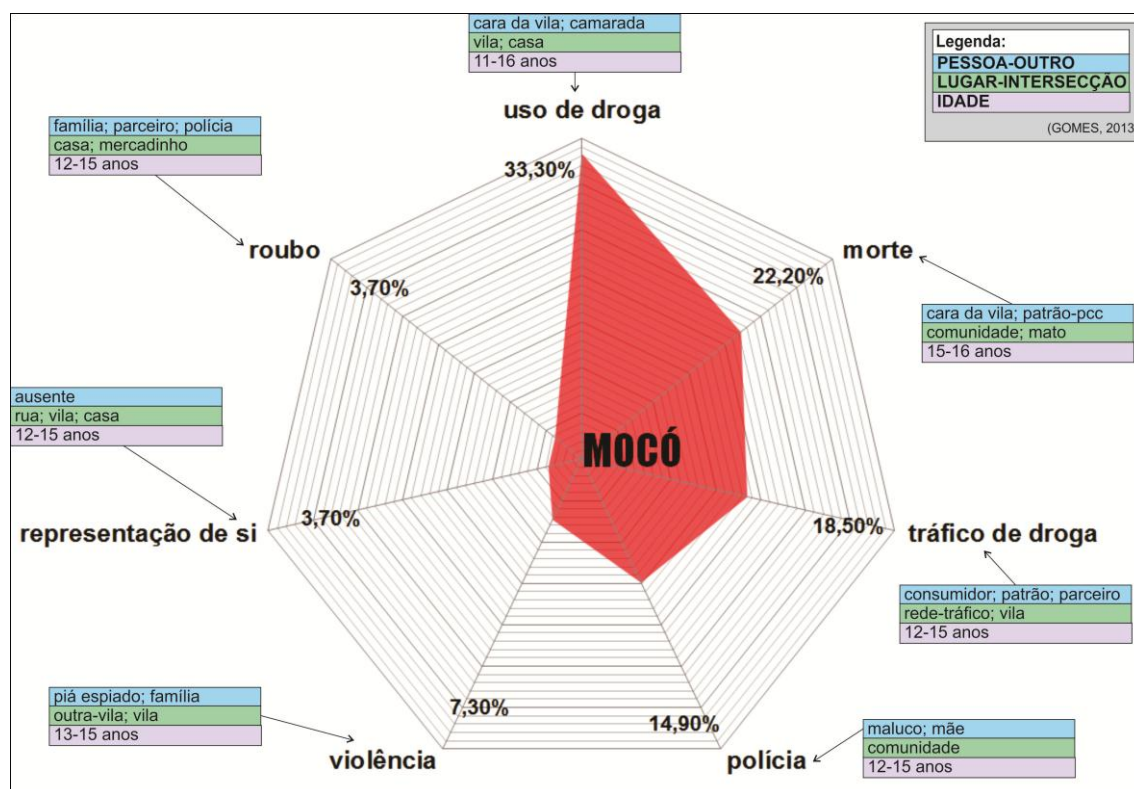
De maneira que, como demonstra Chimin Junior (2009), a Família ideal, que não a ‘família’ como singularidade expressa na espacialidade da ‘casa’, também está presente nesse discurso oficial (ECA) usado para legitimar uma prática judicial que responda aos ditames de um Estado capitalista. A forma que podemos pensar sobre a ‘família’ dessa espacialidade é na sua intersecção com as drogas, práticas violentas e atos infracionais.

2.2.5- O Mocó e os camaradas

A espacialidade do ‘mocó’ surgiu simultaneamente à sistematização das entrevistas. Na medida em que surgiam evocações onde estavam ausentes elementos da ‘vila’ e se aproximavam da ‘rua’, com uma diferença, ao invés da fluidez e os outros elementos já tratados, as evocações apresentavam um comportamento pontual, ou uma fixidez temporária.

Dessa forma, o ‘mocó’ é um espaço reticular entre a ‘rua’ e a ‘casa’, interseccionando-se com a espacialidade do ‘tráfico’, tratada a seguir. Ele apresenta as seguintes evocações:

Figura 10 – Diagrama do Mocó



Elaborado por Gomes (2013).

O termo *mocó*, utilizado para dar nome a essa espacialidade, é utilizado pelos entrevistados para significar uma residência, ou melhor, um barraco destinado à venda e uso de drogas na vila. O platô '*mocó*' é um conjunto de intensidades, ou uma geometria de poder que estabelece negociações constantes com outros platôs. Na verdade, pode-se dizer que ele toma sua funcionalidade somente através do seu agenciamento com a territorialidade do tráfico de drogas. A própria evocação sobre '*tráfico de droga*' aparece de maneira central, rodeada por figuras como '*consumidor*' e '*patrão*'.

O '*mocó*' é composto por relações de alianças, onde para participar de '*cenas loucas*'⁷⁸ os meninos fazem uso de drogas e partilham suas práticas com seus '*camaradas*':

quando não tinha pedra assim, os cara não saiam de perto de mim eu cheirava altos pó, os cara deixava eu cheirar pó. Pode cheirar de vez em quando assim, os cara começavam a cheirar, ponhava nos braço. [Era mais pra aguentar a noite?] Aguentar ou como diz fazer

⁷⁸ Consiste na execução de roubos e assaltos, cobranças de dívidas, assassinatos, enfim de atitudes-limites.

uma cena louca mesmo daí se meio que cheirava o pó, quase todo dia nós fazia cena louca né. Daí pra não dormi ou ficar tudo junto, entrava numa casa e ficava cheirando pó o tempo inteiro (Palhaço Zóio).

Existem três componentes interseccionais que estabelecem uma trajetória singular na espacialidade do ‘mocó’: i) a conexão que o ‘mocó’ estabelece com a ‘casa’; ii) a figura do ‘camarada’; iii) o ‘mocó’ como um enunciado-visibilidade do tráfico de drogas na vila. Todos esses componentes se portam de maneira interseccional e co-extensiva.

Sobre as duas primeiras características, Palhaço Zóio explica qual era o uso dos barracos:

os cara tinham alugado um barraco lá e daí morava eu o Baiano, o Furada, tudo lá no barraco assim sabe, eu só ia de dia né, eu dormia na casa da mãe né, mas nós ia de dia lá, nós tinha um trinta e oito, daí sumiu o trinta e oito ta ligado, só que era um cara que tava morando com nós, só que nós fiquemo sabendo esses dias na rua, os cara foram atrás do cara, acharam o cara meio caído no mocó lá (Palhaço Zóio).

Utilizavam o recinto para o uso e venda de droga e partilha da ‘moradia’ com outros ‘caras’, no qual Palhaço Zóio caracteriza-os: “os cara pá que eu faço as correria, tão tudo preso, Baiano, o Jason, o Maringá, Codorna, os cara tão tudo preso e os cara são firmeza, só que os cara são louco né cara”.

As parcerias estabelecidas entre esses jovens faz-me lembrar dum episódio marcante no campo exploratório. Enquanto elaborava as entrevistas gravadas com os meninos em tratamento na comunidade terapêutica, um deles chegou perguntando qual era o objetivo disso tudo e quais eram as perguntas realizadas. Demonstrando-se incomodado, deixava claro que não tinha vontade de realizar a entrevista, mas contraditoriamente ele dava continuidade à conversa, e assim fomos conversando eu, Heder e o jovem, que chamarei de Elísio. Tanto conversamos que essa acabou se tornando umas das entrevistas mais densas e extensas, contudo sem nenhum registro de áudio e por esse mesmo motivo, no momento em que o jovem se retirou da sala, me pus a anotar todas as afirmações que com sua linguagem martelavam na memória, tanto que ousei transcrevê-las aqui:

eu queria ser independente da família, porque já chegavam e

cobravam tudo e não reconheciam nada [...] a galera aqui pede pra esquecer os amigos, a gente sabe que é embaçado porque os cara ajudam. Querendo ou não pode confiar, quantas vezes aí eu precisei e pá ajudavam. Não importa se o cara matou, faz uns bagúio embaçado, faz os corre. Mas quando precisei e eu já precisei mesmo (Elísio Nóia).

Eis aonde essas formas de subjetividade presentes na espacialidade do ‘mocó’ estabelecem relações de cooperação e sociabilidade. Elevando os elementos de apoio dos ‘camaradas’ e ressaltando as tensões que estabelece com a ‘família’. Sobre isso Ribeiro Loco comenta as contestações e negociações cotidianas:

[E quando você tava usando, como que as pessoas te viam assim?] Nossa aí é... Aí é lamentável né, os cara falavam... Tipo igual dentro da minha casa mesmo né, esse meu irmão que é de boa esse que não usava comigo, esse de 21 ele... Ele falava assim: a ó o nóia aí, ó o nóinha, vai roubar aí; Falava assim pra mim ta ligado, briguei várias vezes com ele, que eles me excluía, me julgavam né, falavam: é você não vale nada, ta ligado, falavam assim: você é um nada; Igual as pessoas viam e tal, confiança que você tinha assim, as pessoa... Você perdeu né, as pessoas te olhavam como um nada né cara, nada, nada mesmo né cara; A mãe da gente olhava ainda... Tem mãe que abandona né, bastante mesmo; Daí agora eu os cara me olhavam assim: a esse cara não vale nada; O único lugar que eu era bem recebido era na quina né, pelos cara né, tratavam todo mundo igual (Ribeiro Loco).

Em falas como de Ribeiro Loco e Elísio Nóia pode-se ver surgir, na figura do ‘camarada’, ou melhor, amigo. Pois então, entendamos o que esse vocábulo quer dizer ao ser inserido nesse platô. Tomada todas as ancoragens conceituais de espaço performático (ROSE, 1999); do espaço das inter-relações de multiplicidades sempre a construir-se (MASSEY, 2008); dos processos de subjetivação (DELEUZE e GUATTARI, 1995a), entre outros, não seria no detalhe da amizade que resvalaríamos num conceito essencialista. Portanto, a despeito de toda carga que a amizade carrega desde o *filos* da filosofia, me aproximo das contribuições do filósofo italiano da imanência, Giorgio Agamben, através de seu ensaio *O amigo* (AGAMBEN, 2009). Para ele a amizade, longe de ser um conjunto de atributos ou virtudes é uma experiência⁷⁹ existencial. A experiência de um ‘outro-si’, na medida em que se deseja existir, também será desejada a existência do amigo. O autor

⁷⁹ “‘Experiência’ não é uma sucessão internalizada de sensações, mas, antes, consiste em uma ‘fértil multiplicidade de coisas e relações que se associam e interagem constantemente’” (HAYDEN, 1998, p.89 *apud* MASSEY, 2008, p.265).

assim diz “amigo não é um outro eu, mas uma alteridade imanente na ‘mesmidade’, um tornar-se outro do mesmo” (2009, p.90). Portanto, amigos, antes de compartilhar algo, são “com-divididos pela experiência” de ‘mesmidade’.

Atendo-se a esses acentos da amizade, sem aprofundar-se na construção estética elaborada pelo autor, as formas de subjetividade expressas no ‘mocó’ se apresentam de maneira fluída e circunstancial, por meio das práticas de roubo, de uso e divisão da droga. Ações de cooperação que as falas de Ribeiro Loco e Elísio Nóia expressam não encontram na ‘família’ e sim nos ‘camaradas’ com que estabelecem agenciamentos provisórios no ‘mocó’ e em outras espacialidades como a ‘vila’ ou ‘rua’, cada qual em sua singularidade, como afirma Massey (2008), de negociação e/ou contestação.

Relembrando as três características interseccionadas, além dessas sociabilidades estabelecidas pelos jovens, na espacialidade do ‘mocó’ temos o agenciamento com o tráfico de drogas o qual circundam a rede de relacionamentos e amizades dos meninos. A fala de Palhaço Zóio expressa as práticas dos ‘patrões’ do tráfico:

[Como é que são esses cara?] Ah os cara são boy, tudo corrente de ouro, roupa de marca, carro massa, moto massa [...] o que eles queriam era juntar gente que não tinha nada, gente que sofreu assim com a família, eu nunca sofri com a minha família era boa, entrei no bagulho das droga por tongo mesmo. Minha mãe e meu pai sempre me deram de tudo só que quem não tinha nada os cara davam de tudo Só que tinham algo em troca? É tinham algo em troca, tinha que virar dinheiro, os cara gostavam de dinheiro, de dinheiro, ouro, os bagulho assim bão, notebook, esses bagulho bão (Palhaço Zóio).

Contudo, não se pode deixar de lembrar que é a ‘morte’ a segunda evocação mais frequente no ‘mocó’ e nele estão presentes elementos de violência através das práticas de ameaças e morte elaboradas pela dinâmica de venda e cobrança do tráfico, como também por meio de conflitos entre os usuários, compondo ‘espacialidades espiadas’, como Bola Magrão descreve:

[E rola muita briga assim?] Rola um monte de briga; Os cara as vez, nós ia fumar na barraquinha, levava mulher lá; Fumava na barraquinha umas 5 cabeça de repente nós só escutemo na entrada: Poww. [Entre eles mesmo?] Entre eles mesmo; eu tava de pé no canto; Porque um fica lá esperando o cachimbo, daí o cara que tem o cachimbo quer o bingo e a pedra, daí só vai fumar né; Daí o outro: é rache, rache, rache; Daí eu: não vou rachar, vá fazer teu corre né, só

fica aí esperando né, pedra na tua mão; Daí eu olhei, se arrebetaram tudo na borduada; Daí já fica espiado também... Aham, daí já fica espiado, daí tinha até muié do cara pro meio tá ligado, tipo ficava olhando...tipo, não queriam que ela fumasse né; [No ouro verde isso?] É isso é no Ouro-verde lá; [Perto da sua casa?] Não, é longe um pouco; Uma muié que junta reciclado lá, ela junta reciclado assim (Bola Magrão).

Outro elemento peculiar que aparece de maneira mais central dentre as espacialidade é a figura da ‘polícia’, na qual nessa espacialidade não está vinculada à proteção ou prevenção da ordem, ao contrário, está inter-relacionada à violência:

um dia quando a policia te pega maluco, não aguenta, os cara te arrebetam, dão choque até na tua língua, os cara moiam você assim ta ligado, com água que daí o choque dói mais, para você contar. Ou as vezes pega com uma bucha, eles querem saber onde tem mais, aonde descolo, aonde aquele bagulho foi parar com você de quem você pegou, os cara te arrebetam, ainda mais se ele souber que os cara, os cara vão na casa assim já sabem quem que é. O cara chega e: oh é esse aqui Estive, ele falam bem assim cara, já chega e já aponta de dedo na tua cara; ô Estive, esse aqui pode amarrar, porque esse aqui vai dar uma volta de viatura com nós e já era os cara te põe no camburão te levam no escurão e você nem sabe aonde, já era cara. Te algemam, te jogam spray de pimenta na tua cara, pancada, choque, os cara louco (Palhaço Zóio).

Sobre isso quero lembrar outro elemento do campo exploratório. Foi realizada uma entrevista, a qual o áudio infelizmente foi danificado, com Baltazar, de 14 anos, morador do Jardim Maracanã. Esse entrevistado relatou que policiais, a fim de descobrir os nomes dos traficantes da região, utilizaram-se de práticas violentas. O menino conta que foi vítima de ações de tortura como afogamento e o saco plástico para asfixia.

O ‘mocó’ é, então, marcado pela intersecção entre casa-amizade-tráfico. Expressando elementos de violência e morte referidos à territorialidade do tráfico de droga e de sociabilidade por meio da parceria de práticas espaciais dos ‘corres’ e ‘cenas loucas’ junto aos ‘camaradas’ ‘firmeza’.

2.2.6- O Tráfico e o futuro

A espacialidade em questão emergiu em meio a evocações que escorriam às categorizações de outras espacialidades. Mesmo que haja a evocação do ‘tráfico de

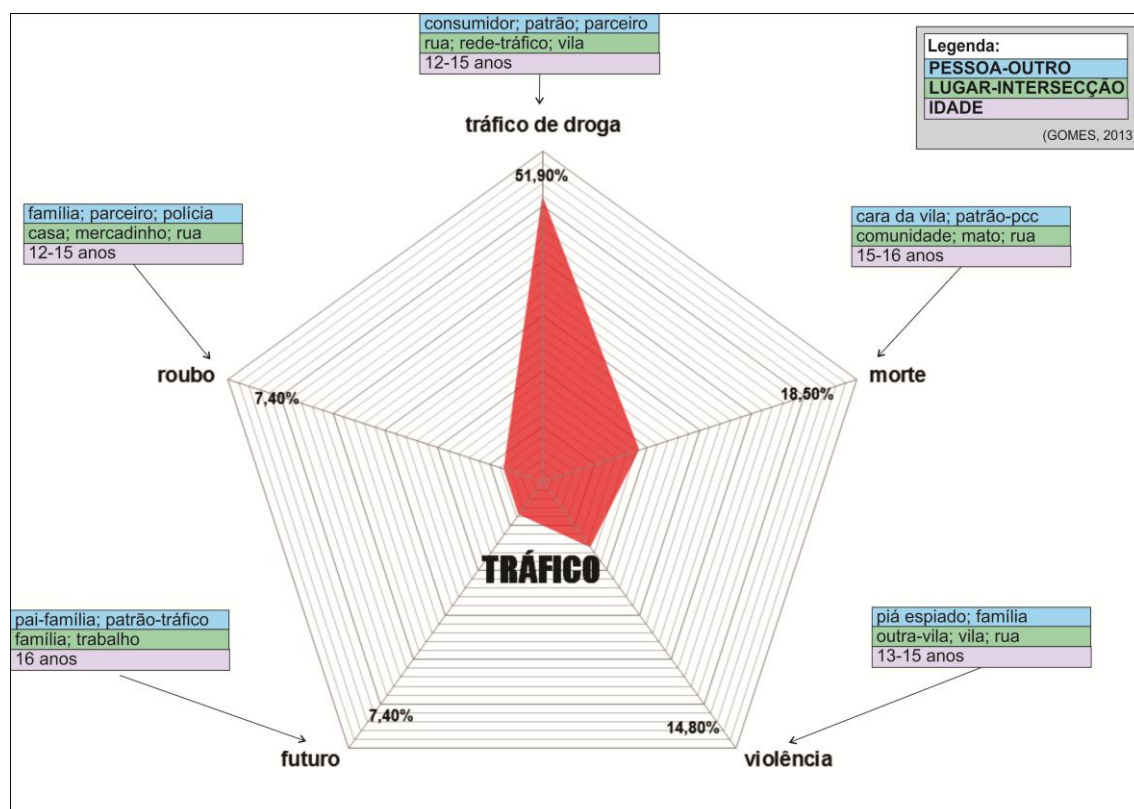
droga', algumas delas não continham trajetórias relacionais com níveis de intensidade ou agenciamentos semelhantes às espacialidades já elaboradas. Ou para melhor definir, surgia em meio às evocações um eixo de singularidade capaz de propor uma *assemblage*.

Eis que o platô 'tráfico' remete a uma espacialidade em si reticular; sem ancoragens locacionais muito delimitadas; agenciada aos fluxos econômicos da territorialidade descontínua do tráfico de drogas que atende diferentes níveis de escalas, desde relações internacionais de importação de substâncias ilegais até a comercialização local trabalhada na espacialidade da 'vila' e do 'mocó'.

Uma condição econômica tem a potencialidade de fazer surgir novas formas de subjetividade. Entretanto, me apropriando das críticas de Foucault (2003), que ressalta que um dos defeitos graves do que ele denomina marxismo acadêmico é compreender que as condições econômicas de existência encontram na consciência dos homens o seu reflexo e expressão. Contrário a isso, Foucault (2003) afirma que um tipo de saber não se impõe, nem se imprime de maneira definitiva a ele, contudo, um domínio de saber faz aparecer novos objetos, novos conceitos, novas técnicas e novas formas de subjetividade.

O tráfico de drogas faz produzir formas e técnicas de comercialização e dispositivos econômicos. Através disso regula e disciplina determinado conjunto das relações de poder. Dessa forma o platô do 'tráfico' está agenciado à territorialidade do tráfico de drogas. Sobre essa espacialidade estão dispostas as seguintes evocações:

Figura 11 – Diagrama do ‘Tráfico’



Elaborado por Gomes (2013).

O diagrama expressa de maneira explícita o funcionamento da prática da espacialidade em questão. O ‘tráfico de drogas’ é permeado pela ‘morte’, através das práticas de cobranças e conflitos entre os territórios do tráfico. A ‘violência’ surge como um elemento de cobrança ou simplesmente conflito entre os corpos que compõem as formas de subjetividade presentes no ‘tráfico’. O ‘futuro’ aparece na forma do agenciamento dos jovens do sexo masculino, moradores de periferia pobre, às práticas econômicas do tráfico de drogas. E o ‘roubo’ como uma prática de administração das finanças, atendendo as demandas do lucro do produto ilegal, de maneira geral, a maconha, cocaína e seus derivados.

Sobre essa espacialidade pode-se ressaltar duas continuidades/linearidades existentes: i) entre as práticas do ‘tráfico de droga’ e a ‘morte’ e ‘violência’; ii) e paradoxalmente o mesmo ‘tráfico de droga’ está agenciado ao ‘futuro’. Os dois agenciamentos são inter-relacionados entre si, entre um jogo de serviço e recompensa singular à prática econômica do tráfico de drogas. Alguns dispositivos necessitam ser elaborados uma vez que se trata de um mercado não só informal como ilegal pelas linhas da lei do Estado democrático capitalista brasileiro.

Caracterizando-o ilegal, o tráfico se figura des-territorializado das formas-processos despóticos do Estado, entretanto, como propõe Deleuze e Guattari (1995b) des-territorializar é um ato criativo, simultaneamente territorializante sem, contudo, compor um espaço alheio, apenas um espaço-outro, mas ainda de certa forma conectado. Nesse caso, podemos afirmar que o tráfico de drogas está des-territorializado do Estado, mas permanece parcialmente conectado, pois ambos estão agenciados em práticas econômicas capitalistas.

As práticas econômicas do tráfico elaboram dispositivos econômicos singulares, como demonstra Polaco Bala ao descrever a figura do 'patrão':

[Você conheceu algum cara assim bem grande do tráfico?] Conheci né, o que ia lá na minha vila lá; [Eles iam lá?] Iam, só que eles não vendiam assim eles só vendiam de quilo assim, não vendia bucha; lá na casa de uma amigo meu lá e ficava lá; [Rolava festa?] Aham, daí voltavam assim, conheci um também de curitiba que tinha saído da cadeia, alí no São jorge eu tava morando, daí ele foi lá, também, vendia só de quilo e ficava lá, patrão vinha de carro importado e uma mulher, bonita; Tinha acabado de sair da cadeia, daí ficou lá em casa uns dois dia daí voltou pra curitiba; Como que funciona, vem um cara de fora, daí ele vende pra alguém lá da vila e da vila distribui pro pessoal vender? Aham, ele vem com uma quantidade grande pra uma vila e a vila distribui pra todos; Vem de curitiba? (Polaco Bola).

Severino Espiado descreve alguns conselhos de como deve se portar um "flanela", ou seja, um participante do tráfico. Podemos considerar esses conselhos como uma prática disciplinadora que dá continuidade à territorialidade do tráfico. Através de uma microfísica do poder, os poderes disciplinares vindos de baixo governam e conectam-se às demais estratificações do tráfico de drogas:

tipo assim eu nunca fiquei devendo pra ninguém cara, eu sabia, primeira coisa que o patrão meu falou é: oh, nunca fique devendo pra ninguém se ficar devendo pra alguém o cara vai te matar, se não matar você matam tua família, aí eu fui aprendendo, nunca fiquei devendo pra ninguém, pegava uma ali e já pagava na hora (Severino Espiado).

Eis o poder disciplinador vindo debaixo, conduzindo trajetórias na espacialidade do 'tráfico' aqui trabalhado, sem deixar de estar conectado às políticas econômicas de outros estratos da territorialidade do tráfico, como relata Palhaço a respeito do funcionamento do Primeiro Comando da Capital – PCC:

[Você ia muito pra outros bairros assim?] Ia um monte, todo dia, tinha moto nem parava ali na vila, ia pra tudo quanto é parte [E tinha algum lugar que você não podia entrar?] Não, ia pra tudo quanto é parte, saía em três, quatro tudo com os béra lá. Depois que desceu a lei ali do Santa Maria não tinha mais essas treta assim de vila, desceu a lei lá de São Paulo, do PCC lá daí não tinha mais treta era tudo na paz só se foi jaguára, se o cara for cagueta ou estrupador, esses bagulho aí sim, mas se for de boas o cara não podia mexer com você [E agora como é que tá?] Agora to susse, tá a lei do PCC ainda, o cara não pode mais esses bagulho de qualquer coisinha quer se matar, incendiar o outro, tá ligado querer incendiar a caminhada do outro, que nem falar que o cara é Jaguára e o cara não é, e daí todo mundo querer pegar o cara, não é mais assim agora, agora ta acomodado, agora é tudo na paz Até de acertar conta matando?Aham, esses bagulho não tem mais só se o cara for pilantra (Palhaço Zóio).

As práticas de governo do tráfico agenciadas ao 'futuro', como afirmado anteriormente, apresentam um forte componente etário, como demonstram os relatos a seguir sobre a expectativa do que os entrevistados esperavam se tornar no futuro:

[Em que período isso, a partir de quantos anos que você, que foi a partir dos onze né?] Não, porque quando eu comecei no tráfico grande mesmo foi a partir dos quatorze, quinze eu já tava quase entrando pro PCC (Severino Espiado).

com quinze anos, eu era bem dizer o flanela que diziam, até esperar o povo eu cortava droga, ia e buscava, fui crescendo, aí os cara falaram: oh quando você tiver com uns dezoito o Comando Vermelho já ta pronto pra te aceitar, beleza, ali eu já fui crescendo, querendo ser mais (Severino Espiado).

[Nessas épocas o que você pensava do teu futuro?] Ah cara pensava em ser grande no tráfico, pensava ser igual Fernandinho Beira-mar, igual ao Robinho esses cara mais forte tá ligado (Severino Espiado).

Outro componente presente é a masculinidade, que se expressa através da conquista do respeito dos entrevistados mediante outras pessoas do sexo masculino. Essa conquista está ancorada nas relações de poder locais, por meio das práticas cotidianas, os meninos posicionam e vivenciam a centralidade ou a marginalidade nas relações de poder. A centralidade, na espacialidade do 'tráfico', está expressa no vínculo com o 'tráfico de droga':

[Quando rolava essas confusão aí, antes de vir pra cá, o que você pensava que você ia virar?] A eu pensava que eu ia virar o maior traficante né cara, ia ter o respeito dos cara né, só que...(Polaco

Bala).

E nas práticas violentas entre os corpos masculinos e suas expressões de masculinidade agressiva:

altas coronhada que já dei nos outros assim por causa de droga, um real, dois real ficava me devendo, sei lá cara, era o diabo mesmo (Severino Espiado).

[Tinha algum lugar que você não podia ir, alguma vila que não podia entrar?] Não nenhuma cara, conheço tudo essas vila aí, treta em nenhuma, invés de ter treta eu cobrava treta (Severino Espiado).

A ‘violência’ e o ‘tráfico de drogas’ estão interseccionados através do arranjo das práticas de cobrança da economia local do tráfico, o qual demanda que quem participe dele esteja disposto a portar-se de maneira violenta:

[Você vendia, daí você fazia cobrança?] O cara pegava e não pagava [Tem muito disso?] Ah bastante. [Daí como é que faz pra conseguir tirar dinheiro?] Ah tem que surrar, de vez em quando tem que dar umas pancada, umas coronhada pras cabeça pra me pagar ou vai lá e pega os bem do cara se ele tiver. Ou tem cara que some também, deve e some (Palhaço Zóio).

Na espacialidade do ‘tráfico’ também está presente o roubo afinal como afirma Severino Espiado “roubava demais já pra não ficar devendo” e, como vemos anteriormente, nessa espacialidade ficar devendo não apresenta nenhum benefício, pelo contrário.

As práticas econômicas do tráfico ao reelaborar outros dispositivos de troca e cobrança não podem recorrer ao Estado para ampará-lo na etapa final da rede de ‘mercado’ de substância ilegal. O Estado é um agente conflitante na etapa final do tráfico de droga e a territorialidade descontínua deste situa-se de maneira quase integral nas zonas pobres das cidades brasileiras. Contudo, de maneira paradoxal o Estado se expressa como um agente de negociação e continuidade nas etapas, digamos mais fluídas do tráfico, por meio de financiamento e incentivos ilegais da sua produção. Lembrando, é claro, que esse último caso acontece na face soberana corruptível do aparelho estatal, não deixando ainda de ser conflitante ao discurso jurídico legal, que podemos dizer ainda permanece assim a fim de justamente legitimar ações de controle e disciplina nas mesmas zonas pobres do espaço

urbano. Zonas onde a ‘polícia’ figura ‘violência’ e ‘tráfico’ figura ‘futuro’.

O capítulo em questão foi organizado de maneira a delimitar um campo de práticas espaciais dos jovens do sexo masculino em tratamento do crack e moradores de vilas periféricas pobres da cidade de Ponta Grossa - PR. Através da construção de categorias discursivas, foram organizadas diferentes espacialidades presentes no cotidiano desses sujeitos, juntamente com as evocações que compõem cada espacialidade. Cada um dos elementos evocados nas espacialidades foi analisado tomando as premissas do espaço performático (ROSE, 1999), de modo que cada ação, pessoa, trajetória ressaltada aqui foi tomada de maneira relacional.

A radicalidade da obra de Rose (1999) está em desvincular-se de um ser à espera de “preenchimento”, conhecido como espaço, e adotá-lo como uma configuração constantemente produzida pelas relações performáticas. Esse seria o primeiro nível relacional do espaço, mas além deste há o nível das próprias performances, que em si não são fechamentos identitários, são antes interações constantes. Mais precisamente, performances, são as relações de poderes produzindo e reiterando os corpos objetos, ou seja, aqueles que enunciam e dão visibilidade aos domínios do “sujeito” (BUTLER, 2000).

Segundo Butler (2000), o domínio e os limites do sujeito, são construídos na relação entre os seres “abjetos”. Sob os domínios do sujeito estão engendradas as formas corporais, condutas morais, práticas estéticas e éticas, posições políticas, enfim o dito e o não dito dos ideais regulatórios produzidos concomitantemente ao sujeito (FOUCAULT, 2000). E os seres “abjetos” segundo Butler (2000), mais do que *outsiders* desses domínios, são também responsáveis por produzi-los. Em outras palavras, o que é “objeto” e “abjeto” nos domínios do saber sobre o sujeito, é produzido interativamente. Uma sociedade necessita elaborar indiretamente quais são as formas “abjetas”, a fim de delimitar estrategicamente condutas específicas⁸⁰. Trago como exemplo a obra de Lima (2009), que delimitou práticas penais e discurso jurídicos que delimitam o sujeito ideal e cidadão, ao mesmo tempo em que produz a forma delinquente das práticas de menores infratores que morreram

⁸⁰ Judith Butler é influenciada pela filosofia de Michel Foucault que ao longo de sua biografia analisou os domínios do saber e as práticas de poder que fizeram surgir novas formas de subjetividade. Exemplo: saber anátomo-clínico e os domínios do corpo e da saúde; saber psiquiátrico e os domínios da razão, as ciências sociais e os domínios da verdade e do sujeito; práticas judiciárias e a delinquência; dispositivo da sexualidade e os limites do corpo e do desejo, etc.

subjugados ao regime de liberdade assistida, ou como o autor coloca, vidas interrompidas assistidas pelo Estado.

Tomando essas formas relacionais do sujeito e do espaço, todas as evocações foram ressaltadas na sua intersecção ou agenciamento com outros elementos presentes em cada espacialidade. Dessa forma, as espacialidades da 'rua', 'vila', 'casa', 'mocó' e 'tráfico' foram analisadas como uma "constelação de trajetórias" (MASSEY, 2008), onde tanto o espaço, as evocações e os sujeitos tomam forma na relação.

Dessa forma, não temos um plano material local separadamente do que os sujeitos fazem nela, por exemplo, na rua. Temos a 'rua' como um conjunto de performances singulares. A realidade aqui toma parte no nível do acontecimento, não mais da fixidez-material. Nem por isso a rua que passamos deixa de existir, tanto existe que por uma questão de linguagem dá nome a espacialidade da 'rua'. Contudo, esse foi um esforço de ressaltar o movimento e abertura das espacialidades vivenciadas pelos jovens entrevistados.

O segundo capítulo foi organizado de forma a responder a segunda sub-questão da pesquisa: "Quais são as espacialidades vivenciadas pelos jovens vítimas de homicídio na constituição de sua vulnerabilidade à morte violenta?". Assim, todas as evocações e espacialidades foram organizadas a fim de ressaltar os elementos que aproximam os jovens entrevistados de práticas de violência e compõem sua condição vulnerável a morrer assassinado.

CAPÍTULO III

VIDAS SEVERINAS: A MORTE COMO ELEMENTO DAS PRÁTICAS ESPACIAIS DOS JOVENS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE AO HOMICÍDIO

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínua: tentar saber quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço

Ítalo Calvino

O capítulo 3 tem o objetivo de responder a terceira sub-questão: “Como a morte se constitui em elemento de vivência cotidiana dos jovens em situação de vulnerabilidade à morte?”. As espacialidades analisadas no capítulo 2 estão integralmente tramadas com elementos de risco de vida, portanto, nesse momento a análise se situa especificamente sobre as evocações de ‘morte’ distribuída dentre as espacialidades evocadas. Tomando o caminho inverso tomando anteriormente, o capítulo aponta um diagrama da morte, relacionando as espacialidades em que ela se faz presente em sua face violenta. Dessa forma, as espacialidades da ‘rua’, da ‘vila’, do ‘mocó’ e do ‘tráfico’ estão organizados a fim de delimitar os agenciamentos presentes que aproximam os jovens do sexo masculino de experiências de risco de vida e de autoria de homicídios.

3.1- AS MÚLTIPLAS TRAJETÓRIAS ESPACIAIS DE JOVENS DO SEXO MASCULINO E OS AGENCIAMENTOS DA MORTE

3.1.1- A morte criando vida numa trajetória científica

Antes de prosseguir na construção metodológica conceitual das

espacialidades vivenciadas pelos jovens do sexo masculino com envolvimento com o crack e moradores de vilas periféricas pobres da cidade de Ponta Grossa – PR, tomando como central as evocações sobre morte, quero colocar alguns elementos posicionais a respeito do tema da morte nessa pesquisa.

Trabalhar com o tema morte permeando essa pesquisa foi muito mais que uma ideia, foi um afeto. Quero dizer que não foi através de uma suposta empatia que acabei me aproximando do tema, foi ele quem me traspassou, não de uma vez por todas, mas por diferentes efeitos e afetos.

A justificativa e pertinência da pesquisa, juntamente com o surgimento da sua questão central, já estão presentes no capítulo 1, contudo, a trajetória investigativa possibilitou a aproximação de alguns elementos, posso dizer inéditos na minha trajetória de vida.

Minhas reflexões exacerbaram-se de um pensamento-afeto pouco evocado no meu cotidiano tradicional, a morte tomou forma, imagem e sentido de maneira nunca antes por mim sentida. O olhar como caleidoscópio foi afetado por uma indagação ao mundo, que resumo na questão central dessa pesquisa: “Qual é a relação entre as vivências espaciais de jovens do sexo masculino e a morte por homicídio na cidade de Ponta Grossa - PR?”, e por meio dessa questão, alguns limites do mundo foram responsáveis por formar outras imagens.

Essa mudança toma parte em dois momentos distintos da fase exploratória da pesquisa. A primeira se deu nas salas da 13ª Subdivisão de Polícia Civil de Ponta Grossa e corredores do Fórum do mesmo município. A segunda nas salas da Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro. Os dois momentos são referentes respectivamente ao capítulo 1 e aos capítulos 2 e 3 desse trabalho⁸¹.

Como já argumentado as duas entidades estaduais, delegacia e fórum, foram utilizadas para analisar os inquéritos policiais e processos judiciais de homicídio. A fim de elaborar o banco de dados, reuniram-se eu, a escritã-chefe, Rúbia e a professora doutora orientadora desse trabalho, Joseli Maria Silva, e essa foi a primeira vez que folhee um documento como esse. E assim se constituiu em um acontecimento normal, onde trocamos ideias, discutimos as potencialidades de informação que o inquérito oferecia e ouvi e aprendi sobre as práticas dos

⁸¹ Antes é importante ressaltar que não são momentos rememorados simplesmente por que são marcantes pra mim, mas essas passagens vêm como contribuição na construção argumentativas do capítulo.

assassinatos relatados por Rúbia. Minha orientadora esboçava alguns espantos nos momentos das imagens dos cadáveres enquanto eu administrava minha neutralidade, considerando a posição que eu tomava na reunião: o pesquisador que iria encarar essa trajetória investigativa.

Passado esse momento inicial, lembro-me bem dos primeiros dias que vim a analisar os inquéritos solitariamente, posso dizer que entrava de uma maneira e saía de outra, passava manhãs e tardes dentro de uma sala que conforme folhava os inquéritos, tornava-se mais escura.

Estórias atrás de estórias aumentavam minha imaginação a respeito dos assassinatos ocorridos na cidade, desde os laços familiares, de amizade e as últimas atividades da vítima até as fotos ressaltando as agressões e a causa *mortis*. Antes de chegar ao grupo pesquisado, passei os olhos por diferentes formas de morrer, agredido, cortado, asfixiado, degolado, com tiro, com foice, queimado, escarpelado e outros que já esqueci. Vítimas jovens, idosas e adolescentes. Tanto vi que me lembro das vezes em que tateava as folhas dos inquéritos a fim de pular as páginas das fotos do corpo, o porquê fazia isso, até hoje não compreendi, apenas fazia.

A morte gradativamente foi tomando outras formas em meu cotidiano, desde sonhos até literaturas lidas, que passaram a ser mais bem selecionadas, a fim de distanciar certa ‘violência’ que o tema me trazia. Depois de um tempo passei a frequentar o Fórum da cidade e na medida da disponibilidade dos inquéritos nas varas criminais, analisava-os nos corredores, junto às pessoas que esperavam audiência pública. Nessas ocasiões, teve um dia que merece menção, enquanto realizava o levantamento dos inquéritos e pensava sobre os jovens do sexo masculino que acabavam se envolvendo num homicídio, do meu lado sentaram-se dois adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei, devidamente uniformizados com os padrões do CENSE, acompanhados de um guarda ao lado e “devidamente” algemados das mãos aos pés. Assim eles explicitaram um de seus problemas cotidianos, enquanto submetidos a medidas disciplinares, estes meninos contaram que tinham direito de sair poucas vezes no mês e quando acontecia era nos fins de semana, o que se tornava um problema para eles, afinal, na condição de liberdade assistida, eles não podiam praticar nenhum ato infracional, o que se tornava muito difícil, uma vez que ao retornar a vila onde moravam tinham que se esquivar de desavenças e confrontos que estabeleciam cotidianamente.

Foram muitos dias nessa rotina de análise, até completar os 79 inquéritos sistematizados e mais alguns por curiosidade. Com o passar dos dias, essa espacialidade foi tomando presença no meu cotidiano ao ponto de ao invés de tatear as folhas para se esquivar das imagens eu passei a buscá-las, por conta do processo de naturalização das mortes por homicídio. A ‘violência’ de outrora se tornou natural na minha vivência espacial através dos encontros que estabelecia frequentemente. Dessa forma, penso que assim como a imagem passou ter em mim outro afeto, um corpo assassinado pode tomar outros afetos em outras espacialidades, diferente da minha.

O segundo momento da trajetória investigativa foi o momento das entrevistas, digo entrevistas porque as informações sobre morte foram explicitadas somente nesse momento. A princípio pensei que seria uma dificuldade conseguir acessar informações como autoria ou participação em homicídios, cheguei até duvidar, de início, da presença desses registros. Essas dúvidas se ausentaram logo na primeira entrevista realizada com Severino Espiado.

Especificamente sobre o momento das entrevistas tenho marcado dois momentos de evocações. A primeira quando Severino Espiado, indagado sobre o motivo, ou motivação de estar na instituição de tratamento, disse as seguintes palavras:

Não cara eu lembro até hoje, o momento em que eu falei: eu vou mudar, foi ver minha mãe se ajoelhar na minha frente cara, tá ligado, coisa assim que olhe nunca imaginei, minha mãe chegou e parou e eu com dois revolver na mão assim, ela chegou: oh piá, por favor, te peço se você não for mudar você me mate agora, meu caralho, ali eu não me aguentei cara, já larguei os revolver no chão assim e juntei ela do chão assim, aquele momento ali, o que que eu estou fazendo né cara, o que eu vou fazer com a minha vida, não posso dar mais sofrimento pra minha mãe né cara, ali eu falei: oh mãe me interne então mãe (Severino Espiado).

Severino Espiado contou encenando em pé e esse momento exigiu uma administração emocional dos dois pesquisadores, Heder Leandro Rocha e eu. A questão não está nem na veracidade do acontecimento passado, mas na forma como o entrevistado elaborou sua fala e desconstruiu momentaneamente todo o distanciamento estabelecido por nós pesquisadores.

Outro momento interessante de se ressaltar foi na entrevista com Palhaço Zóio, quando este frisou suas expiações a respeito da presença ‘violenta’ da morte

em sua vida:

Tem um monte de coisa né, só que umas coisas não vira, é embaçado, é ruim de ficar lembrando. É embaçado daí de noite a gente não consegue dormir, sempre vem na cabeça. Ah, umas hora vem as imagem né [...]

Altas cena assim cara embaçado mesmo comentar assim, porque daí de noite o bagulho fica louco [...] Ah embaçado né, todo dia a gente pensa né, todo dia vem a mente da gente as cena. [É difícil conviver com isso aí todo dia?] Ah é foda né, não apaga, quando a gente menos espera o bagulho vem na tua cabeça, você pode tá de boa, mesmo que você nem esteja falando do troço, nem que esteja conversando que o bagulho vem na tua cara, tá ligado? O bagulho vem no teu cérebro assim, as imagem assim, bagulho louco mesmo cara [...]

Eu quero dormir em paz, eu quero fechar os zóio e dormi, não ficar embaçado, tem noite que a gente nem dorme, amanhece acordado, se dormir é embaçado. Mas queria fechar os zóio e no outro dia ficar de boa, isso aí é o que eu mais queria (Palhaço Zóio).

As imagens da morte tomam vida com tudo o que há de acaso sobre ela. Quando menos se espera, Palhaço Zóio diz ser afetado por aquilo que qualifica como ‘embaçado’, mas na construção linguística desses meninos, não se refere a algo pálido e pouco lúcido, mas algo que seja da ordem do desconforto, das situações complicadas, ou como denominam: ‘cenas embaçadas’.

As entrevistas, como foi exposto no capítulo 2, foram realizadas na instituição de tratamento de drogas e isso demandou um rearranjo das performances dos entrevistados. Da mesma forma, cada espacialidade vivenciada (diagrama) posiciona um corpo diferentemente nas relações de poder, que incitam, suscitam, produzem enunciados e visibilidades locais (DELEUZE, 2008). A espacialidade da Comunidade Terapêutica posicionou o encontro entre mim, o pesquisador, e o Palhaço Zóio, o entrevistado, ou podemos colocar, o encontro entre o olhar científico e o fenômeno. As singularidades arranjadas nela possibilitou a emergência de uma construção discursiva talvez pouco evocada no cotidiano fora da Comunidade. A mesma espacialidade também rearranjou a figura da morte no cotidiano do Palhaço Zóio. Essa imagem da morte a que estou me referindo, está ancorada nas participações em assassinatos contados anteriormente pelo entrevistado, nisso estão categorizadas as ‘cenas embaçadas’, momentos de cumplicidade na intervenção sobre a vida e morte de outrem.

Esses momentos da fase exploratória não estão presentes aqui em tom de

desabafo ou curiosidade, apenas porque inferem na construção argumentativa principalmente a respeito do tema da morte, aproximando o leitor dos domínios do tema presente nessa pesquisa. O primeiro momento com a análise dos inquéritos nos aproxima do caráter polissêmico da morte sobre a vida, não apenas sob níveis linguísticos, mas como discurso que materializa⁸² e afeta as formas de viver. O segundo momento, com as entrevistas, aproxima elementos relacionais entre o pesquisador e fenômeno estudado, através da posicionalidade tomada no momento da entrevista, diluindo a suposta fixidez tanto do acesso – metodologia, como a leitura – conceito, que damos aos acontecimentos.

A morte é um problema dos vivos, os mortos não têm problemas, nesse sentido Norbert Elias (2001) afirma não ser a morte, mas o conhecimento da morte que cria problemas para o ser humano. Esse conhecimento é efetivado no campo social, ele “não é uma coisa que as pessoas possuem em suas cabeças, e sim algo que constroem juntas” (SPINK, 1999, p. 27). Portanto, podemos compreender uma ‘morte social’⁸³, a despeito de uma ontologia da ausência temos a morte como conhecimento, ou melhor, afeto. O acontecimento vivo é que morre-se.

Antes de sua consumação, a morte é encarada pelo indivíduo, “os outros morrem, eu não” (ELIAS, 2001, p.7). Pensar a morte consumada pode nos aproximar de uma ideia ‘natural’ e ‘essencial’ à condição humana, ao modo que se apresenta da mesma forma para todos. Porém, experiências sobre a morte se diferem entre sociedades.

O conhecimento científico também é socialmente elaborado e pelas múltiplas relações de poder torna-se reificado, regula e transfigura sentidos a existência, como demonstram os trabalhos de Michel Foucault⁸⁴. Como mais um feixe de objetivação do ser no mundo, a produção do conhecimento científico também cria problemas, ou antes, levanta questões sobre a morte. Organiza e comporta atividades, técnicas e experiências a seu respeito.

O literário russo Léon Tolstói, em ‘O Senhor e o Homem’⁸⁵, narra vidas e mortes diferentes de dois personagens, demonstrando que a maneira como vivemos regula a maneira como encaramos a morte. Dessa forma, também, a maneira como

⁸² Relembrando as discussões explicitadas em outros momentos da pesquisa sobre as contribuições de Foucault (2003) e Butler (2000).

⁸³ Termo cunhado por David Sudnow definida como precedente à morte biológica (MENEZES, 2004).

⁸⁴ Foucault (1999) e (2008b).

⁸⁵ Obra literária citada sem referência por Elias (2001).

encaramos a morte ajusta a nossa maneira de viver.

Essa ideia é representada no trabalho de Elias (2001) ao analisar o 'envelhecer e morrer' de sujeitos moribundos que morrem em hospitais sem faculdades sobre suas próprias vidas, que por sua vez passam a ser 'laboratório' da ciência médica moderna, esforçada no prolongamento da vida. Em sua ascensão a ciência moderna⁸⁶ 'apropriar-se' do corpo que adoece, Foucault (1977) e Ariès (1989) identificam a passagem do monopólio do corpo doente da família e religiosos para o médico e suas instituições.

Sobre essa morte remanejada e assim re-significada, o historiador Philippe Ariès (1989) identifica duas faces sociais e simbólicas distintas da morte, no que ele associa como morte 'tradicional' e morte 'moderna'. Esse binômio é interessante como um instrumento preliminar de análise. Mas é necessário admitir que essas noções tradicional/moderna são noções simplificadas da realidade. As duas faces da morte, segundo Ariès (1989), são estabelecidas em momentos históricos diferentes e é interessante identificar que a morte moderna é um fenômeno concomitante a ciência moderna.

A morte tradicional da Alta Idade Média é em síntese 'domesticada', morria-se em casa junto aos familiares de maneira pública e pacífica. Ao modo que no século XIX, veio a tornar-se uma morte 'selvagem'. Na medida em que há um afastamento social da morte ela vem a ser 'ameaçadora'. Com a introdução de mecanismos disciplinares no espaço da clínica, no saber médico, inicia-se um processo de medicalização do social, cabendo à linguagem médica delinear a vida, sofrimento e morte.

Em 'Nascimento da Clínica', Foucault (1977) analisa as condições do aparecimento, no início do século XIX, da medicina em sua face científica e moderna. Através da trindade vida-doença-morte, esses elementos passam a ser entendidos de maneira relacionada, sendo que assim a doença se apresenta ao olhar "competente" do médico, apoiado e justificado por uma instituição.

Esse olhar é concomitante a voz – 'o olho que fala', e a linguagem que vê. Nesse sentido, Foucault (1977) entende que paralelo a relação significado-significante, o conhecimento anátomo-clínico concebe 'doença-sintoma'. Esses

⁸⁶ "Na ciência [moderna], os números passaram a ocupar o lugar que as letras assumiam na teologia" (MIGNOLO, 2004, p.672). Esses números na medicina científica moderna são as palavras, a "linguagem medida", a língua dos cálculos, "é ao mesmo tempo a medida das coisas que ela descreve e da linguagem a qual as descreve" (FOUCAULT, 1977, p.74).

signos (sintomas) elaborados são responsáveis por dar visibilidade e forma a doença. A estrutura semântica do saber médico se iguala, sem deslocamento, a morfologia dos órgãos que adoecem. A morte nessa relação assim entendida no início do século XIX⁸⁷ era a superação da doença, sua verdade realizada. Portanto, nessa relação do olhar institucionalizado da ciência moderna, elaborando os sentidos para a ‘morte moderna’, antes sentida pelo indivíduo, passa a fazer sentido somente pelo saber médico, na qual o indivíduo é distanciado de sua morte e passa a experienciá-la através das estruturas do conhecimento médico. Essa realidade é discutida em trabalhos como Menezes (2004), Ariès (1989), Elias (2001) e Foucault (1977).

Enfim, a despeito de buscar uma ancoragem profunda na discussão sobre morte que se faz presente em todos os campos do conhecimento sobre diferentes facetas, trazer elementos da fase exploratória da pesquisa, juntamente com algumas obras sobre a morte, alargam os limites do tema e estabelecem sua porosidade semântica. Dessa forma, a morte necessita ser compreendida para além da sua onipresença diante da vida, tomando-a como um componente relacional nas múltiplas espacialidades que têm a potencialidade de produzir singularidades.

3.1.2- Diagramas: jovens do sexo masculino e as múltiplas trajetórias espaciais

A morte por homicídio no Brasil apresenta uma “ordem espacial” (GOMES, 2012) se considerado o perfil das vítimas de assassinato. A morte violenta no país tem como ator e vítima a juventude (15-24 anos), e dentre esse grupo, 93,9% das vítimas de morte por homicídio, são do sexo masculino (WASELISZ, 2011). Considerando a análise dos casos de homicídio da cidade de Ponta Grossa – PR, o crime apresenta com mais frequência vítimas jovens, entre 15-25 anos, envolvidos na espacialidade das drogas e moradores de áreas periféricas pobres da cidade.

Afirmar uma “ordem espacial” da morte por homicídio parece estranho quando se vem precedido de atributos como sexo e idade. Entretanto é necessário superar uma ordem restritamente locacional das práticas de assassinato, considerando que esta negligencia as relações cotidianas, em seu sentido caótico, que compõe a

⁸⁷ “A morte era ao mesmo tempo fato absoluto e mais relativo dos fenômenos. Era o término da vida como também da doença, se fosse de sua natureza ser fatal; a partir dela, o limite era atingido, a verdade realizada e, por isso mesmo, superada: na morte, a doença, tendo atingido o final do percurso, calava-se e tornava-se objeto da memória” (FOUCAULT, 1977 p.161).

proximidade de um tipo de morte a um tipo de vítima. Se há um arranjo espacial capaz de dar sentido a um fenômeno, esse arranjo se faz por meio de um espaço multidimensional, inter-relacionado e provisório. Do contrário, estaremos lidando com um substrato transcendente supostamente capaz de expressar sua lógica de comportamento. Enquanto que um arranjo espacial é a imanência de singularidades, ou como lembra Massey (2008), o espaço é a “condição tanto da existência da diferença quanto do encontro dos diferentes” (2008, p.253).

Dessa forma emerge na discussão a política. O espaço deve ser tomado em seus fechamentos ou aberturas sob o nível político. Quero dizer que se houver sob um espaço, sempre em construção e instável, uma certa continuidade, essa continuidade, ou fixidez, se faz sob um nível político, de ações-até-agora. Nesse sentido, atributos que aqui tomam aspectos performáticos, como gênero e idade, são elementos, dentre outros, engendrados na vivência espacial dos sujeitos vulneráveis a morte por homicídio.

O perfil mais vitimado, analisado através das práticas espaciais de jovens em tratamento do crack na cidade de Ponta Grossa, é composto por uma intersecção de espacialidades (ROSE, 1993), arranjadas como singularidade (DELEUZE, 2008) de uma “constelação de trajetórias” (MASSEY, 2008). As espacialidades da ‘rua’, da ‘vila’, da ‘casa’, do ‘mocó e ‘tráfico’ de drogas, compõem simultaneamente as formas de subjetividade vulneráveis a morte violenta. Em todos esses platôs, como conjuntos de intensidades, apresentam uma defloradora presença de elementos de ‘violência’ e principalmente de ‘morte’, o desafio é compreender a performance do duplo violência-morte e seus agenciamentos com outros componentes das múltiplas espacialidades.

No Capítulo 2 está organizado as espacialidades mais frequentes nas evocações sistematizadas das entrevistas realizadas com os meninos da Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro. Dentre essas espacialidades a evocação ‘morte’ aparecia sempre com a 2º ou 4º evocação mais frequente. Sobre cada Diagrama trabalhado no segundo capítulo estão sublinhados os seus componentes e as inter-relações que figuram a violência e a vulnerabilidade à morte das formas de subjetividade performada co-extensivamente através das espacialidades. Contudo, foram retidas as evocações da ‘morte’ para serem trabalhadas mais de perto e melhor relacionadas com as relações de forças e os agenciamentos já diagramados em cada espacialidade.

A morte está presente no cotidiano dos jovens do sexo masculino, moradores de vilas periféricas pobres, envolvidos com as drogas. Por meio dos estratos de saberes tramados na espacialidade desses sujeitos, a morte toma sua face, ou melhor, é enunciada e/ou toma visibilidade. Essas afirmações estão posicionadas sob as discussões sobre saber e poder da obra de Michel Foucault. Todavia, trarei à cena por meio de outro filósofo francês, Gilles Deleuze escreveu um livro intitulado *Foucault*, a obra é um ‘ritornelo’ do encontro entre os dois filósofos. Pode-se dizer que é uma obra-comentário da filosofia de Foucault, mas vai além disso, é a própria junção com a filosofia deleuziana. É o que Deleuze denomina como “enrabada”, ou “imaculada conceição”, o filósofo assim descreve: “eu me imaginava chegando pelas costas de um autor e lhe fazendo um filho, que seria seu, e no entanto seria monstruoso” (DELEUZE, 1992). Na obra *Foucault*, Deleuze, pode-se dizer, ‘geografizou’ a obra do filósofo Michel Foucault, principalmente com as noções de estratificações do saber e diagramas do poder. Elementos que estão presentes indiretamente no capítulo 2 e estarão também ancorando a construção argumentativa deste capítulo 3.

O termo ‘Diagrama’ foi usado propositalmente para denominar os esquemas visuais (Figuras 7, 8, 9, 10 e 11) de cada espacialidade trabalhada. Ao classificar Foucault como um novo “cartógrafo”, Deleuze (2008) descreveu sua potencialidade em construir ‘mapas’, ou melhor, ‘diagramas’, que designam um conjunto de linhas diversas funcionando ao mesmo tempo, essas linhas são os elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos. Dessa forma “cada coisa tem sua geografia, sua cartografia, seu diagrama” (DELEUZE, 1992, p.47). Brincando com as palavras, o autor trata os diagramas, como máquinas abstratas “*casi muda y ciega, aunque haga ver y haga hablar*” (2008, p.61), a fim de lembrar a impossibilidade de esgotar as relações de forças presentes em um ‘diagrama’. Ele é um mapa das relações de forças, porém as forças se atualizam ao mesmo tempo em que os quadros descritivos são construídos. Essa atualização ocorre na forma de enunciados ou visibilidades, ou seja, as relações de poder sempre se atualizam na forma de saber, responsável por dar forma e sentido às coisas, porém esse saber é constantemente atualizado pelas relações de forças que são múltiplas, difusas e instáveis.

É importante distinguir dois momentos na biografia de Michel Foucault, das arqueologias do saber e as genealogias do poder, nesse momento recorro à contribuição de Fonseca (2011):

A **arqueologia** procura, portanto, apreender a irrupção de uma singularidade não necessária. Ora, em Foucault podemos chamar de ‘acontecimento’ a irrupção de uma singularidade não necessária que, de algum modo, continua a nos atravessar. Nossa atualidade comportaria, assim, a marca desses acontecimentos – que são passados, mas que continuam presentes [...]

A **genealogia** percorre o engendramento de uma determinada singularidade, acentuando as relações de poder que determinam a sua constituição, a fim de reparar de que modo estas singularidades modelaram o presente (FONSECA, 2011, p.250).

O saber figura as matérias formadas (substâncias) e funções formalizadas, distribuídas em segmentos de ver e falar; luz e linguagem. São as estratificações agenciadas em nossa sociedade. Porém, agenciamento é um conceito de Deleuze (2008), e segundo ele corresponde a “dispositivo” na obra de Foucault, que compreende como:

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo (FOUCAULT, 2000, p.244).

Ainda que agenciamento possa ser usado como a relação entre as linhas de forças, com a potencialidade de afetar ou ser afetado, numa lógica mais local, é nesse sentido que há uma re-leitura, ou uma sobre-leitura geográfica de Deleuze (2008) sobre a obra de Michel Foucault. As relações de forças por serem instáveis e difusas, não são localizáveis, porém são locais. O diagrama é uma multiplicidade espaço-temporal em devir, um conjunto de relações de forças arranjando os estratos – curvas e nós, do saber. Aqui toma uma relação de cumplicidade com as noções de espaço em Massey (2008), *assemblage* em Anderson et al. (2012) ou platô de Deleuze (1995a).

O capítulo 3 está posicionado na terceira sub-questão dessa pesquisa: “Como a morte se constitui em elemento de vivência cotidiana dos jovens em situação de vulnerabilidade à morte?”. Como está expresso no segundo capítulo, a morte atravessa grande parte das espacialidades vivenciadas pelos jovens entrevistados. Essas espacialidades não estão somente tramadas com evocações diretas sobre a morte, como expressam agenciamentos que aproximam cotidianamente os meninos

da morte violenta.

Por meio das performances de masculinidades marginalizadas, temos um agenciamento com práticas agressivas, violentas e desafiadoras expressas nas formas de subjetividade presentes nas espacialidades vivenciadas pelos jovens do sexo masculino, moradores de vilas periféricas. Pelo desejo de ser frente ao outro, compõe performances espaciais, ou como propõe Rose (1999), “fantasias”, que os posicionam nas relações de poder.

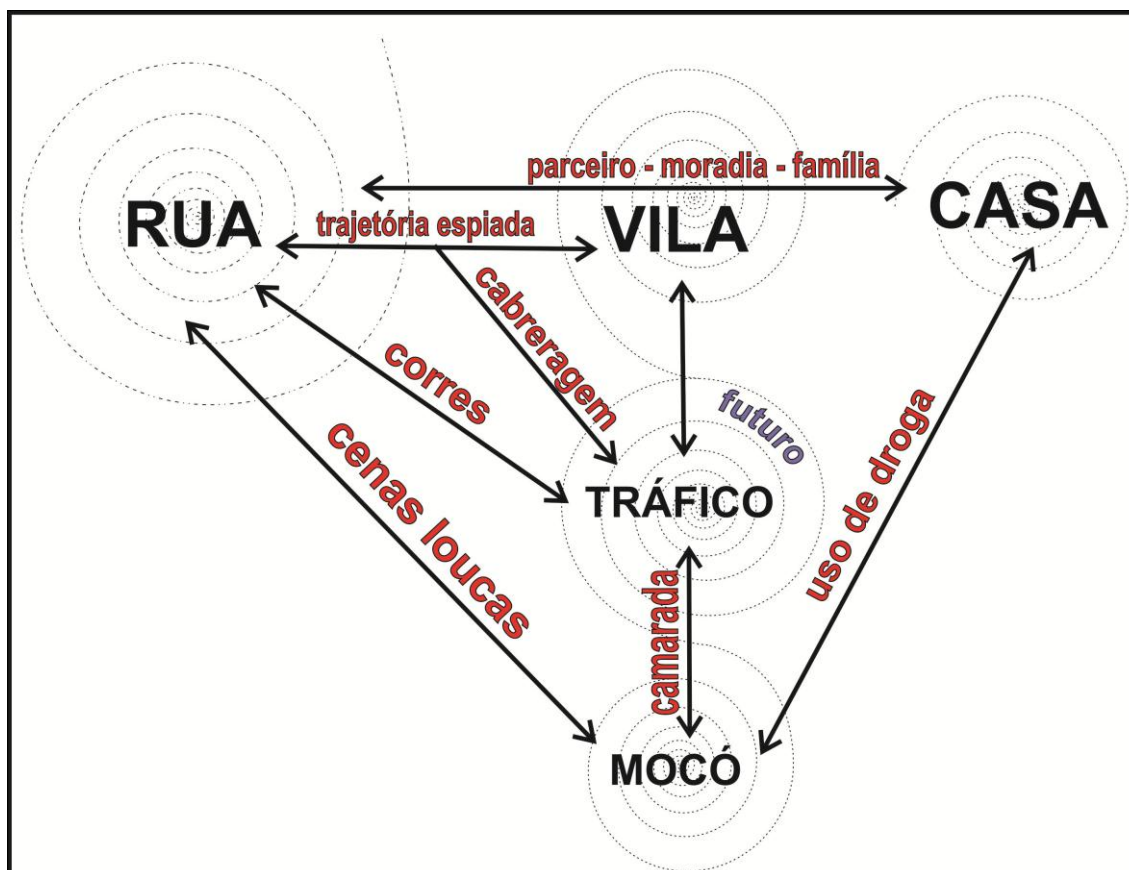
Através de performances, tramadas pelo gênero, os meninos utilizam-se de violência, prova, desafio, confronto, etc. Mas é importante ressaltar que nas mesmas expressões que figuram violência, estão agenciados os ‘camaradas’, ou seja, as formas de amizade cotidianas. Isso pode ser exemplificado com a fantasia que os jovens têm quanto ao uso de drogas. O acesso à droga está interseccionado à idade, que geralmente acontece entre a infância e a juventude (11 anos). No qual fazem uso, certo de que serão vistos como ‘vida louca’ na vila onde moram. Os domínios do que seria um ‘vida louca’ está tramada pelo gênero, na medida em os jovens compõem performances de ‘delinquentes’, ‘independentes’ ou ‘inconsequentes’, sobretudo, exacerbam sua condição de marginalidade dos domínios institucionais e estruturas urbanas.

A ‘vida louca’ é enunciada e toma sua visibilidade fazendo-se bastante presente na ‘rua’, morando em ‘vila’ periféricas, fazendo ‘uso de droga’, na adolescência principalmente, fazendo os ‘corres’ praticando ‘roubo’, convivendo e interagindo em ‘mocós’, participando de ‘cenas embaçadas’ matando ou vendo matar. Enfim, são poderes estratégicos que batem e afetam os jovens, e estes rebatem e afetam as relações de poder engendradas em sua vivência cotidiana.

Os meninos instituem e são instituídos por múltiplas dimensões espaciais, sendo que nas dimensões tomadas no capítulo 2, dentre as múltiplas evocações, todas são atravessadas por evocações de ‘morte’. Além de cada espacialidade ser composta por múltiplos elementos, elas estão inter-relacionadas entre si e essas inter-relações acontecem no nível também das práticas e agenciamentos presentes nas formas de subjetividade pesquisada. Como lembra Massey (2008) “cada um desses tempo-espacos é relacional. Cada um é construído pela articulação de trajetórias” (2008, p.253) e “o próprio reconhecimento de nossas inter-relações constitutivas indica uma espacialidade, e isto, por sua vez, indica que a natureza desta espacialidade deveria ser um caminho crucial de questionamentos e

envolvimento político” (2008, p.266). Tomado isso, baseando-se nos 5 diagramas trabalhados no segundo capítulo, pode-se compreender as seguintes relações ‘inter-espacialidades’:

Figura 12 – Diagrama Inter-espacialidades⁸⁸



Elaborado por Gomes (2013).

Foram utilizados os termos linguísticos presente nas falas dos jovens entrevistados para conceituar a singularidade de suas práticas, ou até resumi-las, mas tomando o cuidado de não dificultar a linguagem dessa obra, elas são sempre repetidas, de acordo com sua circunstância.

⁸⁸ ‘Trajetórias Espiadas’: referem-se às trajetórias-condição sob efeito do crack. O termo ‘espiado’ na fala dos entrevistados representava uma relação entre a os efeitos da droga e a sociabilidade estabelecida nas práticas de uso da droga;

‘Cabreragem’ ou ‘cabreiro’: o termo é utilizado pelos entrevistados para representar momentos de desconfiança e desconforto com os possíveis riscos que determinada prática pode trazer, na percepção dos jovens;

‘Cenas loucas’: referem-se às práticas elaboradas com o objetivo de sustentar uma ‘vida louca’, sobre efeito de alguma droga e efetivando práticas criminais, de violência e morte;

‘Corres’: é o termo utilizado para designar as trajetórias elaboradas com o objetivo de comprar drogas, como maconha, cocaína, crack e o álcool. Por vezes, está representada por atos de roubo, furto a fim de arrecadar recursos para compra ou quitação de dívidas de droga.

A 'rua' é a espacialidade mais frequente entre as categorias discursivas dos jovens do sexo masculino e estabelece movimento e encontro em quase todas as demais espacialidades. Estabelece relação com o 'mocó' por meio das 'cenas loucas' que são acontecimentos eventuais, que se referem a uma gama de práticas, como roubo, fuga, usos excessivos de droga e testemunho, participação e autoria de assassinatos. A 'rua' também estabelece relação com o 'tráfico', a partir dos 'corres' que são roubos, assaltos, furtos, entre outras atividades que objetivam o consumo ou a quitação de dívidas de droga.

As 'espacialidades espiadas' e 'cabreragem' estão posicionadas na relação entre a 'rua' e a 'vila'. A primeira refere-se às trajetórias-condição dos efeitos de droga, principalmente o crack, responsável por deixar o indivíduo em estado de alerta, ligado às eventualidades e ritmos acelerados. A 'cabreragem' é o estado de desconfiança, às vezes medo, das possíveis ameaças cotidianas.

O 'tráfico' estabelece relação direta com o 'mocó' através da figura do 'camarada', como forma de amizade para os meninos e é a espacialidade onde coabitam paradoxalmente evocações sobre o 'futuro', pelos seus elementos econômicos, e sobre a 'morte'.

A 'vila' estabelece a relação entre a 'casa' e a 'rua' pelos elementos identitários dos amigos e da área de moradia e a 'casa' relaciona-se com a 'vila' pelos familiares que moram na mesma área de moradia e é evocada como uso de drogas e principalmente seu acesso, através das singularidades da 'família' trabalhada na espacialidade da 'casa' no segundo capítulo.

3.2- DE 'CENAS LOUCAS' A 'EMBAÇADAS': AS PRÁTICAS ESPACIAIS DE JOVENS DO SEXO MASCULINO E OS ENUNCIADOS DA MORTE

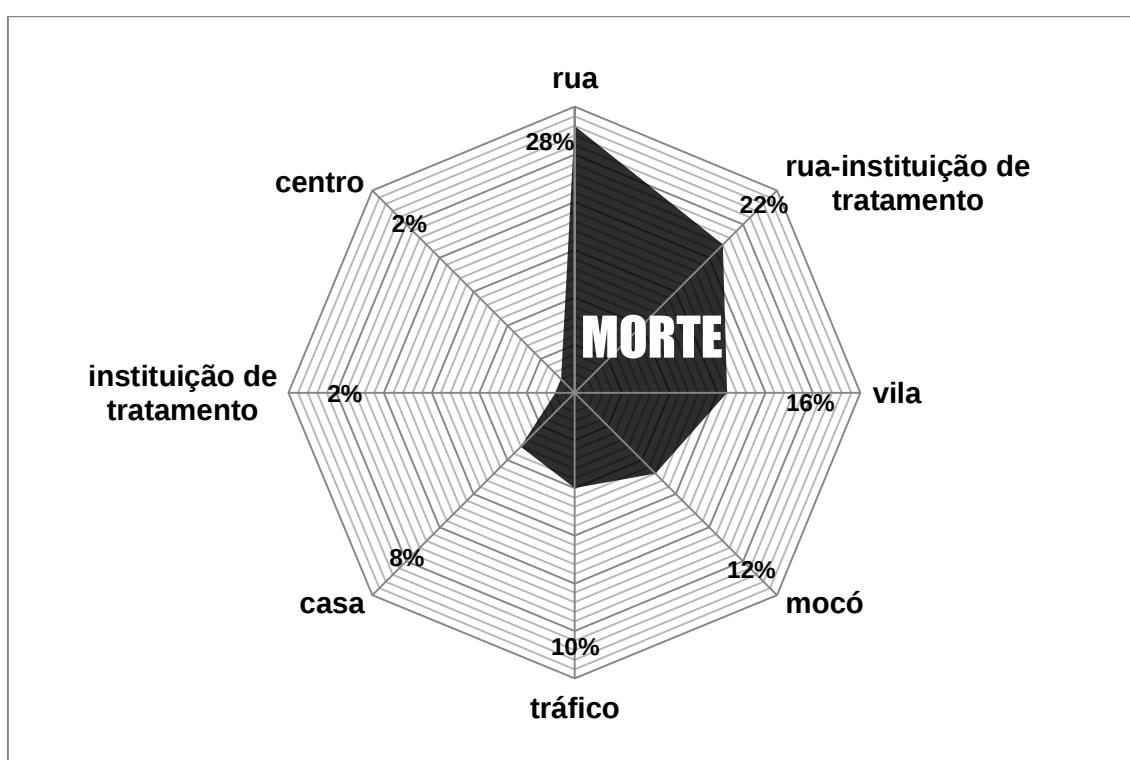
3.2.1- Espacialidades vivenciadas pelos jovens do sexo masculino e as faces da morte

As análises elaboradas especificamente sobre as evocações sobre a 'morte' estão baseadas na mesma sistematização expressa no capítulo 2, ou seja, a partir da sistematização de 402 categorias discursivas, foram organizadas e analisadas as espacialidades mais frequentes nas evocações e a partir dessas, que são 'rua', 'vila',

‘casa’, ‘mocó’ e ‘tráfico’⁸⁹, analisou-se as evocações presentes em cada uma delas, de maneira que as evocações categorizadas especificamente como ‘morte’ serão tomadas restritamente aqui.

Para analisar as evocações de ‘morte’, ao invés de retomar cada espacialidade trabalhada no capítulo 2, inverteu-se a relação. Se considerarmos todas as evocações sobre a morte e as espacialidades em que ela está presente, fica assim organizado:

Figura 13 – Diagrama sobre Morte



Elaborado por Gomes (2013).

A ‘morte’ marca presença de maneira mais frequente na ‘rua’, como a espacialidade mais evocada nas entrevistas. Seguido da ‘rua-instituição de tratamento’ que, como já comentado no capítulo 2, são evocações fluídas entre as duas espacialidades que se destinam às atividades da ‘rua’, contudo é uma ‘rua’ ressignificada pela convivência na Comunidade Terapêutica, que tem sua estrutura de tratamento baseada em alguns conceitos ideais como religião cristã e a família. A rua passa a ser descrita por meio de uma fusão discursiva com as práticas de

⁸⁹ As demais espacialidades presentes no Gráfico 8 estão presentes de maneira secundária em todas as espacialidades analisadas.

ensino e tratamento da entidade religiosa.

Como em outros momentos as espacialidades serão organizadas a fim de atender as questões dessa pesquisa e no momento situo a terceira sub-questão: “como a morte se constitui em elemento de vivência cotidiana dos jovens em situação de vulnerabilidade à morte?”. Considerando isso serão analisadas as espacialidades centrais da ‘rua’, ‘vila’, ‘mocó’ e ‘tráfico’. Isso não quer dizer que as outras espacialidades serão negligenciadas, somente que serão trazidas à discussão em momentos pertinentes da análise das vivências espaciais dos entrevistados.

A ‘instituição de tratamento’ e o ‘centro’ receberam poucas evocações caracterizando casos isolados, sem a possibilidade de um eixo de análise. A ‘casa’ também pouco evocada expressa a morte de familiares, elemento que não atende a relação com a morte por homicídio⁹⁰. E a ‘rua-instituição de tratamento’ mesmo que seja frequente a presença da ‘morte’, trata de uma ‘morte-rua’ diretamente reorganizadas por outros domínios do saber que não atendem ao cotidiano de jovens do sexo masculino, moradores de vilas periféricas pobres e como envolvimento com as drogas. A condição de tratamento foi apenas um exercício metodológico de acesso, não corresponde à questão central.

Antes de passar para as espacialidades citadas é preciso esclarecer que as evocações de ‘morte’ foram categorizadas em quatro eixos discursivos, essas ‘categorias evocativas’ foram especificadas já na sistematização das evocações no Banco de Dados (anexo 4), e são elas:

1. ‘Experiência limite’: são evocações sobre a saúde e o corpo do entrevistado na condição de vítima de agressões, violência, tentativas de homicídio, como também dos excessos no uso de determinada droga, enfim, designa experiências que os posicionaram no limite da vida, na experiência de quase morte, seja qual for a causa, desde uma estória da infância até tiros de arma de fogo.
2. ‘Morte de si’: se diferencia da ‘experiência limite’, diferente de uma violência praticada trata da violência em potencialidade. A morte como possibilidade cotidiana. O ‘si’ está longe de ser do sujeito-substância, como aquele sempre idêntico a si mesmo, mas trata da compreensão de

⁹⁰ Salvo os casos de familiares assassinados ou autores de homicídio, se o caso, se farão presentes.

um si-no-mundo, uma plena imersão ao mundo compartilhado espacialmente. São as leituras dos outros e de si, a partir de suas ocupações e relações estabelecidas posicionando inclusive a morte e seu risco iminente. Essa categoria evocativa trata do medo, dos riscos, do futuro, das expectativas de vida e morte.

3. 'Morte do outro': é a experiência do outro e da morte do outro, da figura do corpo-cadáver, do testemunho de assassinatos, das histórias veiculadas na vila onde mora, ou seja, toda morte expressa na experiência do entrevistado com outra pessoa, amigo, conhecido e desconhecido, familiar ou apenas um corpo.
4. 'Morte como autor': são as experiências de autoria de homicídio, trata-se da atividade de matar alguém, contado e praticado pelo próprio entrevistado.

As espacialidades analisadas a seguir serão organizadas tomando essas quatro categorias evocativas sobre a 'morte' e levanto em conta toda a construção conceitual construída sobre cada espacialidade.

A 'rua' estabelece sua relação com a morte de maneira mais frequente na forma de 'experiência limite' (50%), seguido de 'morte de si' (21,4%), autorias de assassinatos – 'morte como autor' (14,3%) e 'morte do outro' (14,3%). A 'rua' como lugar do movimento, do encontro com o desconhecido e dos agenciamentos ao acaso, onde as relações estão abertas constantemente à eventualidade, é uma espacialidade buscada pelos jovens do sexo masculino por essas características, onde estes compõem atos de 'des-territorialização', como linha de fuga de elementos fixos do cotidiano, como espaços disciplinares da escola, família, trabalho. Lembrando que ao tomarem esse movimento simultaneamente agenciam-se às condutas da 'rua'. A 'rua' se expressa por uma potencialidade na abertura das relações e na eventualidade de trajetórias, contudo, não deixa de ter seus poderes estratégicos e processos de subjetivação singulares.

Através dessa eventualidade frisada na 'rua' é que a 'morte' toma presença imanente no cotidiano dos entrevistados, lembrando que a evocação de 'morte' é a segunda mais frequente conforme trabalhado no capítulo 2 (Figura 7), seguida do 'uso de droga'. Tomando a 'morte' como um estrato do saber, que enuncia e dá visibilidade às relações de força que atualizam a espacialidade da 'rua', é também por meio dos elementos evocados, como estratos, que os jovens do sexo masculino

se subjetivam, como Foucault (2000) propõe, os processos de subjetivação acontecem simultaneamente aos discursos e saberes presentes na sociedade.

As formas de subjetividade coexistem aos estratos do saber e ambos são atualizados pelas relações de força, difusas, por isso, não localizáveis, porém locais. Em outras palavras, são “performances corporalizadas” (ROSE, 1999) tomando sentido entre os domínios do sujeito, e sujeito homem, mergulhado na “fantasia” praticada no espaço performático da ‘rua’, que pelo desejo de ser frente ao outro, agencia-se à práticas que dão sentido e posicionam um corpo jovem, do sexo masculino, na espacialidade da ‘rua’.

A ‘morte’ viva no cotidiano dos entrevistados tem suas singularidades e estão inter-relacionas ou interseccionadas em outros elementos da ‘rua’, portanto, se faz pertinente distinguir quais são as categorias evocativas presentes na rua e qual posição ‘diagramática’ na referida espacialidade. Como já comentado a ‘experiência limite’ apresenta-se como a mais frequente face da morte na ‘rua’ e pode-se dizer que as experiências de aproximação da morte, ou melhor, de quase morte, tomam três características. A primeira são as experiências interseccionadas com o ‘uso de droga’, referente aos excessos no uso interferindo a saúde do corpo, como exemplifica a fala a seguir:

Eu usei *oxi* tá ligado, daí eu nossa, cheguei a beira da morte, estava quase morto, os cara só falava: oh melhor a senhora mandar preparar já o caixão que teu filho tá morrendo, chegou a ponto em que eu só respirava só pelo nariz assim, por causa que não tinha respiração, fiquei inchado, meus braço inchou tudo essas parte aqui assim, eu não podia me retorcer que dava pra sentir o inchaço dos lado e uma pedra que eu fumei da *oxi*, daí nossa sofri demais cara (Severino Espiado).

A segunda característica é a expressão das trajetórias casuais, sem muitos planos e estabelecendo vínculos temporários e circunstanciais. Por meio de práticas de lazer e festividade, na presença de amigos e desconhecidos, fazendo uso de bebidas alcoólicas e diferentes drogas. Suas condutas vão se estabelecendo conforme as situações, quase sempre desordenadas, que trazem aos meninos experiências de confusão, briga e desmaio, como demonstra a fala a seguir:

[Você já teve medo de morrer?] Ah já né. [Alguma situação que você quase morreu?] Ah me desmaiaram assim, daí me deixaram num lugar assim e quando eu acordei estava sozinho. [Porque que te

desmaiaram?] Não sei, os cara vieram assim e me desmaiaram, não sei se foi na pancada, eu estava bêbado, daí acordei assim no meio do mato assim, eu saí do meio do mato, fiquei a madrugada inteira andando e quando saí na rua assim, fui chegar lá em casa era 6h da manhã assim, estava clareando o dia. Daí, quebraram meu braço, só que eu não sei quem que foi, nem vi o que aconteceu, só na hora que eu acordei, cheguei em casa, não tinha visto nada, daí eu dormi e na hora que eu acordei meu braço estava quebrado, estava inchado (Polaco Bala).

Por fim são as experiências limites referentes a agressões, tentativas de homicídio e ameaças de morte. As ameaças ocorrem na intersecção das práticas do tráfico de drogas, caracterizadas como uma cobrança de dívida, e estão trabalhadas na espacialidade do 'tráfico' sob a experiência de 'morte de si'. Em conformidade com a espacialidade da 'rua' as ameaças ocorrem sem um sentido ou finalidade coerente, como demonstra a fala de Ribeiro Loco:

Esses tempos que eu fugi eu estava usando e tal, daí eu falei: o cara, tinha um outro amigo meu e eu falei: o cara, vamos lá. Ele estava de moto, vamos lá no... vender um bagulho, vender uma blusa pra nós fumar. A blusa era minha e tal. Na hora que eu cheguei lá o cara puxou um 32 pra mim assim, tá ligado, puxou um 32 assim e falou: ó cara, vaze daqui cara se não eu te mato Ah eu não vi nada né, sumi da reta assim, mas foi bem desesperador e tal, foi sério mesmo, o cara puxou assim, mas graças a Deus o cara puxou só pra me assustar entendeu, porque acho que dois dias depois eu fiquei sabendo que não tinha bala entendeu, mas o cara puxou assim e se o cara fosse pra me matar não tinha como fugir entendeu, porque o cara puxou assim e falou: ó cara, vaze daqui. Era só pra assustar mesmo, mas eu não sabia disso né e saí se perdendo tudo. Um outro cara que estava lá que me conhecia, porque eu vi o cara lá né, ele me contou que não tinha e tal, nossa daí eu fiquei pensativo né, falei nossa: me escapei da morte; Foi bem sinistro e tal (Ribeiro Loco).

As tentativas de homicídio figuram na forma de vingança de desavenças estabelecidas no cotidiano da 'rua' e/ou interseccionadas à espacialidade da droga, como demonstram as falas a seguir:

[E teve outras vezes de correr risco assim?] Ah, teve, teve né cara, pra falar a verdade, teve altos né cara, uma vez tentei matar um cara lá, daí chegou o cara lá com um revólver atrás de mim lá, daí eu saí correndo, um cara grandão assim (Jason Rim).

Eu dei mio pro meu cunhado, eu roubei o notebook do meu cunhado, eu roubei o notebook do meu cunhado daí a minha irmã falou lá pra ele sabe, que eu tinha fumado com ele. Daí eu não tinha fumado com

o cara, daí eu estava sentado no carreiro espiado, o cara chega com uma pedra assim e falou: o que que a tua irmã foi loquear lá comigo lá, falou que você tinha fumado um notebook comigo. Aí eu falei: não, não tem nada haver e fiquei quieto assim, estava na pira da pedra né, do crack. Daí o cara passou assim e de repente pegou um cano do bolso, deu dois tiro no mato, pegou assim, no meio do matão. Oh cara! sê o cara quisesse me matar assim... porque eu estava virado contra ele, só que daí ele passou assim e conversou comigo um pouco daí foi e voltou (Jason Rim).

Por vezes, as experiências de quase morte tornam-se mais intensas, como em casos em que chegam a levar tiro de arma de fogo, como conta Jason Rim:

Eu peguei e fumei minhas roupas, daí no dia que eu fumei minhas roupas lá, levei um tiro do cara, estava no meio do mato, estava no meio do mato, daí quando saí do meio do mato e pá, acendi um cigarro com um cara lá, o cara com a muié dele estavam vindo assim, daí o cara já me cruzou já, daí já comecei a correr na hora, a hora que eu comecei a correr ele já saiu assim e me deu um tiro nas costas, acertou um. [Acertou um nas costas?] É, aqui. [Não deu nada?] Hã? [Saiu dessa fácil ou ficou um tempo no hospital?] Ah, fiquei uma semana no hospital só (Jason Rim).

A ‘rua’ também é lugar da ‘morte como autor’. As evocações sobre autoria de homicídio são as menos frequentes e estão distribuídas na ‘rua’, no ‘mocó’ e no ‘tráfico’, sendo que na ‘rua’ concentra-se a maior frequência. Através das ‘cenas loucas’ presentes na ‘rua’, como demonstra a Figura 7 (p. 83), interseccionadas ao ‘uso de droga’ e expressões de ‘masculinidade’ desafiadora e agressiva, as formas de subjetividade se aproximam da prática do assassinato, como demonstram as falas a seguir:

Eu falo, eu não tenho vergonha, eu virei bandido, pra mim era matá e matá e querer dinheiro e muié né cara (Severino Espiado).

Uma vez assim o cara tentou umas ideia errada, falei: oh cara o negócio é o seguinte cara, na hora que o cara menos esperou já entortei três sapêco nas costas dele tá ligado, daí eu fui preso, fiquei um tempo preso, daí saí já fiz o ‘157’⁹¹ (Severino Espiado).

As formas de subjetividades em questão estão agenciadas à espacialidade da droga e a performances de masculinidades presentes na ‘rua’ e por sua vez esses

⁹¹ O termo ‘157’ refere-se ao artigo 157 do Código Penal Brasileiro, referente a roubo. No caso da evocação, ou se trata de um equívoco, pois o artigo referente a homicídio é o 121 do CPB, ou o entrevistado quis dizer que foi indiciado por outro artigo.

elementos lhes trazem vínculos de sociabilidade, através dos ‘camaradas’, como também os posicionam na centralidade das relações de poder, na medida em que tomam parte de práticas como usar droga, desafiar, provar seu discurso e matar. Sob as trajetórias expressas na ‘rua’ está bem presente a performance de coragem e encorajamento, como conta Ribeiro Loco:

[Você teve medo de morrer alguma vez?] Ah eu não via nada né, pra mim tanto faz; Os cara falava: vamo em tal lugar, ah vamo aí, vamo aí não vai dar nada; Se der da pouco, igual os cara falavam né, se der da pouco (Ribeiro Loco).

Portanto, a ‘rua’ dá lugar às experiências de quase morte, através das ‘cenas loucas’ e das práticas de assassinato, interseccionadas à espacialidade da droga e performances de masculinidade.

A segunda espacialidade a ser analisada é a ‘vila’ que atende a 16% das evocações sobre morte (Figura 13, p. 128). Essa espacialidade expressa as seguintes categorias evocativas da morte: ‘morte do outro’ (62,5%); ‘morte de si’ (25%) e ‘experiência limite’ (12,5%). Portanto, a ‘vila’ dá lugar às experiências de morte através do outro que morre. Estão atravessadas nela as histórias contadas de morador a morador, entre os familiares, que partilham do mesmo local de moradia.

O perfil dos entrevistados nessa pesquisa, o perfil dos adolescentes atendidos pela comunidade terapêutica e o perfil das vítimas de homicídio na cidade de Ponta Grossa – PR apresentam uma linearidade referente à área de moradia, concentradas em zonas periféricas pobres do espaço urbano.

Falar sobre uma espacialidade da ‘vila’, designa, nessa pesquisa, um diagrama de múltiplas trajetórias em movimento e inter-relacionadas entre si, compostas por poderes estratégicos, estratos do saber e formas de subjetividade, todos constantemente atualizados pelas relações de força. Acessando isso pelas categorias discursivas, estabelecidas das entrevistas, que enunciam, materializam e dão visibilidade ao diagrama.

Entretanto, não se deixa de agenciá-lo ao seu *topos*, ou seja, a ‘vila’ traz esse nome como um esforço linguístico no sentido de que organizando um diagrama ele não venha a flutuar nos domínios da linguagem e do discurso. É certo que essa espacialidade da ‘vila’ está diretamente relacionada à vila, local de moradia a qual as evocações situam. Contudo, a relação se faz pela via dos acontecimentos, não da

materialidade⁹². A ‘vila’, dessa forma, é também o local de moradia e seus limites circundantes, mas não só.

Em conformidade com o perfil de vítimas de homicídios na cidade de Ponta Grossa exposto no capítulo 1, onde a maioria das vítimas são moradores de vilas periféricas, os entrevistados que partilham dessas localidades convivem com essa realidade. Assim, não poderia deixar de estar presente nas inter-relações de ‘vila’ a morte do outro.

Tomada as características da ‘vila’ presentes no capítulo 2, ela expressa os vínculos de sociabilidade, a relação com familiares e com os ‘parceiros’ com quem os meninos partilham de uso de droga, práticas de furto nas residências circundantes, práticas de violências, dentre outras como mostra a Figura 8 (p.93).

Essa trama relacional dá lugar às experiências de morte do outro que toma diferentes facetas, como por estórias interseccionadas com a ‘família’:

[Lá na tua rua morreu alguém já?] Já, uma vez um outro lá tentou roubar lá o cara, daí meu padrinho., esse que matou o cara é irmão do meu padrinho, tá ligado. Meu padrinho morreu do mesmo jeito que o irmão dele matou o cara, entendeu? Igual os cara falam lá, tá pagando né. Daí o cara pá, não sei o que aconteceu, ele tentou roubar, diz que duas de 10 do cara lá, na hora que o cara desceu do carro. Daí nessa estava eu e o meu tio indo mostrar a casa da minha mãe pra uma pessoa que nós ía vender. Chegamos lá tinha um cara esticado, o cara esticado mesmo. Na frente da casa do meu irmão, que é hoje né, que é do lado assim, tipo tem um poste assim e o cara esticado lá, bem cabuloso né cara; Foi bem trágico né (Ribeiro Loco).

A ‘vila’ expressa a organização de grupos identitários agenciados por práticas de roubo e furto, pelo tráfico e uso de drogas, pelas festas e ‘cenas loucas’ de agressão, ameaça e morte. Essa rede de amizade estabelece seus pares e os *outsiders*, na figura do ‘jaguára’ que não partilha da mesma rede, ou da mesma ‘vila’, como demonstra Palhaço Zóio:

Conheço alguém que morreu esses dias mesmo, um camarada meu que os piá mataram lá, um tiro na cara e não sei quantos nas costas. [Porque?] Não sei cara, as treta deles, daí os cara do Mezomo, daí ele pego e ele conheceu um tal de Vadinho lá e esse Vadinho é um jaguára, daí esse Vadinho começou a bater, um cara forte também, o

⁹² Distinguem-se as noções de “topologia” e “topografia”, a primeiro refere-se à ‘cartografia’ das atualidades do espaço em devir, a segunda mensura a natureza fechada e fixa do espaço, supondo que ele exista. Sobre isso ver Massey (2008) e Deleuze (2008).

Gardinal, os cara forte, daí esse Vadinho apareceu lá na vila lá, daí o Rique falou que esse cara é um jaguára, falou pros cara: esse cara é jaguára, ligou pros cara, daí os cara: qual que é a da cena? Daí ele começou a explicar qual que é a da cena. Pra mim quem anda com jaguára, jaguára é né, daí o Rique ficava de boa né cara, foi lá pra casa da mãe dele no Mezomo. Daí um dia ele apareceu de moto lá pra matar ele, só que ele não falou nada ficou na dele assim, o cara chamando ele de jaguára ele ficou na dele, foi no dia o cara foi e matou ele, o cara nem esperava mas pegou e matou né (Palhaço Zóio).

Enquanto fazem uso de droga os meninos testemunham brigas. As brigas evocadas são sempre caracterizadas pelo confronto entre os jovens do sexo masculino que fazem uso de armas como faca, que na verdade são utilizadas imediatamente após qualquer tipo de discussão, xingamento ou agressão. A espacialidade da ‘vila’ é simultaneamente espaço de amizade e de ‘cabreragem’, ou seja, estado de alerta, afinal os confrontos acontecem de maneira circunstancial e exigem dos meninos agressividade, afinal por vezes está em jogo a própria vida. Ribeiro Loco exemplifica com seu testemunho:

Eu já vi assim os cara matar outro na frente assim. Eu assim um pouco longe assim, fumando um pitile com o cara, o Catarina, um gordão. Daqui a pouco: ó, ó os cara; Daí os cara começaram a se enroscar assim, xingar o outro, daqui a pouco um já puxou uma faca e já furou o outro. Nós estava meio longinho assim tá ligado, eu falei: ó, ó, ó lá, eu vi que os dois já começaram a brigar né; Daí o cara deu uma facada assim, já saiu de pinote; O cara caiu, já era. Dois dias depois lá, acho que na Santa casa que o cara ficou, morreu (Ribeiro Loco).

Em seguida Ribeiro Loco posiciona sua performance de masculinidade agenciada à prática assistida:

Ele não tinha morrido ainda ele estava meio mexendo assim; [Você tinha quantos anos?] Foi agora, acho que ano passado, no começo... Não, foi ano retrasado acho que final do ano assim. Daí nossa foi cabulozo mesmo, o cara assim morrendo e tal. Só que nossa eu era muito louco, falava: ah, marcou né, ficar devendo, isso que dá né cara. [É comum isso?] Pior que altas cena já dos cara se matarem lá, facada. Uma vez o cara do bar deu uns tiros nos cara, matou dois lá, já rolou alguma morte lá, (Ribeiro Loco).

Ao afirmar-se como louco, Ribeiro Loco projeta sua forma-de-vida nas práticas das ‘cenas loucas’ e posiciona sua performance de masculinidade em

cumplicidade às formas de subjetividade presente na ‘vila’, figurando um ser valente e que naturaliza as práticas circundantes a qual está mergulhado, por mais violentas que sejam. Quem morre na espacialidade da ‘vila’, morre porque ‘marcou’, ou seja, baixou a guarda, deixou de administrar sua performance de sujeito agressivo e bom administrador das práticas econômicas do ‘tráfico de droga’ também presente na ‘vila’.

Os ‘parceiros’ da ‘vila’ que participam da espacialidade violenta do tráfico de drogas são lembrados pelas suas mortes violentas, como demonstra a fala a seguir:

Tinha um piazinho lá só que ele morreu em Curitiba, o apelido dele era Tito. Daí ele era usuário e tal, desandou. Ele já tinha vindo de Curitiba, só que a gente se conheceu bem. Ele morou um tempo lá e tal, daí em Curitiba os cara mataram ele tal, mataram ele feio mesmo, esquartejaram o cara lá. Foi bem cabuloso (Ribeiro Loco).

A morte na ‘vila’ se estabelece de maneira paradoxal. A ‘morte do outro’ se compõe em ‘profundidade espacial’, ou seja, está engendrada em múltiplos elementos, como nas formas de subjetividade, nas performances de masculinidade, nas redes de amizade e na espacialidade violenta da droga presentes na ‘vila’. Contudo, essa morte bem viva, como potencialidade e presença espacial, por vezes não é tomada pelos jovens do sexo masculino como um elemento ‘marcante’, pelo contrário, é naturalizada e posicionada como periférica em relação ao ‘uso de droga’ e às performances de masculinidade, como demonstra a fala a seguir:

[E das pessoas que fumavam junto com você, era normal o: “vou morrer se eu não pagar”?] Ah os cara não estavam nem aí, porque lá tipo, igual eu, eu era meio dividido, eu curtia com os cara e curtia com os cara que vendia entendeu. Eu era bem dividido e tal. Os cara conversam, mas não se enturmam, tem os cara que vende e os cara que fumam entendeu, os cara se conversam igual, são camarada mas não se enturmam, não tem conversa. Só que daí os cara que pá, que fumavam estavam nem aí, tipo: vai ficar devendo pros cara? Ah tô nem aí cara, os cara: que venham cobrar. Os cara não tavam nem aí entendeu, morte assim, os cara não tavam nem vendo cara, quando você tá na droga você tá cego né cara. Mas acho que é isso, é o bagulho é louco cara (Ribeiro Loco).

A ‘vila’ é marcada pela ‘morte do outro’ figurada em histórias e testemunhos. Essas mortes são agenciadas em performances de masculinidade e em confrontos entre grupos identitários distintos. Sobre a ‘vila’ está interseccionada a espacialidade

violenta da droga.

O 'mocó' está organizado nessa pesquisa como a conexão entre casa-amizade-tráfico e como mostra a Figura 10 (p.102) recebe 12% das evocações de 'morte'. Essa espacialidade, como já comentado, ainda que em menor frequência que a 'rua', apresenta como uma das categorias evocativas a 'morte como autor' (16,66%), seguido de 'morte de si' (16,66%) e em maior frequência apresenta experiências de 'morte do outro' (66,66%) semelhante a 'vila'.

A espacialidade do 'mocó' é marcada na sua relação com a 'morte' por evocações detalhadas descrevendo toda a trajetória do assassinato de outrem, o que compõe uma posição de proximidade ou cumplicidade dos entrevistados nos homicídios. Mesmo considerando que a figura do 'camarada' surja no 'mocó', ou melhor, a rede de amizade dos jovens do sexo masculino estabeleça uma intersecção assim como na 'vila', na 'rua' ou no 'tráfico', ainda sim, o 'mocó' é tramado pelo tráfico e uso de droga e sobre eles estão engendrados as 'espacialidades espiadas', ou seja, aquelas trajetórias-condição do efeito do crack que compõe práticas violentas de brigas, desentendimentos e mortes, como mostra a fala a seguir:

[Você já viu alguém morrer perto de você?] Ah já, [...], nós tava fumando pedra, tava fumando pedra assim de repente um cara num quis, um cara não quis rachar com um outro cara que tava fumando comigo lá, o cara pegou uns ferrão e deu na cabeça do cara, daí matou o cara e jogou no esgoto, no meio do matão lá, ninguém sabe, até hoje (Jason Rim).

Além das relações de desentendimento, é preciso lembrar o caráter imanente das relações de poder, tomadas por Foucault (1988), "o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares" (1988, p.103). As relações de poder não se constituem somente nas relações legais, mas no nível das disciplinas locais e suas práticas estratégicas de controle. Dessa forma, na teia de relações do 'mocó' interseccionado à 'moradia' se tem micro-relações de poder atualizando os estratos de saber já organizados e agenciados. As formas de subjetividade estão agenciadas à performances de masculinidade e seus enunciados discursivos, em outras palavras, os meninos objetivando o governo local utilizam de formas de dizer-a-verdade pela via da prova e da ameaça, como mostra a trajetória contada por Palhaço Zóio, sobre um inquérito local:

Os maluco mataram o Paulinho lá né [...] os maluco alugaram outro barraco lá no Santa Mônica lá, na entrada do Scheifer lá, os cara tinham alugado um barraco lá e daí morava eu o Baiano, o Robert, tudo lá no barraco assim sabe, eu só ia de dia né, eu dormia na casa da mãe, mas nós ia de dia lá, nós tinha um trinta e oito, daí sumiu o trinta e oito, tá ligado, só que era um cara que tava morando com nós, só que nós ficamos sabendo esses dias na rua, os cara foram atrás do cara, acharam o cara meio caído no mocó lá, o Paulinho, daí os maluco já pá, só que daí o cara diz que tinha o corpo fechado, tá ligado, esses bagúio de sarava. Os cara aceleraram ele, amarraram assim e os cara acelerando ele: que maluco, foi você que roubou o revolver, não sei que, não sei que, acelerando ele amarrado assim cara, amarrado com a mão pra trás, daí o Robert sempre acelerando ele. Eu não tava nem aí né cara, o revolver nem era meu eu não vou compra cena que nem é minha, nem era meu o revolver e o Robert acelerando ele assim, o Robert acelerou ele assim: pá, quê maluco, já era você vai morrer, daí ele começou a chorar assim cara, até eu, deu um dó assim na hora sabe, sei lá né, os cara tavam pensando que era o cara mesmo, daí o Robert pegou uma espingarda que tinha no forro que um nóinha tinha vendido espingarda por pedra lá, engatilhou a espingarda no peito assim dele bem do lado do coração assim dele, negou o revolver assim tá ligado, fez 'tchec', nem estourou nada, daí o maluco: ih, com esses revolver véio vocês não vão me matar, porque diz que ele tinha o corpo fechado essas coisa, o Robert tirou a bala de um cano da espingarda pôs em outro engatilhou pôs na cara, arrancou um pedaço da cara, daí o cara ficou pá assim, só fui tirei o chinelo dele e saí vazado, taquêmo fogo na casa e saímo vazado (Palhaço Zóio).

As mortes dos outros estão tramadas nas 'cenas loucas' que compõem uma trajetória fluída entre a 'rua', o 'tráfico' e o 'mocó', que por vezes encontra como *topos*, o 'barraco'. Essas trajetórias posicionam a morte como elemento naturalizado, que mesmo se fazendo presente, não impede que elas sejam efetuadas, como enuncia a evocação a seguir, onde Palhaço Zóio diz se aproveitar do corpo já morto para roubar seu chinelo:

Altas cena mesmo nós fazia. [Sempre por causa de acerto?] Ah sempre alguma coisa tinha né cara, nunca era por nada assim né cara, só que esse cara aí morreu de graça, nem tinha sido ele que pegou o revolver, tinha sido o Rafael um cara que morava na casa. [Ele tava lá aquele dia?] Num tava, diz ele que tinha ainda, nem conversei com ele, só que ele disse que tá meio louco da cabeça, esse bagulho aí acho que é mentira, daí o maluco pegou assim, falou que ele tinha ido levar a namorada dele na casa da namorada dele, um ex-marido da namorada dele, desse menino aí surrou ele tá ligado, daí outro dia ele foi com o revolver lá né tá ligado. Daí nós chegêmo no barraco o revolver não estava no barraco, tava com o Rafael, só que nós nem sabia né cara, ele não avisou que ia pegar o

revolve daí mataram o Paulinho né. Eu aquele dia eu só peguei o chinelo do Paulinho, chinelo da mormai massa, daí taquêmo um fogo no barraco, até hoje tem lá os bagulho tá lá ainda, nem vi, nem mudou nada, ninguém entra no barraco, tudo queimado lá (Palhaço Zóio).

As ações entre amigos são caracterizadas não só pela continuidade aos processos de subjetivação, na relação de si com o outro, mas, pelas performances de masculinidade, esses jovens do sexo masculino são convidados a dar uma continuidade exacerbada, pela via da coragem e violência, como está expresso nas experiências da ‘morte como autor’ presentes na espacialidade do ‘mocó’:

Ah tem altas coisas, numa eu e o Maringá, torêmo os maluco lá no Maracanã, os cara sabe da cena aí. Na época não fumava pedra não fumava nada assim, bem na época que eu tinha parado, tinha alugado uma casa lá no Maracanã, daí só pra nós vender pedra, nós ia todo dia lá com a minha moto, daí tinha o Ramirez lá um jaguára, o Ramirez e um outro maluco que anda com ele, não sei o que lá Alho, Cebolinha o apelido do cara e nós tava lá o cara puxou uma faca uma vez lá, falou que minha pedra tava muito miada eu ergui ele no tapa, altos tapa nele assim ta ligado, depois de um dia eu vazei assim, fui embora, fui pra casa da mãe, jantei, fui dormi e fiquei de boa, daí no outro dia os cara: tá ligado aquele Alho, não sei se Alho ou Cebola, então o cara chegou ontem aí com um revolve velho perguntando de você. Eu já fiquei meio cabrero né cara, nisso já chegou o Ramirez daí o Maringá: que, vamo matá esse maluco aí, falei: não deixe de boa né, fica de boa aí, daqui a pouco chega o outro maluco, nisso já chegou esse alho aí tá ligado, os revolve ficava tudo no canto do sofá assim, tá ligado perto do braço assim, ficava tudo ali os revolve, daí já pegou o revolve já jogou no meu peito, daí o Maringá: essa é a hora Palhaço, primeira cena louca que eu fiz assim louca, essa é a hora, o maluco chegou assim na porta já deu de frente comigo assim ta ligado, daí eu já fui de frente com ele assim, nós tiramo o revolve assim, daí maluco: o que que você tava perguntando de mim aqui maluco, aqui na quebrada aqui cara? Nessa ele já puxou uma faca, ele foi pra me dar uma facada, daí o Maringá pegou o revolve deu um tiro na testa dele assim cara e ele saiu correndo batendo a cabeça assim cara, fiquei de cara, o maluco saiu correndo chacoalhando a cabeça e esse Ramirez entrou pra dentro do barraco assim, tento pular a janela, dei altos tiro nas costa nele assim, ele caiu assim, daí peguemo o Ramirez assim pelas perna e jogâmo lá no esgoto lá. [Daí não morreu?] Morreu, morreu, acho que morreu, diz os cara que morreu, eu nunca mais vi o cara né, nunca mais vortemo né cara, taquêmo fogo na casa e saímo vazado. Daí peguemo, nós só encostava nele ele só ficava assim cara, só vibrando assim e o outro maluco que levou um tiro na testa foi subindo assim no barranco daí os cara foram atrás dele assim porque né mano, tirou assim, depois fui ver os zóio dele tava sartado pra fora, esse morreu mesmo eu vi. E esse Ramirez lá nós joguemo ele no esgoto, nós pá, saímo vazado, daí taquemo fogo assim nada

casa, moçado o barraco lá. [Lá no Maracanã?] Lá no Maracanã, na beira do Santo Antônio. Os cara andavam comigo, mataram mais uns sete cara lá ainda. [Tudo por droga?] Tudo por droga e os cara mataram um velho lá, porque o véio queria caguetá o barraco. Tinha um monte de coisa, altas cena (Palhaço Zóio).

O ‘mocó’ é a espacialidade onde as práticas de morte estão bem presentes e agenciadas às performances de masculinidade, interseccionadas com a figura do ‘camarada’. Por meio delas provam, ou melhor, desafiam os jovens do sexo masculino além de próximos, ou cúmplices da ‘morte do outro’, tornarem-se também autores de assassinatos.

A espacialidade do ‘tráfico’ compõe-se através das práticas econômicas do tráfico de drogas, como já comentado no capítulo 2, constituindo inter-relações com as vilas periféricas da cidade e estabelecendo como ponto de distribuição, uso e venda da droga as bocas, ou mocós. As práticas econômicas são agenciadas em práticas informais de cobrança, ameaças e por vezes, morte. Contudo, a territorialidade do tráfico de drogas se espraia nas micro-relações de poder da ‘vila’ e oferece para as formas de subjetividades locais a possibilidade de um engajamento financeiro expressos nas evocações de ‘futuro’. Aliás, o ‘tráfico’ é a espacialidade da relação paradoxal entre a possibilidade de ‘futuro’ no sentido econômico e a presença iminente da morte.

A ‘morte’ concentra 10% das suas evocações no ‘tráfico’ (Figura 13, p.128), dividindo-se em dois eixos, primeiramente a ‘morte de si’ (80%) e a ‘morte como autor’ (20%). Portanto, a centralidade das evocações sobre a ‘morte de si’ reflete os dispositivos de cobrança do tráfico, enunciando sempre as ameaças de morte. Os jovens do sexo masculino, divididos entre usar e vender a droga, precisam sempre administrar suas atividades simultaneamente a administrar a própria vida, como mostra a fala de Severino Loco:

Tipo assim eu nunca fiquei devendo pra ninguém cara, eu sabia, primeira coisa que o patrão meu falou é: oh, nunca fique devendo pra ninguém, se ficar devendo pra alguém o cara vai te matar, se não matar você, matam tua família, aí eu fui aprendendo, nunca fiquei devendo pra ninguém, pegava uma ali e já pagava na hora (Severino Espiado).

A vida acontece em ato, através de formas-de-vida que não se dissociam das práticas cotidianas, que através de práticas políticas de governo de si, os sujeitos

permanecem vivos até-aqui. O cotidiano de jovens que participam da espacialidade da droga, ou seja, uso e tráfico, está repleto de governos imediatos da vida, divididos entre evitar morrer, fazendo os 'corres' para quitar as dívidas e deixar a morte em segundo plano diante da vida instantânea do uso de drogas. Portanto, é preciso uma boa administração das práticas de uso e tráfico de drogas para não ser morto.

O 'tráfico' também estabelece agenciamentos com uma possibilidade de 'futuro' e amizade com o 'camarada', como lembra Elísio Nóia, no segundo capítulo ao afirmar que os 'caras', ou seja, jovens do sexo masculino, mesmo que matem é com eles com quem estabelece amizade, 'parceria'. Mas, concomitante a isso é também espaço de morte como ameaça e medo cotidiano. Como exemplificam as falas de Ribeiro Loco e Bola Magrão:

[E se ficasse devendo muito assim, como que era?] Ah cara, igual esse cara que puxou a arma pra mim, uma vez nossa, ele ficou devendo. Ah não, essa foi uma vez que ele trouxe a polícia lá e os caras quase mataram ele de tanta bordoadada tá ligado. Não, mas, os cara ficavam devendo assim e os caras chegavam e iam atrás do cara, tipo se desse pra matar eles matavam tá ligado, bem sinistro (Ribeiro Loco).

[E nessas cobranças que os caras faziam, você teve medo de morrer alguma vez assim?] Ah a gente sempre tem né. [Teve alguma situação que você quase morreu?] Só levava coronhada. [Coisa pior assim não?] Ah os cara vem com revólver, davam coronhada na gente (Bola Magrão).

Ao mesmo tempo a morte é 'amenizada', ou ao menos, torna-se mais silenciosa e menos ameaçadora, quando os meninos fazem uso de drogas. Sempre que perguntados sobre o medo de morrer, ou de frequentar algum lugar específico da cidade, a maioria não negava o medo, porém, diziam eles que, quando presente numa 'cena louca' ou mergulhado no uso excessivo da droga, a morte passava a ser uma companhia taciturna. Como conta Bola Magrão, que mesmo afirmando medo, diz ter precisado da intervenção da mãe:

Daí eu comecei a trabalhar, se não o piação ia me matar tá ligado. [Chegou a te ameaçar?] Chegou a me ameaçar, falou que ia me matar, daí eu comecei a trabalhar. Trabalhava e todo dinheiro que eu pegava comecei a fumar também, daí teve um dia que a minha mãe falou com o carinha lá que trabalhava, tá ligado, daí ele não me deu o dinheiro, não me deu o dinheiro daí eu abandonei o serviço, mas

daí minha mãe pegou o dinheiro, ela foi lá e pagou o piação. Eu recebia R\$600,00, daí ela foi lá e deu seiscentão pro piá (Bola Magrão).

Os dispositivos econômicos do tráfico de drogas dão continuidade às formas de subjetividade violenta presente na espacialidade do 'tráfico', essa continuidade se faz pelo poder estratégico e disciplinar e "se querer sair pra querer mudar de vida os cara te matam", palavras de Palhaço Zóio.

O agenciamento dos jovens do sexo masculino com as práticas do tráfico de drogas, se faz então pelo 'futuro', pelas amizades e pela presença da 'morte', as vezes despercebida, conforme as práticas de uso de drogas ou performances de masculinidade.

Também se tem a presença da morte como autor, afinal para uma 'boa' administração da economia a qual os jovens estão vinculados, é necessário ser homem corajoso⁹³, como demonstra a fala de Severino Espiado:

Matei um caminhoneiro com dois tiros assim na garganta. [Porque você matou?] Por causa que tipo eu peguei o dinheiro e ele veio atrás chorando: ô cara me dá não sei o quê, me devolva eu tenho família. [Por causa de droga?] Só que nessa tava eu e mais um amigo e o cara deu outro tiro também (Severino Espiado).

O 'tráfico' é a espacialidade da linearidade entre as práticas econômicas e violentas, coexistindo a possibilidade de um 'futuro' diante da instantaneidade do cotidiano dos meninos e a 'morte' como risco e medo, ao mesmo tempo em que se torna despercebida.

A morte violenta se distribui dentre essas espacialidades trabalhadas, a 'rua', a 'vila', o 'mocó' e o 'tráfico', estando inter-relacionada entre elas e tomando as singularidades de cada diagrama.

⁹³ Embora tomadas outras escalas da territorialidade do tráfico de drogas, temos ações regionais, no sentido de controlar a violência presente nas vilas pobres das cidades. Como conta Palhaço Zóio: "[Você ia muito pra outros bairros assim?] Ia um monte, todo dia, tinha moto nem parava ali na vila, ia pra tudo quanto é parte. [E tinha algum lugar que você não podia entrar?] Não, ia pra tudo quanto é parte, saía em três, quatro tudo com os béra lá. Depois que desceu a lei ali do Santa Maria {cadeia Hildebrando de Souza, na vila Santa Maria em Ponta Grossa – PR} não tinha mais essas treta assim de vila, desceu a lei lá de São Paulo, do PCC lá daí não tinha mais treta era tudo na paz só se for jaguára, se o cara for cagueta ou estrupador, esses bagulho aí sim, mas se for de boas o cara não podia mexer com você [E agora como é que tá?] Agora to susse, tá a lei do PCC ainda, o cara não pode mais esses bagulho de qualquer coisinha quer se matar, incendiar o outro, tá ligado querer incendiar a caminhada do outro, que nem falar que o cara é jaguára e o cara não é, e daí todo mundo querer pegar o cara, não é mais assim agora, agora ta acomodado, agora é tudo na paz. [Até de acertar conta matando?] Aham, esses bagulho não tem mais só se o cara for pilantra".

3.2.2- Vidas nuas: corpos delinquentes e os espaços da possibilidade

Há um momento em que as ‘cenas loucas’ tornam-se ‘embaçadas’ para os jovens do sexo masculino envolvidos com as drogas. Os diagramas estudados comportam as performances de masculinidades esboçadas aqui. Cada corpo, cada indivíduo “acontece”, ou é composto em cada ação, por meio do ritmo e da frequência das vibrações presentes em cada situação, assim como quando a música e o corpo se fundem e materializam-se num movimento de uma dança, ou em outra ocasião quando a música torna-se afeto e mesmo inerte o corpo agencia-se a melodia.

O espaço é composto por múltiplas trajetórias, não quer dizer que existem ‘muitas’ trajetórias, multiplicidade na filosofia da diferença⁹⁴ apropriada geograficamente por Massey (2008), se difere de diversidade ou meramente quantidade. Um corpo nunca é um corpo-uno, mas um corpo-múltiplo, uma multiplicidade de potências, onde “determinada potência puxa pra cá, outra potência puxa pra lá” (ULPIANO, 1989a)⁹⁵, são as relações de força atualizando um corpo em cada agenciamento, em cada espacialidade vivenciada. A multiplicidade então é cúmplice não da quantia ou da relação entre diferentes sujeitos identitários, como prega a diversidade, mas do movimento em devir. Rose (1999) mesmo lembra que o caráter relacional do espaço está na relação de interações, nisso se refere as múltiplas trajetórias do espaço. Essa premissa teórica foi construída para retomar a afirmação inicial do deslocamento da experiência das ‘cenas’ de ‘loucas’ para ‘embaçadas’. À medida que será pensado esse deslocamento será emergida essa breve construção conceitual.

A loucura de uma prática formata uma ‘vida louca’, termo bastante usual entre o perfil de subjetividade estudado, e que inclusive se fazia bastante presente nas marcas corporais dos corpos vítimas de homicídios estudados no primeiro capítulo, na forma de tatuagens com a insígnia “vida loka”. Pode-se dizer que de ‘cena’ em

⁹⁴ A filosofia da diferença é comumente referida a filósofos como Gilles Deleuze, Michel Foucault e Jacques Derrida, ambos influenciados pela genealogia de Friedrich Nietzsche. Autores como Machado (2010) afirmam que as noções de diferença são centrais na filosofia de Gilles Deleuze, para ver mais sobre: MACHADO, Roberto. Deleuze, a arte e a filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED., 2010.

⁹⁵ Aula proferida em 05 de abril de 1989: “Acontecimento e campo de poder” por Cláudio Ulpiano. Está transcrita no sítio: <http://claudioulpiano.org.br/> último acesso em 23/02/2013;

‘cena’, como instantes, se constrói uma ‘vida’.

As ‘cenas loucas’ são as práticas de corpos indisciplinados se tomados os domínios jurídicos; anormais se tomados os domínios de cidadania; marginais se considerar os domínios da cidade, enfim são práticas infames de sujeitos posicionados na borda da normalidade, ou do silêncio que as relações de poder produzem e as relações de poder se situam entre as coisas mais escondidas no corpo social.

Elas se constituem numa condição espacial paradoxal, pois as ‘cenas loucas’ tomam forma em atos transgressores, se caracteriza pela loucura de estar vivendo-agindo na periferia da normalidade seja ela qual for, mas ao mesmo tempo tornam-se processos de subjetivação locais. Se considerado as espacialidades já trabalhadas, é por meio de atitudes-limites que os corpos simultaneamente tomam forma nas tramas locacionais.

Emerge aqui então a discussão presente no capítulo 2, sobre o ato *parresiástico* (FOUCAULT, 2011). A *parresía* é uma forma de dizer-a-verdade da maneira mais imediata e corajosa possível, se caracteriza em si como um ato de coragem, onde para além das normalidades bem fixadas do saber e para além até mesmo do risco da vida, um indivíduo se projeta num confronto. Pelo ato do falar franco, colide diretamente com as formas de sujeição e as relações estratégicas e disciplinares de um corpo social.

Como já bem explicitado anteriormente na análise das espacialidades, os jovens do sexo masculino elaboram cotidianamente atos de coragem e principalmente de risco de vida. Sobretudo, suas performances demonstram uma proximidade maior com as noções de dizer-a-verdade, pensadas por Foucault (2011), do que das formas de verdade presentes nos domínios dos saberes hegemônicos da sociedade.

Quer dizer que esses sujeitos indisciplinados, não dóceis e nem úteis para os domínios econômicos e políticos hegemônicos, constroem performances exacerbadamente ocasionais. Estão situados de maneira periférica aos dispositivos de disciplina e controle da sociedade engendrados em todos os níveis das relações de poder, desde as macro instituições como o Estado e o tráfico internacional de drogas até sua continuidade nas micro-relações de poder no nível da ‘vila’ e do ‘mocó’.

Essas formas de subjetividade estão des-territorializadas dos elementos

fundantes de cidadania, da família, do trabalho, da educação formal. Contudo, a des-territorialização sempre necessita ser compreendida como um ato em si de territorialização, quer dizer que esses sujeitos não estão flutuantes aos poderes disciplinares e de controle na sociedade, apenas estão fazendo deste um espaço-outro, um sujeito-outro agenciado a linhas de forças à margem da continuidade e normalidade das relações de poder. Isso faz produzir formas de subjetividade abertamente dispostas a negociações e contestações espaciais, e principalmente dispostas a correr o risco de vida.

Contudo, as lições da teoria feminista sobre posicionalidade, faz martelar a constante crítica à produção investigativa, dessa forma os diagramas complexificaram as linhas sobre os limites dos riscos de vida. A mesma evocação de 'morte' ou 'violência' pode tomar diferentes enunciados. Posicionando sobre a égide da pesquisa acadêmica, um pesquisador amedrontado pode ver um risco gritante em certa prática espacial, enquanto que o entrevistado faz desse risco um sussurro.

Mas, além disso, podemos tomar dos diagramas elaborados aqui, que mais que uma atitude-limite⁹⁶ ou um ato *parresiástico* os meninos elaboram agenciamentos com os enunciados e as visibilidades atualizadas pelas relações de força locais. De certa forma é possível identificar um ato *parresiástico*, mas se eles o fazem é somente sobre o nível da análise teórica, que estipula uma "máquina abstrata" ou um diagrama (DELEUZE, 2008) de relações agenciando conceitos teóricos e sobre eles é inegável o tensionamento que essas formas de subjetividade violenta fazem com a produção do saber científico, considerando que os jovens do sexo masculino são pouco estudados como explícito no capítulo 1.

Os atos *parresiásticos* pensados por Foucault (2011), em sua totalidade, se expressam como um ato autônomo de governo de si, como uma dobra ou ato de liberação dos poderes estratégicos. Dessa forma, as atitudes-limite tomadas pelos sujeitos da pesquisa são antes processos de sujeição, na forma de continuidade das relações de poder que tramam as espacialidades vivenciadas pelos jovens do sexo masculino, moradores de vilas pobres e com envolvimento com as drogas.

As 'cenas loucas' figuradas nessa tensão entre ato subversivo e condição de sujeição se tornam 'cenas embaçadas' na espacialidade organizada como 'rua-instituição de tratamento' que corresponde a 22% das evocações de morte (Figura

⁹⁶ Para ver mais sobre: (BRANCO, 2011) Atitude-limite e relações de poder: uma interpretação sobre o estatuto da liberdade em Michel Foucault.

13, p.128). A espacialidade categorizada, como já explicitado, emerge das evocações sobre a resignificação da 'rua'. É a 'rua', mas também é a 'instituição de tratamento'. Portanto, as 'cenas embaçadas' são as evocações sobre as 'cenas loucas' que posicionadas na espacialidade da 'instituição de tratamento' figuram ocasiões complicadas, afetando um profundo desconforto na disposição espacial atual.

Uma nova espacialidade faz emergir novas relações e performances, dessa forma, os meninos em contato com novas relações entre atores disciplinadores, combinados ao discurso religioso presente na Comunidade Terapêutica, afetam e sublimam o sujeito em "leveza" no presente, como uma nova esperança, ou a figura do cuidado, outrora ausente, pelo contato com o sagrado. Mas também em "peso" do passado, através dos categoriais morais das religiões cristãs institucionais que colidem com as práticas desses meninos.

Não é só pela via da religiosidade que uma 'cena louca' torna-se 'embaçada', mas por meio das múltiplas relações presentes na espacialidade da 'instituição de tratamento' abre-se um leque de possibilidades para novos agenciamentos. Os meninos vivenciando a espacialidade da 'instituição de tratamento' rememoram as 'cenas loucas' e as valoram como 'embaçadas'. É importante ressaltar que essas 'cenas' estão tramadas pela 'morte', como 'morte do outro' e principalmente da 'morte como autor'. Ao falarem da condição 'embaçada' os meninos entrevistados estão se relacionando as autorias de assassinatos descritas anteriormente.

Esses negócios assim é foda de contar, mas daí as outras parte, tem mais, tem mais as outras coisas, problema do passado sabe que eu prefiro guardar, tá ligado. Porque se for contar é muito embaçado, sei lá, mas é isso minha história de vida é essa (Severino Espiado).

Altas cena assim cara embaçado mesmo comentar assim, porque daí de noite o bagulho fica louco. [Volta?] Ah embaçado né, todo dia a gente pensa né, todo dia vem na mente da gente as cena. [É difícil conviver com isso aí todo dia?] Ah é foda né, não apaga né, quando a gente menos espera o bagulho vem na tua cabeça, você pode tá de boa, mesmo que você nem esteja falando do troço, nem que esteja conversando que o bagulho vem na tua cara tá ligado, o bagulho vem no teu cérebro assim, as imagem assim, bagulho louco mesmo cara (Palhaço Zóio).

Tem um monte de coisa né, só que umas coisa não vira, é embaçado. É ruim de ficar lembrando. É embaçado daí de noite a gente não consegue dormir. [Sempre vêm na cabeça] Ah, umas hora vem as imagem né (Palhaço Zóio).

Diferentemente da ‘rua’, da ‘vila’, ‘mocó’ ou ‘tráfico’, na ‘instituição de tratamento’ os indivíduos não estão em conexão direta às performances de masculinidades presentes fora dela. Dessa forma, estão periféricos os elementos centrais da ‘rua’, por exemplo, como ser homem valente e agressivo, e partilhar das redes de amizades, usando droga e matando.

Os sujeitos são uma intersecção de espaços-tempos. Neles estão presentes também diferentes temporalidades, performadas conforme a trama espacial atual. As intensidades das práticas vivenciadas vêm à mente, como figuras, ou melhor, como afetos, que segundo Palhaço Zóio, parecem tomar “vida” ao vir a mente em momentos inesperados.

As intersecções espaço-tempo que compõem em ato os meninos, estão agenciadas aos componentes presentes em sua vivência espacial, a qual, como caminho de análise, foram criados os diagramas presentes no capítulo 2 e 3, estruturados com o objetivo de compreender como a morte se faz presente no cotidiano do perfil estudado, antes mesmo, de inferi-los em discursos jurídicos legais e de normas, que de imediato enquadrar-se-iam como corpos delinquentes.

A delinquência desses sujeitos consiste também em sua ameaça a vida, entretanto é necessário qualificar essa vida. Dessa forma, a ‘vida’ será interseccionada brevemente às discussões de biopolítica de Foucault (1988) e de *homo sacer* de Agamben (2010).

Biopolítica surge na filosofia de Michel Foucault como chave hermenêutica para um tipo de relação de poder. Na biopolítica o poder disciplinar não atua mais sobre a vida de corpos individualizados, mas sobre um corpo da espécie humana ou da população. Foucault (1988) afirma que concomitantemente às políticas, como governo dos outros e cuidado da vida, se criaram os domínios e o controle sobre a vida. A biopolítica surge então como forma de “fazer viver”, entretanto, simultaneamente surge o poder de “deixar morrer”.

Questões sobre a *bios* – vida qualificada para se viver, emergem no corpo dos poderes disciplinares e controle da vida de uma população saudável. No reverso dessa supremacia da vida, está o que Foucault (1988) denomina de “tanatopolítica”, ao estimular o crescimento da vida a morte aparece não como imposição, mas como um benefício à vida de todos. “As guerras já não se travam em nome do soberano a ser defendido; travam-se em nome da existência de todos; populações inteiras são

levadas à destruição mútua em nome da necessidade de viver” (FOUCAULT, 1988, p.149). Alguns corpos são mortos “legitimamente” quando se constituem como um grupo de risco aos outros.

O filósofo italiano, Giorgio Agamben (2010), institui sobre essa discussão a figura do *homo sacer*, expressão da “vida nua”. O termo foi tirado do antigo direito romano, onde *homo sacer* era aquele indivíduo que por ser classificado legalmente como homem excluído da legislação, poderia ser morto por qualquer um sem que se constituísse um delito nos níveis legais.

O poder soberano, expresso como todo aquele em conformidade com práticas judiciais legais é responsável pela preservação do direito de agir “soberanamente” impondo a morte aos cidadãos a todo momento. Agamben (2010) faz um esforço em sua obra para afirmar que a vida está ligada sem deslocamentos à política, não havendo possibilidade de distinguir o corpo biológico e o corpo político, o simples fato do nascimento traz consigo a ficção de que nascer é de imediato tornar-se nação. O refinamento das noções de *bíos* – a vida que merece ser vivida, acontece na instituição da *zoé*, ou a “vida nua”, desprovida de garantias e exposta a morte.

A sacralidade da vida, que hoje se pretende fazer valer frente ao poder soberano como um direito humano fundamental em todos os sentidos, expressa, pelo contrário, em sua própria origem, a sujeição da vida a um poder de morte, expressa sua irreparável exposição na relação de abandono (AGAMBEN, 2010, p.91).

O filósofo elabora sua discussão, triangulando a noção de poder soberano e estado de exceção, a fim de demonstrar que entre os velhos estados totalitários, com seus holocaustos, e a democracia, não há tanta distância assim, há presente na contemporaneidade formas mais sofisticadas de controle da vida e da morte dos indivíduos que compõem uma população. Portanto, as práticas de poder disciplinador, em sua face de soberania jurídico-política, produzem identidades e formas de vida que merecem ser vividas, mas as práticas de ascensão da vida estão pautadas no controle sobre a “vida nua”.

O importante dessa discussão é compreender que para haver uma nova política da espacialidade, como propõe Massey (2008), a vida deve ser instituída em ato. Antes de categorizar um corpo como isto ou aquilo, categorizando-o nos moldes governados pela biopolítica, é preciso conceber a vida como plenitude do possível.

Deve-se entender a vida agenciada aos diagramas de relações, jamais como “vida nua”.

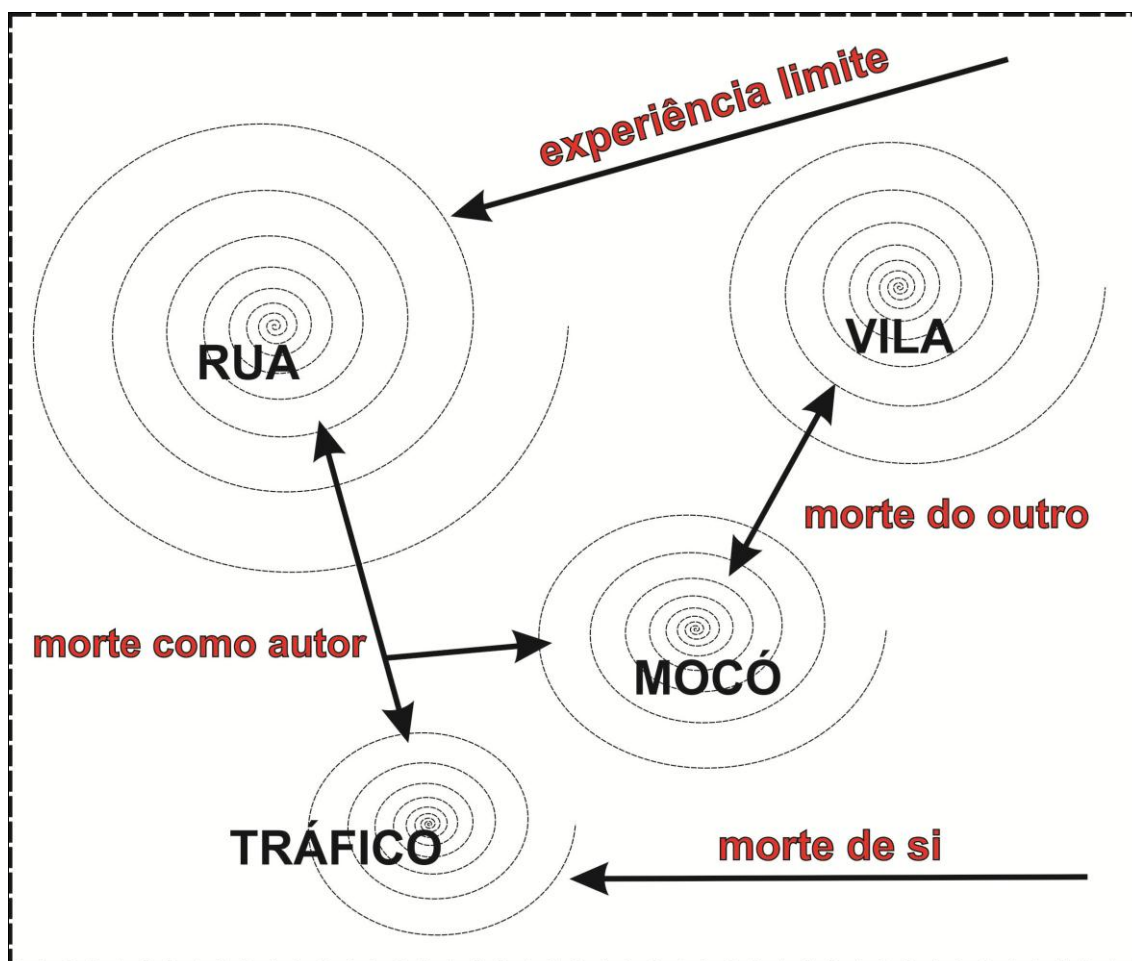
As formas de subjetividade presentes nessa pesquisa precisam ser compreendidas em sua face inter-relacional e espacial, como acontecimento, nunca como uma expressão de delinquência, ou ainda como uma vida sacrificável para a soberania da vida de uma sociedade. É preciso fazer valer de políticas paraestatais baseadas nas espacialidades vivenciadas pelos jovens do sexo masculino e que escapem do jogo biopolítico da soberania do direito da vida qualificada, fazendo viver formas de vida para além desse direito soberano. As políticas de espacialidade, como lembra Massey (2008), devem se estabelecer não pela via da instituição de identidades, mas na possibilidade de coexistência de diferentes formas de vida.

Afirmar isso, não se trata de uma advocacia em favor de formas de vidas que matam. Invés de imediatamente assumir que essas formas de subjetividade são descartáveis à saúde da vida em sociedade, é preciso assumir que a violência expressa nessas formas de vida, está em conformidade a espacialidades violentas. Portanto, é uma questão política, uma nova política da espacialidade, ressaltando suas aberturas e seus fechamentos no nível da materialidade.

As discussões sobre o espaço da instituição de tratamento e biopolítica foram construídas com objetivo de ressaltar o caráter aberto das espacialidades vivenciadas pelos jovens do sexo masculino, moradores de vilas pobres e com envolvimento com o crack.

Relembrando as espacialidades organizadas aqui, elas foram trabalhadas de maneira inter-relacionada aos diagramas da ‘rua’, ‘vila’, ‘mocó’ e ‘tráfico’, por constituírem-se como as espacialidades mais frequentes e onde se concentram a morte por homicídio. Sobre a relação entre essas espacialidades e as categorias evocativas da ‘morte’ temos o seguinte diagrama:

Figura 14 – Diagrama de relações inter-espaciais e a morte



Elaborado por Gomes (2013).

Por meio da miríade de práticas de negociação e contestação, ou simplesmente de sujeição e continuidade, é que as espacialidades são compostas. Todos os elementos até aqui sublinhados e sublimados foram tomados sempre na sua relação com outros componentes. Tomando parte das relações de força, em sua espontaneidade, incitando, induzindo e produzindo, como em receptividade, sujeitando e dando forma. E inferindo nos estratos do saber, através da relação de enunciados e das visibilidades. Sempre na condição interseccional ou de agenciamentos,

São necessários agenciamentos para que estados de forças e regimes de signos entrecruzem sua relações. São necessários agenciamentos para que seja organizada a unidade de composição envolvida num estrato, isto é, para que as relações entre tal estrato e os outros, entre esses estratos e o plano de consistência, sejam relações organizadas e não relações quaisquer. Sob todos os pontos de vista, os agenciamentos maquínicos efetuam a máquina abstrata

[diagrama] tal como ela é desenvolvida no plano de consistência ou envolvida num estrato (DELEUZE e GUATTARI, 1995a, p.86).

Os diagramas aqui construídos são baseados nas categorias discursivas a respeito das vivências espaciais dos jovens do sexo masculino, moradores de vilas pobres e envolvidos com as drogas. Mas, diferente de mapear os lugares e as ações nos lugares, os diagramas foram organizados de maneira a dar inteligibilidade à atualização dos acontecimentos dessas espacialidades, considerando a natureza aberta e sempre em construção do espaço.

A ‘rua’ é o espaço das eventualidades das ‘cenas loucas’ e dos ‘corres’, por meio das quais os meninos estabelecem experiências de quase morte. A ‘vila’ compõe-se na sua relação com os grupos identitários, pelos ‘parceiros’, mas também é o lugar do tráfico de droga e das experiências de morte dos outros. O ‘mocó’ é o enunciado da territorialidade do tráfico na ‘vila’ e nele está presente a figura do ‘camarada’ com quem os meninos partilham as ‘cenas loucas’, o uso de drogas e veem outros morrerem como também matam. E o ‘tráfico’ expressa a linearidade entre o futuro e a morte e seu risco presente.

Através desses componentes gerais, os meninos como formas de subjetividade, performam suas masculinidades agenciados às múltiplas trajetórias e histórias-até-agora de cada espacialidade vivenciada. É por meio dessas linhas de força e estratos do saber que os jovens simplesmente se tornam ‘viáveis’, os qualificando um corpo posicionado nas relações de poder e inteligível nos domínios do saber.

Portanto, retorna-se a noção de ‘profundidade espacial’, desconstruindo a própria ideia de profundidade. A relação das formas de subjetividade estudadas aqui, com as práticas de assassinato ou sua proximidade de morrer vítima de homicídio, acontece muito mais pela via dos agenciamentos espaciais que pela representação de um sujeito-substância “propenso” a violência.

A espacialidade, como diz Massey (2008), compõe-se numa “constelação de trajetórias” e Rose (1999) diz que o espaço é composto por desejo, de ser frente ao outro, por fantasia, *mise-en-scène* do desejo, e por corporalidade. Tomado isso, pode-se tomar as constelações não só em sua expressão de multiplicidade, mas em seu brilho. Quero dizer que uma constelação pode ser entendida como um conjunto de adornos brilhantes que através da performatividade os sujeitos às transformam

em penduricalhos para brilhar e enfeitar-se, ou simplesmente tornar-se cúmplice dos domínios estéticos da espacialidade vivida, seja ela a 'rua', a 'vila' ou o 'tráfico' e sejam os brilhos, roubar, usar drogas ou matar.

Cada espacialidade performa um tipo de relação que aproxima o perfil pesquisado da condição de risco de morrer vítima de homicídio. O risco de morrer tem todo aquele indivíduo na condição de vivo, portanto, mais pertinente que sublinhar os riscos de morte presente no cotidiano de jovens do sexo masculino, é compreender as práticas espaciais desses jovens.

O capítulo teve como objetivo compreender como a morte se figura como um elemento inter-relacional das espacialidades vivenciadas por jovens do sexo masculino, moradores de vilas periféricas pobres e com envolvimento com as drogas. A morte dentre outros componentes relacionais de uma espacialidade toma forma sempre agenciada a outros componentes. As experiências que os jovens do sexo masculino têm da morte de outras pessoas, das autorias de assassinatos, das experiências de quase morte e do risco de vida presente cotidianamente, estão relacionadas às redes de amizades que são formadas através de condutas e estratégias das performances de masculinidade agenciadas à territorialidade do tráfico de drogas das ruas e das vilas periféricas vivenciadas por esses jovens severinos⁹⁷.

⁹⁷ São vidas sofridas e de morte prematura, baseado na obra de João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória investigativa enunciada nessa dissertação teve como objetivo compreender a relação entre as espacialidades vivenciadas por jovens do sexo masculino e a morte por homicídio. Para tanto foram organizados três sub-questões: quem são os jovens, vítimas de homicídio em Ponta Grossa – PR; quais são as espacialidades vivenciadas pelos jovens na constituição de sua vulnerabilidade à morte violenta; e como a morte se constitui em elemento de vivência cotidiana dos jovens em situação de vulnerabilidade à morte.

A pesquisa, portanto, foi organizada em três momentos relacionais entre si. Foi construído um perfil das formas de subjetividade presentes na cidade de Ponta Grossa – PR, que estabelecem uma condição de vulnerabilidade a morrer assassinado. Esse perfil possibilitou um deslocamento analítico, dos corpos mortos às formas de vida que compõem espacialidades violentas que comportam a morte por homicídio como um elemento inter-relacionado. Elaborando “diagramas” foi possível situar algumas trajetórias, dentre a multiplicidade que comporta uma espacialidade, de maneira a delimitar os agenciamentos concretizados e os elementos interseccionados que dão forma e posicionam a morte no cotidiano dos jovens do sexo masculino.

Foi evidenciado que a morte se constitui como um elemento vivo no cotidiano de uma sociedade, na medida em que está agenciada com os elementos espaciais da vida de um indivíduo. Dessa forma a polissemia da morte acontece no nível da materialidade e das práticas espaciais. Pode habitar afetos remotos e brandos como ser repetitivo e ecoante durante uma trajetória de vida, também pode ser violentamente transpassada nas múltiplas dimensões espaciais de uma pessoa, como poder ser deslocada para o silêncio do medo e das salas de hospitais. Fato é que diante das espacialidades tramadas nas formas de subjetividade estudadas a morte marcou sua presença engendrada em diferentes elementos cotidianos e por meio de diferentes faces, todas violentas.

Jovens do sexo masculino, moradores de vilas periféricas pobres com envolvimento com as drogas, compõem uma forma de vida deslocada de muitos saberes hegemônicos presentes na sociedade, como os moldes ideais de família, cidadania, juventude trabalhadora, enfim, vidas merecidas de se “fazer viver” e que constantemente sustentam o governo da “saúde” de uma sociedade. Esses corpos

delinquentes e desajustados são inscritos nas estratégias de poder na forma de ameaça para a conservação e a preservação da vida, contudo, os limites da vida passaram ser instituídos pelas formas de governo-dos-outros hegemônicas.

Um indivíduo ao vivenciar uma espacialidade posiciona-se como sujeito dentre os outros, toma forma em ato e o conjunto desses atos performam uma composição espacial, ou uma *assemblage*, que por sua vez estão conectadas a múltiplas espacialidades outras. Complexificando o domínio espacial do objeto de pesquisa construído, pode-se afirmar que as formas de subjetividades agressivas são compostas simultaneamente a espacialidades violentas, além disso, nesse mesmo movimento, os indivíduos e suas práticas espaciais são inscritos, sem deslocamento, a domínios de saber presentes em outras espacialidades – co-extensivas, mas distintas, e que são “co-responsáveis” por dar continuidade as disposições espaciais como de uma ‘vila’ ou de um ‘mocó’.

As espacialidades do ‘tráfico’ e do ‘mocó’ são provas de que a vivência espacial dos jovens do sexo masculino presentes na pesquisa está agenciada às práticas econômicas da territorialidade do tráfico que se estende desde o nível internacional ao local. Sua ilegalidade faz do tráfico um elemento produtor de novas formas de subjetividades agenciadas não aos domínios estatais, mas a novos dispositivos econômicos, como em práticas de cobrança alternativas. Simultaneamente, performances de masculinidade são elaboradas por jogos de sobrevivência e poder, onde respeito se conquista pela via da ameaça e prova e a centralidade das relações de poder estão permeadas de agressividade em atos violentos e coragem em práticas de morte de outrem.

A vivência espacial dos jovens do sexo masculino em questão não é meramente reflexo das práticas de tráfico de drogas, mas constitutiva. Como foi frisado, através de um espaço em potencial aberto para o múltiplo, se há nele alguma continuidade ou fator “determinístico”, se faz por meio de constantes práticas de poderes estratégicos que sempre se esforçam em permanecer sua disposição atual, frente ao espaço, por essência da diferença.

Essas formas de subjetividade se posicionam não somente como risco a vida por matarem, mas arriscam as relações de poder que atualizam e instituem os domínios da família na sociedade brasileira, bem como das condutas de masculinidade trabalhadora e dócil, do uso da rua apenas para deslocamentos e acessos aos topos essenciais da sociedade como o trabalho, a casa, a escola. O

poder disciplinador é instituído na permanência coesa dos dispositivos de controle. Dessa forma, o perfil de subjetividade estudado parece perambular por esses estratos do saber ou pelas instituições ao modo que se tornam uma ameaça para a continuidade das vidas merecidas de viver.

A espacialidade da ‘rua’ trabalhada nessa pesquisa demonstrou um comportamento transitório na constituição de alianças e identidades, na medida em que os indivíduos presentes nela tomam um caráter volátil e bastante relacional, aberto a eventualidades e disposta a compor trajetórias incertas, por meio de festas, bebedeiras, brigas e principalmente uso de drogas. É certo que essas formas de subjetividade se compõem, pode-se dizer, por uma exacerbada inter-relação com as circunstâncias casuais, compondo trajetórias de ‘cabreragem’ e “espacialidades espiadas” que fazem emergir inúmeros elementos de risco de vida. Há uma proximidade com a morte, ou melhor, os limites entre estar vivo ou morrer assassinado são tomados de acordo com as práticas de governo de si. São governos de sobrevivência frente às ameaças de morte, das desavenças que podem fazer emergir não só brigas por agressões como o uso de facas e armas de fogo, entre outras intempéries presentes no cotidiano da ‘rua’.

Contudo, os jovens do sexo masculino tomaram na pesquisa uma posição paradoxal. Podem ser considerados como corpos que tencionam a normalidade construída por atos repetidos, por meio de performances estilizadas pela ‘vida louca’, conquistada pela participação em ‘cenas loucas’. Também são corpos deslocados das condutas e usos hegemônicos da rua, entretanto, através da espacialidade da ‘vila’ pode ser tomada outra dinâmica espacial, não conflitante, mas co-existente.

A espacialidade da ‘vila’ ressalta os processos de sujeição desses corpos, ou seja, diferente das práticas de liberação por meio de atitudes limites presentes nas ‘cenas loucas’, na ‘vila’ os jovens não fazem mais do que se sujeitarem às condutas locais. Através da rede de amizades com encontros com os ‘camaradas’ e das práticas de uso de droga e roubo com os ‘parceiros’, eles são inseridos numa trama de sociabilidade agenciada também a performances de masculinidade.

Através do desejo de ser frente ao outro, compõem trajetórias que os inserem nas performances dos meninos da ‘vila’, com isso, dão continuidade aos processos de subjetivação engendrados na espacialidade. É como se os jovens do sexo masculino passassem dos domínios da *parresía* para a sujeição, ou seja, invés de

atos de dizer-a-verdade corajosamente correndo risco, passam a dizer somente aquilo que os inserirão nos moldes políticos locais e atuais. Lembrando que, como foi trabalhado no decorrer do texto, essas formas de dizer-a-verdade tomam posição de materialidade, dizer é também agir, práticas são também discursos sendo produzidos no campo espacial. A 'vila' então, como também o 'mocó' e o 'tráfico', dão lugar aos enunciados e a visibilidade dos domínios de saber, no caso, os jovens analisados nos domínios das performances de masculinidade presentes nas espacialidades.

O estudo também demonstrou como a morte se faz presente na vivência espacial de jovens do sexo masculino, moradores de vilas periféricas com envolvimento com as drogas. Analisando as espacialidades da 'rua', da 'vila', do 'mocó' e do 'tráfico', foi possível compreender que a morte comporta diferentes faces e está agenciada a diferentes práticas espaciais.

Através dos componentes presentes nas espacialidades da 'vila' e do 'mocó', os jovens do sexo masculino posicionam-se frente à morte do outro por meio das histórias e testemunhos de corpos assassinados de conhecidos e desconhecidos. Como explicitado, as performances de masculinidade também são evocadas nesse momento na medida em que categorizam um corpo morto, como aquele quem outrora perdeu a guarda e a posição de alerta e não administrou bem sua performance de administrador do uso e do tráfico de drogas, ou perdeu um desafio estabelecido em alguma prova de masculinidade.

O 'tráfico' toma uma condição paradoxal, na medida em que oferece o 'futuro' e faz surgir a presença da morte como um risco iminente. Agenciando-se ao tráfico de drogas os meninos encontram a possibilidade de um recurso financeiro bastante ausente em seus cotidianos, acessam práticas de administração e consumo, bem como recurso para conquistar corpos femininos, ou melhor, as 'muiés'. Entretanto, essa mesma aliança às práticas econômicas do tráfico de drogas faz surgir a face da morte como ameaça cotidiana, e agenciados ao 'tráfico' os jovens precisam estar constantemente alertas e cientes da tensão entre usar drogas e ficar devendo para o 'patrão' do tráfico na 'vila'.

Os mesmos elementos levantados nas espacialidades da 'rua' também são responsáveis por fazer surgir a morte como possibilidade real, ou melhor, por meio de uma experiência limite de quase morte. Trajetórias incertas e abertas à eventualidade trazem consigo perigos eventuais. Experiências que lhes fazem

pensar que por um triz ainda estão vivos, fazem crescer a postura de ‘cabreragem’. Entretanto, posiciona a morte violenta como um elemento “naturalizado” e natural como aquilo que se repete visto que partilha do domínio dos fatos e não das fantasias do porvir.

Por fim, a pesquisa demonstrou que entre a ‘rua’, o ‘mocó’ e o ‘tráfico’ estão presente as experiências de autoria de assassinatos. Essas práticas coadunam com os elementos ressaltados em cada uma dessas espacialidades. As ‘cenas loucas’ estão atravessadas por componentes inter-relacionais, como as performances de masculinidade e a territorialidade do tráfico de drogas. Na intersecção entre os dispositivos de cobranças do tráfico e as performances agressivas e violentas o assassinato torna-se como mais um elemento na continuidade da disposição espacial atual, tanto da territorialidade do tráfico de drogas, como da permanência da trama da centralidade nas relações de poder.

Paralelo aos mergulhos no tempo a fim de compreender os processos formadores de diferentes formas de subjetividades, essa pesquisa se arremessou para dentro do espacial, a profundidade toma uma vertiginosa horizontalidade. Sem imaginar lugares ideais formando identidades mais dóceis, mas reforçando o caráter coextensivo das espacialidades vivenciadas por formas de subjetividade violentas e vulneráveis à morte por homicídio. A trajetória investigativa se compõe como um olhar para o presente, para as responsabilidades de quem somos. Num presente espacial somos o que fazemos. Portanto, maior perigo que esses jovens podem esboçar a nós que obedecemos aos ditames da legalidade é imaginar que temos parte nessa realidade.

Se o tempo vem trazer o terror da morte que se aproxima o espaço traz a responsabilidade das mortes no presente. A morte por homicídio se insere numa inter-relacionalidade constitutiva, ou seja, ainda que haja um perfil de sujeito vitimado, estes não morrem por constituírem-se em trajetórias isoladas, mas por estarem agenciados a domínios de saber e relações de poder que estão em toda parte e por todos os lados são perpetuadas com práticas de medo e silêncio.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

_____. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ANDERSON, Ben. KEARNES, Matthew. MCFARLANE, Colin. SWANTON, Dan. *On Assemblages and geography*. **SAGE - Dialogues in Human Geography**. jul 10. 2012. p.171.

ARIÈS, Philippe. **Sobre a História da morte no Ocidente desde a Idade Média**. 2ª Ed. Lisboa: Teorema, 1989.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERG, Lawrence.; LONGHURST, Robyn. *A bibliography of geography and masculinities*. **ACME: An International E-Journal for Critical Geographies**. P. 1-12, 2003. www.acme-journal.org/MascBib.pdf. Acesso em 12/09/2012.

BORDIN, Marcelo. Geografia do Crime em Curitiba: **A produção de espaço segregados pela violência**. 2009. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Geografia). UFPR, Curitiba – PR.

BRANCO, Guilherme C. Atitude-limite e relações de poder: uma interpretação sobre o estatuto da liberdade em Michel Foucault. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. VEIGA-NETO, Alfredo, SOUZA FILHO, Alípio. (org.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p.137

BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion**. *IF identity*. London: Routledge. 1990.

_____. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. In: **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. Guacira Lopes Louro (org.). Belo Horizonte: Autêntica. 2000.

_____. Judith. **Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABRAL, Vinicius. ; SILVA, Joseli Maria ; ORNAT, Marcio Jose. Espaços de Morte e Representações Sociais de Travestis na Cidade de Ponta Grossa Paraná. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 4, p. 139-161, 2013.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CHIMIN JUNIOR, Alides Batista. **O espaço como componente de vulnerabilidade aos atos infracionais desenvolvidos por adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei em Ponta Grossa – Paraná**. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2009.

_____. Espaço, vulnerabilidade e masculinidade de adolescentes em conflito com a lei. In: **Espaço, gênero e masculinidades plurais**. Joseli Maria Silva; Marcio Jose Ornat; Alides Baptista Chimin Junior (organizadores). Ponta Grossa: Todapalavra, p.55-124. 2011.

CONNEL, Robert W. **Masculinities**. Sydney: Allen e Unwin, 1995.

CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo**. Rio de Janeiro: Imago. 1976.

_____. GUATTARI, Félix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 1**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a.

_____. GUATTARI, Félix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 2**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995b.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. **Diferença e Repetição**. Lisboa: Relógio d'Água. 2000.

_____. **Foucault**. Buenos Aires: Paidós, 2008.

DUARTE, André. **Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

FONSECA, Márcio Alves da. Entre a vida governada e o governo de si. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. VEIGA-NETO, Alfredo, SOUZA FILHO, Alípio. (org.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 241

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **As Palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Microfísica do poder**. 15. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003.

_____. **Segurança, Território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. **A Arqueologia do saber**. 7ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b.

_____. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984)**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. “Versalhes não tem banheiros!” as vocações da geografia cultural. **Espaço e cultura, UERJ, RJ**, n.º 19-20, p.41-49, jan./dez. de 2005.

_____. Um Lugar para a Geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. In: MENDONÇA, Francisco; LOWEN-SAGR, Cícilia Luiza; SILVA, Márcia da. **Espaço e Tempo. Complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba: ADEMAN, 2009.

_____. Espaços Públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço. In: Organizadores Iná Elias de CASTRO, Paulo Cesar da Costa Gomes, Roberto Lobato Corrêa. **Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

GREENHOUGH, Beth. *On the agencement of the academic geographer*. **SAGE - Dialogues in Human Geography**. Jul 10. 2012, p.202

GROS, Frédéric. Situação do curso. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984)**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do 'fim dos territórios' à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HOPKINS, Peter, E. Jovens, Masculinidades, religião e raça: novas geografias sociais. In: Organizadores: Joseli Maria Silva; Marcio Jose Ornat; Alides Baptista Chimin Junior. **Espaço, gênero e masculinidades plurais**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

JACKSON, Peter. *The cultural politics of masculinity: towards a social geography*. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.16, p. 199-213, 1991.

LEITE, Rogerio P. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. **Revista Brasileira de Ciências Sociais - RBCS** Vol. 17 no 49 junho/2002.

LIMA, Cezar Bueno de. **Jovens em conflito com a lei: Liberdade assistida e vidas interrompidas**. – Londrina: EDUEL, 2009.

LONGHURST, Robin. *Geography and gender: masculinities, male identity and men*. **Progress in Human Geography**, v.24,n.3,p.439-444, 2000.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado: pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MARTINS, André. **O mais potente dos afetos: Spinoza e Nietzsche**. André Martins (org.); São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MAYOL, Pierre; GIARD, L; CERTEAU, Michel. de. **A invenção do cotidiano II**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MCDOWELL, Linda. *The trouble with men? Young people, gender transformations and the crisis os masculinity*. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 24, n. 1, March 2000.

_____. ***Redundant Masculinities? Employment change and white working class youth***. Oxford: Blackwell, 2003.

MENEZES, Rachel A. **Em busca da boa morte: antropologia dos cuidados paliativos**. Rio de Janeiro: Garamond: FIOCRUZ, 2004.

MIGNOLO, Walter D. Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. In: SANTOS, Boaventura de Souza. **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 667-710

MORAES, Antonio Carlos Robert. Notas sobre identidade nacional e institucionalização da geografia no Brasil. **Estudos Históricos**, v.4, n.8, p.166-176, 1991.

MORIN, Edgar. **O problema epistemológico da complexidade**. Sintra, Portugal: Europa América, 1996.

OBERHAUSER, Ann M. RUBINOFF, Donna. DE BRES, Karen. MAINS, Susan. POPE, Cynthia. *Geographic perspectives on women*. In: GAILE, Gary L.: WILLMOTT, Cort J. (Ed.) ***Geography in America at the dawn of the 21st century***. Oxford: Oxfrd University Press, 2003. p. 737-758

ORNAT, Marcio Jose. **Território da prostituição e instituição do ser travesti em Ponta Grossa – PR**. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2008.

_____. Espacialidades travestis e a instituição do território paradoxal. In: **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Org. Joseli Maria Silva. Ponta Grossa - PR: TODAPALAVRA, p.177-210. 2009.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v.5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTOCARRERO, Vera. Os limites da vida: da biopolítica aos cuidados de si. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. VEIGA-NETO, Alfredo, SOUZA FILHO, Alípio. (org.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p.419

ROCHA, Heder Leandro. **"Espaço Espiado": O uso de crack como um elemento das espacialidades vivenciadas por adolescentes do sexo masculino em Ponta Grossa - PR**. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2013.

ROSE, Gillian. ***Feminism e geography: the limits of geographical knowledge***. Cambridge: Polity Press, 1993.

_____. *As if the mirrors had bled: masculine dwelling, masculinist theory and feminist masquerade*. In: DUNCAN, Nancy (ed.). ***Bodyspace***. New York: Routledge, p.278, 1996.

_____. *Situating knowledges: positionality, reflexivities and other tactics*. ***Progress in Human Geography***, v.21, n. 3, p. 305-320, 1997.

_____. Gillian. *Performing Space*. In: MASSEY, Doreen; ALLEN, John; SARRE, Phillip. ***Human Geography Today***. Cambridge: Polity Press, p. 247 – 259. 1999.

ROSSI, Rodrigo; CHIMIN JUNIOR, Alides.B. Periferias pobres e masculinidades: uma discussão sobre espaço e elementos identitários dos adolescentes em conflito com a lei. In: ***Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade***. Org. Joseli Maria Silva. Ponta Grossa,PR: TODAPALAVRA, p.211-236. 2009.

ROSSI, Rodrigo. **“Malucos da quebrada”: territórios urbanos na complexidade espacial cotidiana dos adolescentes homens em conflito com a lei em Ponta Grossa – Paraná**. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2010.

_____. Masculinidades e interseccionalidade na vivência de territórios instituídos por adolescentes em conflito com a lei. In: ***Espaço, gênero e masculinidades plurais***. Joseli Maria Silva; Marcio Jose Ornat; Alides Baptista Chimin Junior (organizadores). Ponta Grossa: Todapalavra, p.125-192. 2011.

SANTOS, Márcia Andréia Ferreira. RAMIRES, Julio Cesar de Lima. Contribuições da Geografia ao estudo dos homicídios em Uberlândia – MG/Brasil. ***Anais do X Encontro de Geografia da América Latina, USP***. 20 A 26 de março de 2005.

SILVA, Joseli Maria. Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidade. In: ***Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade***. Org. Joseli Maria Silva. Ponta Grossa,PR: TODAPALAVRA, p.25-54. 2009a.

_____. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica. In: ***Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade***. Org. Joseli Maria Silva. Ponta Grossa,PR: TODAPALAVRA, p.55-92. 2009b.

_____. Geografia feminista, sexualidade e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. In: ***Geografias Subversivas: discursos sobre***

espaço, gênero e sexualidade. Org. Joseli Maria Silva. Ponta Grossa, PR: TODAPALAVRA, p.93-115. 2009c.

_____. Os desafios para a expansão da geografia das sexualidades no Brasil e os limites do diálogo científico internacional. In: SILVA, Joseli Maria, SILVA, Cesar Pinheiro da. (org.). **Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras.** Ponta Grossa, Todapalavra, 2011.

SILVA, Joseli M. e ORNAT, Marcio Jose. Espaço e múltiplas masculinidades: um desafio para o conhecimento científico geográfico brasileiro. In: Joseli Maria Silva; Marcio Jose Ornat; Alides Baptista Chimin Junior (organizadores) **Espaço, gênero e masculinidades plurais.** Ponta Grossa: Todapalavra, 2011. p. 23-54

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomias e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná E. GOMES, Paulo Cesar da C. CORRÊA, Roberto L. (org.). **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SPARKE, Matthew. *Writing on patriarchal missiles: the chauvinism of the gulf war and limits of critique.* **Environment and Planning A**, n.26, p.1061-1089, 1994.

_____. *Displacing the field in fieldwork: masculinity, metaphor and space.* In: DUNCAN, Nancy (Ed.) **BodySpace: destabilizing geographies of gender and sexuality.** London and New York: Routledge, p. 212-233, 1996.

SPINK, Mary Jane. **Práticas discursivas e a produção de sentidos no cotidiano.** São Paulo: Cortez, 1999.

ULPIANO, Claudio. **Acontecimento e campo de poder.** Aula dada no dia 05 de abril de 1989 na Universidade Federal Fluminense – UFF. Aula transcrita no site: <http://claudioulpiano.org.br>. 1989a.

_____. **Corpo e acontecimento.** Aula dada no dia 28 de março de 1989 na Universidade Federal Fluminense – UFF. Aula transcrita no site: <http://claudioulpiano.org.br>. 1989b.

VALENTINE, Gill. *Boundary Crossings: transitions from childhood to adulthood.* **Children's Geographies**, v. 1, p. 37-52, 2003.

WASELFISZ, Julio Jacob. **Mapa da Violência 2011. Os jovens do Brasil.** São Paulo: Ministério da Justiça, 2011.

ANEXO 1**Roteiro de Entrevista Semi-estruturado – 2012****Fernando Bertani Gomes**

Adolescentes da Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro

Ponta Grossa - Paraná

1. Identificação e contextualização:

- local da entrevista:
- nome (fictício):
- idade:
- escolaridade:
- onde mora:

2. Exploração do fenômeno:*Vivência-espço*

- Você conhece pessoas da sua idade que morreram de maneira violenta?
- Essas pessoas conhecidas são pessoas próximas da sua vila (parentes próximos) ou outra áreas da cidade?
- Como você via essa pessoa, que tipo de vida ela tinha, quais eram suas características, o que pode ter levado ela morrer dessa maneira?
- Você conhece pessoas da sua idade que foram ameaçadas de morte?
- Como essas pessoas fazem para se proteger das ameaças e do risco de morrer?

Questões particulares

- Você já recebeu ameaças de morte – de quem?
- Você já ameaçou alguém, porque?
- Pessoas envolvidas nessas ameaças são pessoas próximas?
- O que você faz pra se proteger-precaver das ameaças de morte?
- Como é a perspectiva de morte na sua vida (como você vê-lida com a morte)?
- A morte representa medo pra você?

Sobre o futuro

- A morte influencia seus planos de futuro e atitudes de vida?
- Você tem medo de não conseguir realizar alguma coisa no futuro?

Masculinidade

- Porque você acha que os meninos são os principais personagens de morte – causa-vítima?

3. Avaliação livre:

- O que você pode dizer sobre morte (sua e dos outros)

ANEXO 2**Roteiro de Entrevista Semi-estruturado – 2012****Heder Leandro Rocha**

Adolescentes da Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro

Ponta Grossa - Paraná

Data / Local

1- IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Nome fictício:

Idade:

Local de moradia:

Com quem vive:

Quem identifica como responsável:

Escolaridade:

Renda familiar:

Ocupação dos responsáveis:

2-O perfil de uso do crack entre os adolescentes de baixa renda.

Com que idade você teve a primeira experiência com o crack?

Com quem usava o crack? (em grupo amigos/sozinho/com a família)

Onde e como ocorreu?

Há antecedentes familiares de uso de drogas ou o crack?

Como você classifica sua relação com o crack? (dependência/prazer)

Quais as motivações que levaram ao experimento do crack?

Quais são as sensações que você tem no momento do uso?

Quais são as sensações que você tem após o uso do crack?

Antes do uso do crack, houve uso de outro tipo de droga e quais foram em ordem de uso, associando a idade?

Há uso simultâneo de outras drogas durante o período de uso do crack?

Qual a evolução da frequência do uso do crack antes da internação?

Compare a sensação do uso do crack em relação às outras drogas (se houve uso de outras)

O que levou você à procura de tratamento? Quantas vezes tentou o tratamento?

Quais os locais que você recorreu? Onde encontrou suporte?

3- A vivência temporal/espacial cotidiana dos adolescentes dependentes químicos do crack.

1. Onde o crack esteve acessível para você?
2. Como adquiria o crack para o uso?
3. Quais as relações de troca que ocorria para obtenção do crack?
4. Quais ações infracionais foram cometidas para ter acesso ao crack?
5. Quais as relações de amizade / interesse/ negócios possibilitaram o acesso ao crack? (vizinhança / outras áreas da cidade/ outros espaços privados)
6. Qual é frequência de sua vivência com a presença do crack em sua área de moradia? (ou sociabilidade)
7. Identifique áreas da cidade que o crack está presente e acessível.
8. Identifique locais em que você está impossibilitado do acesso ao crack (locais de proteção)

4- As formas de representação das espacialidades vividas pelos usuários de crack.

- Como você representa sua casa e como as pessoas da sua casa vêem você?
- Como você representa sua área de moradia e como seus vizinhos vêem você?
- Como você representa a cidade e como as pessoas da cidade vêem você?
- Como você representa as áreas que você teve acesso ao crack? Como as pessoas que usam o crack junto com você vêem você? Como você

representa as pessoas que vendem o crack e como eles vêem você?

- Como você imagina seu futuro?

5- A ONG no processo de reorganização da vida do usuário de crack?

- O que a ONG representa?
- O que é o tratamento para você e como você imagina suas relações depois do tratamento?

5- Avaliação livre

ANEXO 3

Banco de Dados para sistematização dos inquéritos policiais da 13ª SubDivisão de Polícia Civil de Ponta Grossa e Varas Estaduais Criminais de Ponta Grossa

Sistema de Inquéritos

Autor de inquérito policial
 Cartório chefe sob nº
 Delegado

Data da abertura do inquérito
 Natureza da infração

Data da infração
 Horário da infração

Local do fato
 Meios utilizados
 Noticiante

Parceria de desenvolvimento do sistema:




Vítimas

Nome da Vítima	Sexo da Vítima	Idade da Vítima	Endereço da Vítima	Filiação da Vítima	Ocupação vítima	Grau de instrução da vítima	Estado civil da Vítima
Registro I de 1 ← → ↶ ↷ 							

Antecedentes/tipo da vítima	Quantidade de anteceden...
Registro de ← → ↶ ↷ 	

Drogas
Registro de ← → ↶ ↷

Depoente	Características vindas do depoente sobre a vítima	Sexo do ...	Percepções do depoente sobre a vítima	Relação do depoente ...
Registro de ← → ↶ ↷ 				

Autor

Nome do autor	Sexo	Idade	Endereço	Filiação	Ocupação	Grau de instrução	Estado Civil	Cor/Raça	Marcas Corporais
Registro I de 1 ← → ↶ ↷ 									

Antecedentes/tipo do Aut...	Quantidade de antecedentes
Registro de ← → ↶ ↷ 	

ANEXO 4**Banco de Dados para sistematização das entrevistas realizadas com os jovens
em tratamento das drogas na Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes
Pinheiro**

Id	Nome		
<Campo			
Evocação	Espacialidade		
Período da Vida			
Pessoa-Outro	Local-Lugaridade	Afeto-Expressão-Composição	
	Interseccionalidade	Índice	
Texto da Evocação			

Índice de evocação:
1 – simples;
2 – impacto;
3 – citação;

4 – sexualidade;
5 – droga;
6 – violência;
7 – morte.

ANEXO 5

Autorização para realização das entrevistas**Requerimento s/nº**

Trata-se do pedido formulado pelo mestrando HEDER LEANDRO ROCHA, visando autorização para que na qualidade de mestrando em Gestão de Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, possa ter acesso aos dados referentes à Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes, visando a realização de trabalho de conclusão de mestrado.

Autorizo o acesso aos dados solicitados (que deverão ser disponibilizados pela Comunidade Terapêutica), desde que em períodos previamente acordados com a entidade de modo a não atrapalhar o andamento dos serviços.

Fica consignada a ressalva de que os dados colhidos, relativos à identidade e vida pessoal dos infantes e adolescentes, não sejam utilizados para a pesquisa, observando-se rigorosamente o sigilo que norteia os respectivos processos.

Ciência à acadêmico e Comunidade Terapêutica com cópia desta decisão.

Após, archive-se em pasta própria.

Ponta Grossa, 09 de janeiro de 2012.

NOELI SALETE TAVARES REBACK
Juíza de Direito

(Tha)

DATA DE RECEBIMENTO

Recebi nesta data estes autos da MM. Juíza de Direito.
Dou Fé.
Ponta Grossa, 11 / 01 / 2012.

R